

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

GABRIELA HEBERLE

**APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS COMO FORMA DE
COMUNICAÇÃO EM PORTO ALEGRE**

PORTO ALEGRE

2016

GABRIELA HEBERLE

**APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS COMO FORMA DE
COMUNICAÇÃO EM PORTO ALEGRE**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Comunicação
Social: Publicidade e Propaganda na Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Helena Weber

Porto Alegre - RS

2016

GABRIELA HEBERLE

**APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS COMO FORMA DE
COMUNICAÇÃO EM PORTO ALEGRE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Comissão de Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Conceito: _____

Data da aprovação: _____

Componentes da Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Weber

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Adriana Coelho Borges Kowarick

Examinadora

Prof.^a Dr.^a Cassilda Golin Costa

Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha família, amigas e amigos, e todos aqueles que me acompanharam durante esses meses de trabalho intenso, pelo carinho, apoio e compreensão da minha ausência, ou da minha distração, mesmo quando presente nos últimos tempos.

Em especial à Betina e Michel por todo o amor e suporte ao longo desses anos, tenho certeza que ser filha de pais arquitetos influenciou de alguma forma este trabalho de comunicação social com um pézinho no urbanismo, afinal nos espelhamos em quem admiramos.

À Giu, irmã, amiga, colega, conselheira e melhor companhia para estudar na biblioteca, discutir sobre o TCC no parque, tomar uma cerveja, e por que não para falar sobre patos?

Ao Emerson, por estar sempre por perto, me apoiando, consolando e tranquilizando nos momentos que mais precisei.

E por fim, à minha orientadora, Milena, por me encorajar ao acreditar que minhas ideias poderiam se transformar num trabalho que contribui para a produção de conhecimento.

*Cada pessoa tem em mente uma cidade
feita exclusivamente de diferenças, uma cidade
sem figuras e sem forma, preenchida pelas
cidades particulares.*

Italo Calvino

RESUMO

Este trabalho busca identificar a cidade de Porto Alegre como um lugar de interação social e de ressignificação do espaço público a partir da análise das diversas práticas alternativas de intervenção urbana. A pesquisa é de abordagem exploratória e tem como métodos a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso. Através dessa pesquisa buscou-se um entendimento das dimensões espacial, simbólica e social dos centros urbanos, desde seus primórdios até os dias atuais, além das questões acerca da complexidade do espaço público e a capacidade comunicativa da cidade, destacando as mais relevantes intervenções sobre esses espaços com foco no movimento situacionista, reconhecido como um dos precursores e com grande influência teórica sobre os demais movimentos. A análise teve como objeto a cidade de Porto Alegre e as práticas de intervenção atuais e recorrentes no território urbano. Os escolhidos para investigação foram: *Shoot The Shit*, *Serenata Iluminada*, *Arruaça*, *Defesa Pública da Alegria*, feira *Me Gusta*, *Mosaico Intervenção Urbana*, *Xadalu*, *Largo Vivo*, *Massa Crítica* e ainda algumas ocupações e protestos que ocorreram na cidade. As técnicas utilizadas no estudo foram a análise documental e entrevista semiestruturada. De forma geral, concluiu-se que nas ações propostas por cada uma dessas organizações, etapas genéricas podem ser percebidas, sendo elas, essencialmente: debater sobre uma tensão estabelecida na cidade, evidenciar essa situação por meio de uma ação construída publicamente e, finalmente, gerar novas experiências sensíveis, despertando a consciência de um número maior de indivíduos ou até mesmo de órgãos públicos sobre aquela tensão.

Palavras chave: espaço público; intervenção urbana; cidade; comunicação pública; ressignificação; movimento situacionista.

RESUMEN

En este trabajo se pretende identificar la ciudad de Porto Alegre como un lugar de interacción social y de resignificación del espacio público a partir del análisis de varias prácticas alternativas de intervención urbana. La investigación es exploratoria y sus métodos son la búsqueda bibliográfica y el estudio de caso. A través de la búsqueda bibliográfica se intentó establecer una comprensión de las dimensiones espaciales, simbólicas y sociales, de los centros urbanos desde sus inicios hasta el día de hoy, las ideas sobre la complejidad del espacio público, la capacidad comunicativa de la ciudad, además de destacar las intervenciones más relevantes estos espacios, centrándose en el movimiento situacionista, a ser reconocido como uno de los precursores y tienen una gran influencia teórica en otros movimientos. El estudio de caso tuvo como objeto la ciudad de Porto Alegre y prácticas de intervención en el territorio urbano recurrentes en la actualidad. El elegido para la investigación fueron: *Shoot The Shit*, *Serenata Iluminada*, *Arruaça*, *Defesa Pública da Alegria*, *feira Me Gusta*, *Mosaico Intervenção Urbana*, *Xadalu*, *Largo Vivo*, *Massa Crítica* y también algunas ocupaciones y protestas que se produjeron en la ciudad. Las técnicas utilizadas en el análisis fueron el análisis de documentos y la entrevista semi-estructurada. En general, se concluyó que las acciones propuestas para cada una de estas organizaciones pueden ser percibidos pasos generales, que son principalmente: discutir una tensión establecida en la ciudad; mostrar esta situación por medio de una acción construida públicamente; y, finalmente, generar nuevas experiencias sensoriales y de dar a conocer un mayor número de individuos o incluso de organismos públicos por la tensión.

Palabras clave: espacio público; intervención urbana; ciudad; comunicación pública; resignificación ; movimiento situacionista.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - The Naked City.....	21
Figura 2 - Adesivo “Que Ônibus Passa Aqui?”.....	57
Figura 3 - Novas placas de sinalização da EPTC.....	57
Figura 4 - Golfe no asfalto na Rua Dona Laura.....	57
Figura 5 - “A Natureza Recarrega”.....	58
Figura 6 - “Dorme Com Essa”.....	59
Figura 7 - “Bom Fim para o Lixo Seco”.....	59
Figura 8 - “Se Essa Rua Fosse Minha”.....	60
Figura 9 - “Salve uma vida. Apague seu cigarro”.....	60
Figura 10 - “Não Pise Na Lava”.....	60
Figura 11 - Imagem de capa do Facebook da Serenata Iluminada.....	63
Figura 12 - Serenata Iluminada na Redenção.....	63
Figura 13 - Monalisas na esquina da Rua José do Patrocínio.....	65
Figura 14 - Monalisas na Avenida Independência.....	65
Figura 15 - Stencil grande do Xadalu em um muro.....	67
Figura 16 - Stencil colada atrás de placa de trânsito.....	67
Figura 17 - Cartaz “Área Indígena” colado nos tapumes da Andradas.....	68
Figura 18 - Atenção: Área Indígena no muro da Mauá.....	69
Figura 19 - 22ª edição da feira Me Gusta.....	70
Figura 20 - Atração da Me Gusta à noite na Praça Garibaldi.....	70
Figura 21 - Festa Arruaça em frente ao Mercado Público.....	72
Figura 22 - Largo Glênio Peres em dia de Largo Vivo.....	75
Figura 23 - Imagem de Perfil do Facebook da Defesa Pública da Alegria.....	77
Figura 24 - Banner da Massa crítica.....	78
Figura 25 - Prédio da FABICO ocupado.....	81
Figura 26 - Protesto pró-impeachment no Parcão.....	84
Figura 27 - Protesto contra o impeachment na Redenção.....	84
Figura 29 - Arco sobre a entrada da estação Mercado do Trensurb.....	93
Figura 30 - Arco tomado pela multidão na festa Arruaça em 2015.....	94
Figura 31 - Arco tomado pela multidão no Grande Ato contra a PEC 241.....	94
Figura 32 - Congresso Nacional tomado por manifestantes em Brasília, 2013.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas em comum para a realização das ações.....	88
Quadro 2 - Categorias.....	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2 A CIDADE.....	15
2.1 Histórico.....	15
2.2 Mapas da cidade.....	20
3 ESPAÇOS PÚBLICOS.....	23
3.1 O Espaço público e a rua.....	23
3.2 O Espaço público expandido.....	27
4 A COMUNICAÇÃO DA CIDADE.....	31
4.1 A cidade como texto.....	31
4.2 Símbolos e identidade.....	33
4.3 Formas de comunicar.....	36
5 PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO URBANA.....	40
5.1 A Internacional Situacionista.....	41
5.1.1 A teoria da deriva.....	44
5.2 Manifestações Artísticas.....	45
PARTE II – APROPRIAÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO, EM PORTO ALEGRE.....	48
6 OBJETO DE ANÁLISE E METODOLOGIA.....	48
6.1 Metodologia de análise.....	48
6.2. Objeto de análise: movimentos da cidade.....	49
6.3 Porto Alegre, o cenário.....	50
7 AS PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO, OCUPAÇÃO E MANIFESTAÇÃO.....	54
7.1 Shoot The Shit.....	54
7.2 Serenata Iluminada.....	61
7.3 Mosaico Intervenção Urbana.....	64
7.4 Xadalu.....	65
7.5 Me Gusta: Arte, moda, música e variedades.....	69
7.6 Arruaça.....	71
7.7 Largo Vivo.....	73
7.8 Defesa Pública da Alegria.....	75
7.9 Massa Crítica.....	78
7.10 Ocupações.....	79
7.10.1 Ocupação Pandorga.....	79
7.10.2 Kuna Libertária.....	80
7.10.3 Ocupações contra a PEC 241/55.....	81
7.11 Manifestações.....	83

7.12 Derivas em Porto Alegre.....	85
8 ANÁLISE.....	87
8.1 Etapas e categorias.....	87
8.2 Percepções sobre a apropriação da cidade.....	90
8.2.1 Segurança.....	90
8.2.2 Interações.....	91
8.2.3 Horizontalidade.....	92
8.2.4 Efemeridade.....	92
8.2.5 Ressignificação.....	93
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICE A - ENTREVISTA I: SHOOT THE SHIT.....	103
APÊNDICE B - ENTREVISTA II: SERENATA ILUMINADA.....	110

1 INTRODUÇÃO

As civilizações caracterizam a vida nas cidades, que ocorrem quando o ser humano modifica o ambiente e cria vínculos entre a natureza e o próprio homem. Mesmo se tratando de conceitos antigos e já muito trabalhados, como é o caso das cidades, o que se pode observar atualmente, é um novo olhar diante do meio urbano, na qual ao unir-se à comunicação e às tecnologias, os espaços públicos da cidade podem revelar-se como importantes meios de propagação de mensagens e transformação social.

De acordo com Certeau (2012), por mais que a cidade seja um marco para as estratégias socioeconômicas e políticas, ela não pode ser controlada, podendo também ser considerada como um organismo portador de vida: uma estrutura complexa, suportando uma infinidade de atividades que a transformam constantemente. Por mais que a arquitetura e o traçado de ruas e praças sejam seu registro físico, também são um modo de pensar sem linguagem. Portanto, o espaço é sempre portador de um significado, cuja expressão passa por outras formas de comunicação (PESAVENTO, 1999).

Na tentativa de associar arte, comunicação e também abordar um tema atual, vi surgir a possibilidade de estudar os modos de se construir a cidade e a conseqüente relação com a apropriação do espaço público por seus habitantes para propagar mensagens artísticas, políticas ou sociais. Esse tema não surgiu de repente, ele já era um assunto latente, que precisava apenas ser lapidado e explorado por mim.

Ao longo dos últimos anos, pude observar uma forte mobilização de ressignificação dos espaços públicos na capital gaúcha. Essas percepções me inquietavam, gerando um questionamento sobre o porquê desses movimentos. Percebi que essa mobilização partia de diversas áreas e, hoje, Porto Alegre conta com uma grande quantidade de eventos realizados na rua, que buscam a valorização de espaços que antes eram desvalorizados ou estavam abandonados. As festas de rua, brechós, feiras de gastronomia, ocupações, manifestações artísticas e políticas, entre outras são exemplos dessa mobilização.

A escolha de Porto Alegre para ser o local de análise dessas práticas urbanas alternativas não foi difícil, visto que resido nesta cidade desde 1994, quando nasci, com exceção dos seis meses que morei em Alicante, na Espanha, no primeiro semestre de 2014, quando realizei um intercâmbio de estudos. Com certeza, a visão que tenho sobre a cidade

mudou muito durante esses 20 anos, e claro, a cidade mudou também. Por mais que eu tenha morado praticamente toda minha vida na mesma região, me mudando apenas para 3 quadras de distância, as atividades que realizo sempre mudam e as relações interpessoais também. A cada emprego novo em uma região diferente, os pontos de referência se modificam: o que antes era uma região praticamente desconhecida da cidade, passa a ser uma paisagem recorrente. Outro fato que me motivou foi a curiosidade de entender porque ela é considerada uma cidade rica culturalmente, porém com diversas problemáticas.

O fato de ter realizado um intercâmbio de estudos contribuiu muito para a elaboração de um questionamento sobre as relações entre os indivíduos e o meio onde vivem, pois além de conhecer Alicante, tive o privilégio de conhecer dezenas de outras cidades, sendo possível criar novas referências de modelos urbanos que funcionam ou não e seus porquês. Quando viajamos, começamos a perceber com mais clareza aquilo que não está certo ou até mesmo aquilo que sentimos falta na nossa cidade natal.

Alguns meses antes de partir para meu destino espanhol, passei a observar com muito mais minuciosidade a minha própria cidade, diversas vezes me colocava no lugar de um turista e imaginava o que me chamaria atenção se estivesse pisando pela primeira vez em Porto Alegre. Inclusive, ser turista, enquanto estive viajando, em alguns casos me irritou muito, pois além de mim, havia uma massa de outros turistas fazendo as mesmas atividades que eu. Todos possuíam o mesmo mapa, frequentavam os mesmos museus, parques, restaurantes, ou seja, as cidades já apresentavam uma rota predeterminada que era seguida pela grande maioria.

Do olhar de um turista, as metrópoles entre si eram muito parecidas, haviam as igrejas, o bairro antigo, um miradouro para observar a cidade, além dos milhões de restaurantes que vendiam o prato típico daquela região. A partir dessa observação, crescia cada vez mais a minha vontade de conhecer as cidades como elas realmente eram, não sob o ponto de vista de um turista, mas sim de um cidadão que reside ali e, muitas vezes, opta pela calmaria de um café na esquina de sua casa ao invés de uma praça altamente movimentada.

Antes de querer conhecer a realidade de outras capitais pelo mundo, comecei a desbravar minha própria cidade, refletindo sobre as experiências que vivi ao longo dos anos, sobre as manifestações que participei, as frases e artes que pude apreciar espalhadas pelos muros e postes, e até sobre o porquê estar bebendo uma cerveja em uma sexta-feira de noite na Redenção, onde antes jamais imaginava ser possível frequentar sem correr risco de vida.

Partindo desse contexto, este estudo teve como motivação o seguinte problema de pesquisa: de que forma as práticas alternativas de intervenção se utilizam dos espaços públicos para se comunicar com a cidade de Porto Alegre e com seus cidadãos? Para responder o problema proposto, busco neste trabalho trazer o conceito de ressignificação do espaço público para o cotidiano da cidade de Porto Alegre, e analisar como os coletivos/manifestações exploram esses espaços como uma plataforma para propagar mensagens sociais, políticas e artísticas. Os objetivos específicos, são:

- Aprofundar os conceitos acerca do território urbano, como cidade e espaço público;
- Identificar a cidade como um lugar de interação social e de produção de novos significados;
- Contextualizar historicamente as intervenções sobre o espaço público e a relação entre cidade, política e arte;
- Compreender como os projetos dos coletivos e manifestações se integram à cidade de Porto Alegre e descobrir o que há de comunicação nessa integração;
- Avaliar a importância desses coletivos, suas diferenças e particularidades, mostrando de que forma eles podem transformar as realidades sociais no cotidiano porto-alegrense.

Para atingir os objetivos utilizo a pesquisa bibliográfica, pesquisa histórico-descritiva e a análise dos coletivos a partir do referencial teórico-metodológico da Internacional Situacionista e as teorias da Deriva.

Para tanto, a monografia está estruturada em nove capítulos. Após esta primeira introdutória, na segunda abordo as dimensões espacial, simbólica e social que os centros urbanos apresentam, evidenciando as cidades desde seus primórdios até os dias atuais com base em autores da comunicação, mas principalmente buscando referências em autores de outras disciplinas, como história, sociologia e arquitetura.

No terceiro capítulo busco trazer as questões acerca da complexidade do espaço público, como seus conceitos principais, os elementos que o constituem, e também sua expansão para além do espaço físico, visto que estamos na era da informação, onde tudo que acontece atualmente, ou se instaura, ou se finaliza nas redes.

Na quarta parte, trabalho a capacidade comunicativa da cidade, embasando-me principalmente em Ferrara (2008), Mela (1999) e Canevacci (1993), trazendo a possibilidade de sua "leitura", pois a paisagem urbana comunica informações a seu respeito, podendo

transmitir sentidos, vivências e valores. O objetivo neste capítulo é colocar a comunicação no centro das especulações e percebê-lo como uma peça chave que interliga tantos outros fragmentos da cidade.

No quinto capítulo busco contextualizar historicamente as intervenções sobre o espaço público e a relação entre cidade, política e arte, apontando os diversos movimentos que aderiram a essa tendência em aproximar a obra de arte ao cotidiano, tornando-a interativa com manifestações culturais de outra linguagem ou natureza, ocupando espaços públicos. Constatei que existe um número imensurável de práticas ao redor do mundo, por isso destaco aqui apenas as mais relevantes manifestações e também foco no movimento Situacionista, por ser reconhecido como um dos precursores e por possuir uma grande influência teórica sobre os demais movimentos.

Apresento, no sexto capítulo a metodologia de análise, assim como o objeto escolhido, e discorro sobre a identidade de Porto Alegre, o cenário em que se passa o estudo.

No sétimo capítulo, enumero as práticas realizadas na cidade, trazendo um breve histórico, objetivos, formas como os grupos trabalham e algumas imagens. Os escolhidos para análise foram: *Shoot The Shit*, *Serenata Iluminada*, *Arruaça*, *Defesa Pública da Alegria*, feira *Me gusta*, *Mosaico Intervenção Urbana*, *Xadalu*, *Largo Vivo*, *Massa Crítica* e ainda algumas ocupações tanto de casas abandonadas, quanto de escolas e universidades, além de protestos que ocorreram na cidade, por exemplo contra o aumento da passagem em 2013, manifestações contra e a favor do impeachment da presidenta Dilma e manifestações contra o governo Temer. Realizei entrevistas com integrantes de alguns movimentos, e estas se encontram nos apêndices deste trabalho.

Finalmente, no oitavo capítulo, a partir do levantamento desses dados, elaborei tabelas classificando os movimentos em categorias e também identifiquei etapas comuns entre essas as práticas de intervenção para realizar as ações.

PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO

2 A CIDADE

“Povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas” (LUFT, 2002). É essa descrição que encontramos no dicionário quando procuramos pela palavra “cidade”. Esse conceito pode ser considerado incompleto, pois descreve, de forma simplificada sua estrutura física (casas e edifícios dispostos em ruas e avenidas), porém sabemos que a cidade envolve muito mais que suas construções, sendo representada em seu conjunto de valores, crenças, culturas e relações.

As cidades são vivas e, portanto mutáveis, elas crescem e se renovam, assim como nossos corpos, as ruas e avenidas são como veias que ligam determinados pontos a outros, os indivíduos que nela se locomovem são como o sangue que circula por essas veias. O centro da cidade, nessa metáfora pode ser o coração, onde tudo ocorre, onde há grande fluxo e troca de informações. A cada segundo que passa, alguma mudança acontece, sejam as folhas das árvores que caem, os tijolos que vão sendo adicionados a uma obra, ou o próprio movimento dos cidadãos pelas suas ruas.

Busca-se, neste capítulo, fazer uma breve introdução ao entendimento das dimensões espacial, simbólica e social que os centros urbanos apresentam, desde seus primórdios até os dias atuais. Para compreender melhor e aprofundar os conhecimentos que abordam essas questões no âmbito da cidade e suas origens, apoiem-se em autores de outras disciplinas, como história, geografia, sociologia e arquitetura.

2.1 Histórico

Nos períodos Paleolítico e Neolítico o homem já construía seus abrigos, suas casas, mas ao que se sabe, nada de parecido com uma cidade. Segundo Rolnik (1995), os primeiros embriões de cidade de que temos notícia foram os zigurates, templos que apareceram nas planícies da Mesopotâmia em torno do terceiro milênio antes da era cristã. “Plantar o

alimento, ao invés de coletá-lo ou caçá-lo, implica definir o espaço vital de uma forma mais permanente. A garantia de domínio sobre este espaço está na apropriação material e ritual do território” (ROLNIK 1995, p. 13). Assim sendo, podemos considerar que a civilização é a vida nas cidades, e ela ocorre quando o ser humano modifica o ambiente e cria relações entre o próprio homem e a natureza.

Conforme Rolnik (1995, p. 12), “ser habitante da cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos essa participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos.” De todas as cidades, provavelmente é a *polis*, cidade-estado grega que melhor representa uma dimensão política do urbano, pois ao praticar uma organização da vida em sociedade, a *polis* abre caminhos para outros tipos de experiência política.

“Do ponto de vista territorial uma *polis* se divide em duas partes: a *acrópole*, colina fortificada e centro religioso, e a cidade baixa, que se desenvolve em torno da ágora, grande local aberto de reunião.” (ROLNIK 1995, p. 22).

Da mesma forma se referiam os romanos às *civitas*, a cidade no sentido de participação dos cidadãos na vida pública. Se no caso da *polis* ou da *civitas* o conceito de cidade não se referia à dimensão espacial da cidade e sim à sua dimensão política, o conceito de cidade não se refere ao morador da cidade, mas ao indivíduo que por direito, pode participar da vida política (ROLNIK 1995, p. 22).

Segundo Arendt (2007, p. 66), “A *polis* era para os gregos, como a *res publica* para os romanos, em primeiro lugar a garantia contra a futilidade da vida individual, o espaço protegido contra essa futilidade e reservado à relativa permanência, senão à imortalidade dos mortais.”

Historicamente, é muito provável que o surgimento da cidade-estado e da esfera pública tenha ocorrido às custas da esfera privada da família e do lar. Contudo, a antiga santidade do lar, embora muito mais pronunciada na Grécia clássica que na Roma antiga, jamais foi inteiramente esquecida. O que impediu que a *polis* violasse as vidas privadas dos seus cidadãos e a fez ver como sagrados os limites que cercavam cada propriedade não foi o respeito pela propriedade privada tal como a concebemos, mas o fato de que sem ser dono de sua casa, o homem não podia participar dos negócios do mundo porque não tinha nele lugar algum que lhe pertencesse (ARENDR, 2007, p. 38).

O ato de habitar ganha então uma nova dimensão, uma vez que está ligado à memória que, ao contrário da lembrança, não se dizima com a morte.

Viver em cidades, ou construí-las, significa inevitavelmente viver de forma coletiva, pois na cidade nunca se está sozinho, dependemos uns dos outros para seu funcionamento. Conforme Rolnik (1995, p. 20), “Da necessidade de organização da vida pública na cidade, emerge um poder urbano, autoridade político-administrativa encarregada de sua gestão. Sua primeira forma, na história da cidade, é a de um poder altamente centralizado e despótico: a realeza.” A guerra é a base do poder do rei, e através dela ele conquista e defende o território, além de manter seu poder, ao controlar seus súditos. A cidade da realeza é a cidadela; recinto murado e fortificado onde se encontram o palácio, o templo e o silo. É da cidadela que se dirigem os grandes trabalhos de construção, se contabiliza a produção e os tributos, se comanda a guerra (ROLNIK, 1995).

A origem da cidade se confunde portanto com a origem do binômio diferenciação social/centralização do poder. Este se coloca tanto internamente (para os vários grupos ou classes sociais da cidade em questão) quanto externamente, na conquista e ordenação dos territórios sobre seu poder (ROLNIK, 1995, p. 21).

A ágora ou a cidadela, de maneiras diversas, marcam a centralidade do poder na cidade e sua visibilidade, definindo as regras do jogo do exercício da cidadania. Podemos também observar a centralidade do poder urbano no desenho de diversas outras cidades antigas, porém, se observarmos atualmente, grandes metrópoles são multicentradas, ou passam por uma descentralização desse poder urbano.

Em resumo, pude observar diversas fases da constituição das cidades: a cidade antiga, construída em pedra ou em argila era mais fortaleza do que cidade, pois era defendida por muralhas, palácios e templos, e esses meios construtivos a delimitavam fisicamente no alto de colinas ou montanhas, para ressaltar a perenidade e força que a destacavam; já a cidade grega trouxe como principal elemento de distinção a ágora, como ponto de encontro e debate; a cidade medieval se utilizava muito das cores que invadiam o interior das catedrais através da luz que competia com a sombra para iluminar ou para esconder; a cidade renascentista modelou em ortogonalidade, proporção e simetria a forma grega, expandiu em horizontalidade as suas janelas ou repetiu, em verticalidade rítmica, as suas colunas (FERRARA, 2008).

Os séculos 17 e 18, segundo Ferrara (2008), passaram a valorizar os espaços centrais construídos para a visível ostentação e a esconder espaços periféricos que se destinavam aos marginalizados, essa hierarquia era percebida através da horizontalidade das grandes

avenidas. No século 19, o ferro e o vidro estruturaram os grandes espaços comerciais que indicavam a nascente industrialização da cidade, surgiram então as galerias, os salões de exposição, as estações ferroviárias. Finalmente, a revolução industrial, com a necessidade de acomodar grandes contingentes populacionais, iniciou a especialização urbana que, nos séculos 19 e 20, se definiu como disciplina. Surgiu o urbanismo e a necessidade de fazer do plano urbano o grande meio de construir e fazer cidades funcionais e democráticas (FERRARA, 2008).

A cidade contemporânea, para Weber (2007), traz em cada uma de suas particularidades, a síntese de mundo globalizado. Mesmo assim, também necessita demarcar sua identidade, suas diferenças, seus segredos. “As cidades podem ser descritas em mapas, indicações geográficas, monumentos, sensações, palavras, arte e imagens, mas a imensidão de sentidos que é capaz de provocar a transformará em muitas.” (WEBER, 2007, p. 248).

Atualmente, percebemos uma configuração de cidade dominada pelo mercado, comum das cidades capitalistas. Rolnik (1995) afirma que é a partir de um determinado momento da história que as cidades passam a se organizar em função do mercado, gerando um tipo de estrutura urbana que não só opera uma reorganização do seu espaço interno, mas também redefine todo o espaço circundante, atraindo para a cidade grandes populações.

Certo, não há mais muralhas; ao contrário da cidade antiga, a metrópole contemporânea se estende ao infinito, não circunscreve nada senão sua potência devoradora de expansão e circulação. Ao contrário da cidade antiga, fechada e vigiada para defender-se de inimigos internos e externos, a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade de circulação. São fluxos de mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado, rompendo barreiras, subjugando territórios (ROLNIK, 1995, p. 9).

A terra urbana que antes era comumente ocupada, agora é mercadoria e a organização da cidade passa a dividir a sociedade em classes. “Nas grandes cidades hoje, é fácil identificar territórios diferenciados: ali é o bairro das mansões e palacetes, acolá o centro de negócios, adiante o bairro boêmio onde rola a vida noturna, mais à frente o distrito industrial, ou ainda o bairro proletário.” (ROLNIK, 1995 p. 40). Em Porto Alegre, por exemplo, temos a Cidade Baixa como bairro boêmio, na Zona Sul e arredores do Parque Moinhos de Vento encontramos concentrada grande parte da burguesia porto-alegrense, no Centro, encontram-se os comércios e grande circulação de pessoas e em outros bairros como Farrapos, Humaitá e outros na Zona Norte e periferia de Porto Alegre encontram-se moradias mais populares.

É como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais. É a este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos da cidade chamam de segregação espacial (ROLNIK, 1995, p. 41).

Os lugares do consumo do tempo livre variam em função de especializações setoriais e, além disso, segundo Mela (1999), os vários tipos de espaço podem situar-se em locais muito distantes uns dos outros, embora bem ligados pela rede de transportes e telecomunicações, (que não é o caso de Porto Alegre e das cidades brasileiras em geral). Para muitos indivíduos, isto traduz-se na experiência de uma vida cotidiana dispersa pelo território e dependente da eficiência dos transportes. Sendo assim, alguns indivíduos sempre serão privilegiados em relação à outros, que para participar de um evento à noite, no parque Farroupilha, por exemplo, necessitarão pegar dois ônibus, que circulam somente até determinados horários.

De acordo com Mela (1999), existem duas ordens de fatores, que estão ligadas estreitamente e contribuem para determinar a explosão das diferenças: por um lado, os que favorecem o aumento efetivo da heterogeneidade nos contextos metropolitanos e, por outro, os que concorrem para tornar ainda mais acentuada a percepção das diferenças e fazer com que, na sua base, se produzam expectativas, reivindicações e atitudes diferentes das do passado mais recente. Esse caráter duplo da cidade estimula nos cidadãos aquela que se chama *arte de se expor*, vontade de participar e realizar pesquisas no campo estático. (MELA, 1999). “Os indivíduos expõem-se quando se sentem frustrados, quando estão no meio do caminho entre o êxito e o malogro” (SENNET, 1990 p. 231 apud MELA, 1999 p. 155).

Tal é a condição dos grupos juvenis que deixam nos *graffiti* um traço da sua existência social - é o reconhecimento da sua própria marginalização, mas também uma reação a ela, que os impele a olhar em volta e experimentar as possibilidades estéticas contidas nos materiais que têm à sua disposição no seu ambiente de vida (MELA, 1999, p. 155).

Pode-se notar, atualmente, uma reorganização de noção do espaço público e privado, quando, por exemplo, do ponto de vista do modelo burguês, “casa” e “rua” são dois termos em oposição: a rua é a terra-de-ninguém perigosa que mistura classes, sexos, idades, funções, posições na hierarquia; a casa é território íntimo e exclusivo. (ROLNIK, 1995)

A questão da segregação ganha sob este ponto de vista um conteúdo político de conflito: a luta pelo espaço urbano. Para os membros da classe dominante, a

proximidade do território popular representa um risco permanente de contaminação, de desordem. Por isso deve ser, no mínimo evitado. Por outro lado, o próprio processo de segregação acaba por criar a possibilidade de organização de um território popular, base da luta por trabalhadores pela apropriação do espaço da cidade (ROLNIK, 1995, p. 51).

As cidades mudaram muito desde seus primórdios até os tempos atuais, e mesmo as contemporâneas são muito diferentes uma das outras, porém, em sua maioria, possuem uma lógica estrutural muito semelhante. Facilmente aplicamos um modelo padrão em qualquer cidade: o centro, bairros mais ricos, outros mais pobres, zona comercial, zona boêmia, e assim por diante. E essa divisão do espaço, infelizmente contribui muito para a segregação da sociedade.

2. 2 Mapas da cidade

Um dos métodos utilizados para obter uma compreensão da cidade, conforme Wilhelm (2008), é o método do mapeamento cadastral. Segundo esse, a elaboração de vasta série de mapas que revelam a ecologia urbana deveria ser suficiente para retratar a situação encontrada. Mapas de uso do solo, de volumes construídos, de áreas verdes existentes, distribuição de equipamento escolar e hospitalar, traçado de linhas de transportes ou até mesmo mapas turísticos, são todos instrumentos indispensáveis para registro e úteis para compreensão almejada. Mas, igualmente insuficientes.

Ao caminhar pela cidade, um pedestre não se limita ao traçado gráfico do mapa, visto que ele constitui com relação à sua posição, um próximo e um distante, uma cá e um lá, um possível e um proibido. O caminhante, a partir de um conjunto de possibilidades, atualiza alguma delas, desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam, ou deixam de lado elementos espaciais (CERTEAU, 2012).

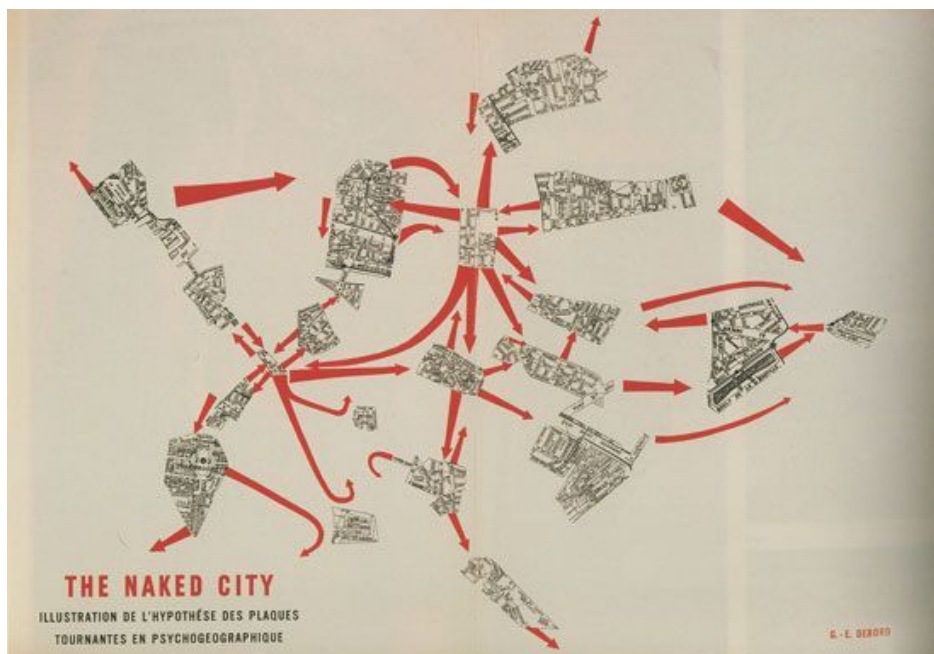
Percorrer e observar uma rua pode constituir um método extremamente significativo: a prevalência de certos usos do solo, a incidência de luminosos de restaurantes típicos, a extrema busca de personalização de fachadas originalmente iguais em um conjunto habitacional, a vida social de calçada, as ruas desertas ou as densamente utilizadas, o uso da sombra ou do sol, sujeira ou limpeza, o que é escrito nos *grafiti* murais, a preferência por "estilos" arquitetônicos, a concentração de farmácias ou *boutiques* ou livrarias; os sons e ruídos urbanos, com sua dominância de buzinas, ou roncões de motor, ou música gravada ou gritos. Esses dados registrados pela

sensibilidade do urbanista são significativos e podem orientar as primeiras indagações e primeiras hipóteses (WILHEIM, 2008, p. 79).

Em concordância com o trecho citado, os situacionistas (grupo formado por artistas, pensadores e ativistas que lutava contra o espetáculo, que será aprofundado mais adiante) criaram mapas psicogeográficos, realizados em função de derivas reais, que eram imaginários e subjetivos, e apenas ilustravam uma nova maneira de aprender o espaço urbano através da experiência afetiva desses espaços. Esses mapas, experimentais e rudimentares, desprezavam os parâmetros técnicos habituais pois estes não levam em consideração aspectos sentimentais, psicológicos ou intuitivos, que muitas vezes caracterizam muito mais um determinado espaço do que os aspectos simplesmente físicos, formais, topográficos ou geográficos (JACQUES, 2003).

Cartografias subjetivas, ou mapas afetivos, chegaram a ser efetivamente realizados, e um deles tornou-se quase um símbolo situacionista, composto por vários recortes do mapa de Paris e setas vermelhas que indicam aleatoriamente as ligações possíveis entre essas diferentes unidades. Por mais que sejam aleatórias, na verdade as setas demonstram uma organização afetiva desses espaços ditada pela experiência da deriva:

Figura 1: The Naked City



Fonte: Guy Debord, 1957¹

¹ Disponível em <<http://transforms.tumblr.com/post/527643611/the-naked-city-guy-debord-1957-via>> Acesso em 10 out. de 2016.

A confecção de mapas psicogeográficos e até simulações, como a equação - mal fundada e completamente arbitrária - estabelecida entre duas representações topográficas, podem ajudar a esclarecer certos deslocamentos de aspecto não gratuito mas totalmente insubmisso às solicitações habituais. As solicitações dessa série costumam ser catalogadas sob o termo de turismo, droga popular tão repugnante quanto o esporte ou as vendas a crédito (DEBORD, p. 39 apud JACQUES, 2003).

Hoje, com o advento das tecnologias, temos acesso ao mapa mundi praticamente o tempo todo, basta clicar alguns botões. Com certos aplicativos, inclusive, conseguimos saber em tempo real onde há engarrafamento na cidade, acidentes, ou policiamento. Também é muito fácil pesquisar na internet pontos turísticos de uma cidade, por exemplo, e até em alguns sites especializados em viagens conseguimos descobrir lugares que jamais conheceríamos por conta própria. É perceptível que essa facilidade cria uma vontade ainda maior de construir nossos próprios mapas, não aqueles predeterminados pelas agências de turismo, pois queremos, exclusividade, ser os únicos a desbravar aquele cantinho inóspito da cidade, queremos conhecer aquilo que não se encontra nos mapas.

3 ESPAÇOS PÚBLICOS

De acordo com o que foi visto até o momento, pode-se afirmar que quando pertencemos à uma cidade, significa antes de mais nada, que vivemos coletivamente, pois cidade é feita de pessoas para pessoas, sendo um conjunto de territórios onde há encontro entre essas pessoas para o compartilhamento, troca e disputa: de valores humanos, culturais e econômicos, de experiências, objetos e criatividade. O espaço público de uma cidade é muito estimulante para essas atividades, por isso é o território máximo de expressão da coletividade e do comum, de percepção de si e também do outro, da diversidade e da riqueza da mistura. É nos espaços públicos que essas diferenças se esbarram e se comunicam, onde é possível sentir-se livre e seguro, é nesses lugares em que podemos agir de forma coletiva e individual ao mesmo tempo.

Neste capítulo, busca-se trazer as questões acerca da complexidade do espaço público, como seus conceitos principais, sua capacidade de comunicar, e também, sua expansão para além do espaço físico, visto que estamos na era da informação, onde tudo que acontece atualmente ou se instaura ou se finaliza nas redes.

A partir de um determinado contexto notou-se o espaço público da cidade contemporânea como uma plataforma para difundir a arte, e por isso, buscou-se também fazer um levantamento das formas de apropriação do espaço público, por determinados grupos artísticos que começam a relacionar arte e vida, rompendo com as formas clássicas de manifestações artísticas, como museus, galerias, entre outros que faziam da arte algo restrito, que era antes quase que exclusivo a indivíduos pertencentes aos grupos de maior poder aquisitivo.

3.1 O Espaço público e a rua

Conceituar “espaço público” não é tarefa tão simples, visto que existem inúmeras variações e interpretações feitas em relação a este termo. De maneira simplificada, os espaços públicos seriam uma oposição aos espaços privados, porém é possível aprofundar um pouco

mais esses conceitos e encontrar algumas divergências e pontos em comum entre as definições de cada autor.

Antes de comparar o espaço público ao espaço privado, Certeau (2012) faz uma distinção entre lugar e espaço, sendo lugar, uma ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência, portanto uma configuração instantânea de posições, implicando uma indicação de estabilidade. Já espaço, seria um lugar praticado, ou seja, se toma em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. Por exemplo, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres quando caminham por ela.

O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio” (CERTEAU, 2012, p. 184).

Na abordagem utilizada por Gomes, o “espaço público deve considerar, por um lado, sua configuração física e, por outro, o tipo de práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem.” (2002, p. 172). Ao se tratar de sua forma física, o espaço público pode ser definido como qualquer tipo de espaço que não apresente obstáculos à acessibilidade e participação de qualquer indivíduo, tendo em vista que sejam respeitadas todas as diferenças e discórdias entre os segmentos sociais que convivem coletivamente (GOMES, 2002). No entanto, ao colocar o espaço público como o lugar do discurso político, se faz necessária a co-presença de indivíduos para que este lugar desempenhe tal função. Assim, esse tipo de espaço é o lugar onde os problemas se apresentam, tomam forma, ganham dimensão pública e, simultaneamente são resolvidos (GOMES, 2002).

Mela (1999) define por espaço público, “um território não apropriado por ninguém - um ponto de encontro em que todos podem acampar com os mesmos direitos” (1996, p. 150). Ou seja, uma rua, uma praça, um parque comunal é de todos e de ninguém em particular. O autor complementa ainda que estabelecer um contato, nesse caso não significa que as desigualdades sociais serão anuladas, mas pelo menos o indivíduo estará num terreno neutro, que não predetermina o êxito do confronto. (MELA, 1999) “Aquilo que melhor as caracteriza [as cidades] é o seu espaço público, sem o qual não passariam de um aglomerado de locais reservados a diversos indivíduos.” (MELA, 1999, p. 150).

Ferrara (2003) faz um contraponto entre espaço privado e público, sendo o primeiro caracterizado pela intimidade que agasalha comportamentos emotivos do indivíduo recluso em si mesmo, como amar, sofrer, chorar ou pensar e o segundo caracterizado por alicerçar comportamentos que exigem o coletivo como expressar, representar, jogar, trapacear, mostrar ou dividir. “Se o espaço privado sugere a atmosfera confessional da solidão, o espaço da vida pública, ao contrário, supõe a troca e a comunicação.” (FERRARA, 2003, p. 196).

A cultura do espaço público é obra do século 18, seu apogeu está marcado pela emergência da cidade cosmopolita no século 19 e pela fruição da vida pública dos bulevares, cafés e passagens até a eclosão da definitiva incorporação das transformações culturais introduzidas pela Revolução Industrial mecânica que agrupou, de um lado, produção e consumo e de outro, reprodutibilidade técnica e percepção sem compromissos estéticos e míticos (BENJAMIM, 1975, p. 15,16 apud FERRARA, 2003, p. 193).

O espaço público funciona de uma forma desordenada, porém, é possível sim enxergar uma ordem nessa desordem:

Sob a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e da liberdade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso das calçadas, que traz consigo uma sucessão permanente de olhos. Essa ordem compõe-se de movimento e mudança e, embora se trate de vida, não de arte, podemos chamá-la na fantasia de forma artística da cidade e compará-la a dança - não a uma dança mecânica, com os figurantes erguendo a perna ao mesmo tempo, rodopiando em sincronia, curvando-se juntos, mas a um balé complexo, em que cada indivíduo e os grupos têm todos papéis distintos, que por milagre se reforçam mutuamente e compõem um todo ordenado. O balé da boa calçada urbana nunca se repete em outro lugar; e em qualquer lugar está sempre repleto de novas improvisações (JACOBS, 2000 p. 52 apud FERRARA, p. 197).

É no espaço público que ocorrem as trocas, as interações entre diferentes indivíduos e entre os indivíduos e a cidade. Esses espaços podem ser vistos simplesmente como o local aberto da cidade em que as pessoas circulam e passam o tempo livre, mas também como um palco da cidade, onde o espetáculo acontece sem ensaio, e cada vez de forma diferente.

É característico das cidades um tipo de risco ou oportunidade: defrontar-se com estranhos, circular em espaços coletivos, cruzando com desconhecidos e em situações que frequentemente não se podem prever. Nas ruas urbanas, quando são ocupadas coletivamente, pode-se experimentar uma grande variedade de estímulos, incluindo uma diversidade humana que passa por nós e a que nos expomos (CAIAFA, 2007).

Lefebvre (1999) utiliza argumentos tanto contra quanto a favor da rua. Ao ressaltar seus pontos positivos, o autor afirma que a rua é um lugar do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis em locais como cafés, teatros e salas diversas. Esses lugares privilegiados animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. Na rua é possível ser espetáculo, espectador e ator. Nela, efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada.

Quanto ao acontecimento revolucionário, ele geralmente ocorre na rua. Isso não mostra também que sua desordem engendra uma outra ordem? O espaço urbano da rua não é o lugar da palavra, o lugar da troca pelas palavras e signos, assim como pelas coisas? Não é o lugar privilegiado no qual se escreve a palavra? Onde ela pôde tornar-se “selvagem” e inscrever-se nos muros, escapando das prescrições e instituições? (LEFEBVRE, 1999, p. 30).

Para Lefebvre (1999), a rua contém a função informativa, a função simbólica e a função lúdica. Nela joga-se, nela aprende-se. A rua é desordem. “Todos os elementos da vida urbana, noutra parte congelados numa ordem imóvel e redundante, liberam-se e afluem às ruas e por elas em direção aos centros; aí se encontram, arrancados de seus lugares fixos. Essa desordem vive. Informa. Surpreende.” (LEFEBVRE, 1999 p. 30).

Ainda a favor da rua, o autor afirma que “por esse espaço, um grupo (a própria cidade) se manifesta, aparece, *apropria-se* dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado. Uma tal apropriação mostra que o uso e o valor de uso podem dominar a troca e o valor de troca” (LEFEBVRE, 1999 p. 30).

[A rua] Não se trata simplesmente de um lugar de passagem e circulação. A invasão dos automóveis e a pressão dessa indústria, isto é do lobby do automóvel, fazem dele um objeto-piloto, do estacionamento uma obsessão, da circulação um objetivo prioritário, destruidores de toda a vida social e urbana (LEFEBVRE, 1999, p. 29).

Ao levantar os argumentos contra a rua, Lefebvre (1999) chama atenção para a rua, como sendo uma “série de vitrines”, exposição de objetos à venda, mostrando como a lógica da mercadoria é acompanhada de uma contemplação (passiva) que adquire o aspecto e a importância de uma estética e de uma ética. “É assim que se pode falar de uma *colonização* do espaço urbano, que se efetua na rua pela imagem, pela publicidade, pelo espetáculo dos objetos: pelo “sistema dos objetos” tornados símbolo e espetáculo.” (LEFEBVRE, 1999 p.

31). Novamente vemos o capitalismo em cena ditando as regras do jogo do exercício da cidadania.

Trata-se de uma aparência caricata de apropriação e de reapropriação do espaço que o poder autoriza quando permite a realização de eventos nas ruas: carnaval, bailes, festivais folclóricos. Quando à verdadeira apropriação, a da “manifestação” efetiva, é combatida pelas forças repressivas, que comandam o silêncio e o esquecimento (LEFEBVRE, 1999, p. 31).

Pode-se observar isso ocorrendo claramente quando a polícia age de forma truculenta e desnecessária em manifestações de rua.

Lefebvre (1999) pôde observar, a partir dos trabalhos de Jane Jacobs (1992), que nos Estados Unidos, por exemplo, a rua (movimentada, frequentada) fornece única segurança possível contra a violência criminal (roubo, estupro, agressão). Onde quer que a rua desapareça a criminalidade aumenta, se organiza. Uma rua habitada não precisa de polícia. De fato, a violência é muito mais provável nas regiões despovoadas, onde as pessoas preferem permanecer entre conhecidos em ambientes familiares, onde o espaço público está abandonado. Afinal, segundo Caiafa (2007), são os desconhecidos ao nosso redor que facilitam o nosso acesso ao circularem juntamente conosco pela cidade. “A ocupação coletiva é a nossa garantia. É a mistura urbana, a concentração e a circulação, o contágio em plena rua que garantem a nossa presença e a nossa liberdade para circular e, portanto, a nossa relação ativa com a cidade” (CAIAFA, 2007, p. 25).

3.2 O Espaço público expandido

De acordo com Ferrara (2008), no século XIX, emergem a sociologia, o urbanismo e a comunicação e, naquela época, parecia que o enfrentamento do espaço como desafio do conhecimento havia conquistado sua plenitude, porém, o século XX impõe que se considere os elementos heterodoxos que fazem o espaço perceptível e instigante, ao mesmo tempo que exige que ele seja enfrentado por si mesmo e distante da ortodoxia do tempo como medida do homem e de sua ação. “O espaço se tornara mais do que nunca, social e, agora cibernético, torna-se hipersocial.” (FERRARA, 2008, p. 43).

Essa grande manifestação dos meios de comunicação de massa nos meados do século XX e a crescente globalização econômica do planeta sustentada pela tecnologia eletrônica e

digital da informação e da comunicação impõe outra dimensão interpretativa do espaço público e passamos da sua localização territorial para o deslocamento midiático e virtual (FERRARA, 2008).

Surge a cibercultura virtual e frequentemente anônima, ao mesmo tempo em que se constata um inegável alargamento do espaço público, que passa a ser planetário e seu veículo de comunicação não se restringe à palavra, mas se expande em uma ação de novas características democráticas, pois, virtual, essa democracia não se submete a monopólio do estado, de programas ou de ideologias. As relações vão além do espaço público cosmopolita, ou melhor, recria-se o domínio público, mas, agora, sem limites geográficos, sociais ou territoriais. Esse novo espaço público é virtual e em franca expansão mundial (FERRARA, 2008, p. 72).

O espaço virtual não pode ser considerado nem público e nem privado, pois, de acordo com Ferrara (2003), ele é anti-tradicional e sem fala, sem identidade ou emblemas, sem memória que caracterizam a identidade e o pertencer, mas claramente a-temporal, fazendo parte de qualquer época ou tempo. A compreensão do domínio público é alterada pela omissão do seu espaço que, agora, não se desloca, porque é virtual, mas simplesmente acena como informação a ser processada. “É o espaço público do mega-mundo eletrônico e das metrópoles com mais de dez milhões de habitantes.” (FERRARA, 2003, p. 200).

Nesse meio, tudo é rápido e original, porém, o envolvimento e entretenimento são substituídos por um contato que pode ocorrer entre pessoas que nem mesmo se conhecem, mas convivem num diálogo anônimo sem a necessidade do contato físico ou visual.

Mela (1999) traz algumas questões acerca do destino da cidade e do seu espaço público, já que com os avanços tecnológicos, os espaços públicos passariam a assumir cada vez mais um papel funcional, visto que na paisagem eletrônica, a cidade construiria apenas um conjunto de terminais da rede e, portanto, desse novo espaço público. No entanto, segundo o autor:

[...] com grande simplificação, podemos, por um lado, estudar teses que exprimem a convicção de uma ruptura essencial, porventura definitiva, na continuidade do significado da experiência urbana, enquanto outros afirmam que tenderá a recompor-se talvez de forma renovada, no futuro, graças à função insubstituível do encontro directo em público (MELA, 1999, p. 152).

Alguns autores apocalípticos, citados por Mela (1999), sustentam que o destino das metrópoles é de um declínio inevitável, porém, na versão otimista e na qual este trabalho se baseia, a comunicação direta e a comunicação por via informática não estão destinadas a colidir, mas antes a reforçar-se reciprocamente.

Neste sentido, é particularmente explícita a posição de Gottman (1991) apud Mela (1999), o qual sustenta que a cidade continuará a exercer uma função essencial nos cenários futuros, não impedindo as enormes transformações que lhe dizem respeito. E não só hoje, mas há pelo menos um século, com o desenvolvimento das telecomunicações, sucederam-se as profecias que anunciavam o declínio definitivo das cidades perante a possibilidade de manter os contatos sem abandonar a sua habitação. A evolução efetiva demonstrou antes o contrário:

A circulação das pessoas a breve e longa distância não pára de aumentar; o desejo de estar presente em todas as formas de manifestação, participar pessoalmente nas reuniões, conviver *face to face* acentua-se. E tudo isto anima, multiplica, sobrecarrega as redes, faz crescer ou explodir os centros das grandes cidades (GOTTMANN, 1991, p. 20 apud MELA, 1999, p. 153).

Foi possível perceber, com a leitura de diversos autores, essa latente discussão sobre o “medo” de que espaços planejados para descanso, encontro e lazer, como praças, parques e ruas se transformem em um espaço vazio, ausente de manifestações, trocas e comunicação, visto que hoje estamos vivendo uma aceleração da aceleração, na qual as informações independem de um espaço público para se deslocar.

Hoje cada vez mais nós arquitetos e urbanistas ouvimos falar de desterritorialização do espaço público (...) lemos os textos mais instigantes e todos estão falando da desmaterialização, desterritorialização, desenraizamento, desregulamentação, desreferenciação, desmanche. (...) Mas no meu entender podemos tentar ver de duas maneiras esse algo que está “derretendo”. (...) fácil ter um ponto de vista negativo sobre o que está desestruturando, porque a referência que temos é a do que está desaparecendo; mas é difícil ver o que está surgindo, porque muitas vezes não temos olhos para ver o seu interesse, a sua positividade nova, que está emergindo e ajudando a fazer com que tudo pareça estar desarticulado. (...) estamos numa fase de transição de uma sociedade para outra, e a sociedade nova tem características muito singulares. Quanto mais sua tecnologia se concretiza, quanto mais o processo se amplia, mais essa sociedade nova se desestrutura a anterior, desestruturando também os valores dessa sociedade “antiga” (SANTOS apud FIGUEIREDO, 2010, p. 39).

Para Figueiredo (2010), não há um abandono da cidade, mas sim uma outra forma de usá-la, ela ainda existe como “cenário” para práticas cotidianas, porém ela vem acompanhada de uma descaracterização do que é um lugar social, uma praça onde as pessoas se conectam a internet deixa de ser um lugar físico social e passa a ser um lugar virtual social. A partir disso, percebe-se que há uma falta insustentável de limites, trocas capazes de sombrear nossa experiência de uma cidade habitável. A visão atravessa imagens que se apresentam em uma sequência de planos impalpáveis e transparentes.

Assim como o rádio não substituiu o jornal, a televisão não substituiu o rádio e a internet não substituiu a televisão, as redes sociais também não substituíram os espaços públicos que proporcionam encontros e passeios pela cidade. Certamente a internet provocou mudanças drásticas na forma como as pessoas se comunicam, interagem, estudam, trabalham e se divertem, porém ela pode ser vista não como um monstro que irá acabar com todas as outras formas de agir no mundo, mas pode sim, ser importante de forma a complementar as experiências daqueles que a utilizam. Se antes, a realização de um evento despendia todo o tempo de elaboração, criação de um panfleto, impressão e distribuição, hoje em pouquíssimo tempo, cria-se um evento no Facebook e é possível convidar todos os amigos da rede.

4 A COMUNICAÇÃO DA CIDADE

“Compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou encruzilhadas herméticas.” (CANEVACCI, 1993, p. 35). A cidade está sujeita a uma diversidade de olhares e o objetivo aqui é colocar a comunicação no centro das especulações e percebê-la como uma peça chave que interliga tantos fragmentos.

As cidades, de alguma forma ou de outra, sempre se comunicaram, seja com seus palácios, mercados, residências particulares, lojas, monumentos, com o tráfego e com a organização do espaço. Por isso, estamos acostumados a procurar numa cidade somente a sua riqueza artística, comercial ou industrial. Porém, de acordo com Canevacci (1993), *tudo é cultura*, de um ponto de vista antropológico num contexto urbano (tanto a poluição, a criminalidade quanto as novas seitas religiosas), “as impostações que se declaram pós-modernas individuaram no fim da distinção (moderna) entre cultura material e patrimônio artístico, ou entre o passado e o presente, mistura fragmentária que levou à condição atual” (CANEVACCI, 1993, p. 36).

Na verdade, conforme Canevacci (1993), foi justamente na cultura (como mescla dos modos de vida popular, de massa e de elite) que se encontrou uma fonte enorme de riqueza, a qual reestruturou as grandes cidades, dando-lhes um novo tipo de poder. Assim, a cultura da comunicação passou por estimular pesquisas e inovações aplicadas nesse novo tipo de forma urbana: a cidade-cultura, a cultura-comunicação, a comunicação urbana.

O objetivo desse capítulo é identificar a cidade como um lugar de diálogo, de trocas e ressignificações. Observando nos elementos da cidade a sua capacidade de transmitir sentidos, vivências e valores.

4.1 A cidade como texto

Para enxergar uma realidade urbana, inicialmente devemos observá-la. Costuma-se dizer que a paisagem urbana comunica informações a seu respeito, sendo, portanto possível a sua "leitura". Essa implica percepção. Ou seja, o urbanista deve poder observar para perceber o que há atrás e dentro da paisagem urbana (WILHEIM, 2008). Assim como no discurso de

Wilheim, outros autores que também abordam a temática urbana trazem à tona a metáfora que compara a cidade com um texto, que pode ser escrito, lido, interpretado e reinventado.

Mela (1999), por exemplo, vê a possibilidade de atribuir à cidade um caráter análogo ao do texto poético, que se gera precisamente através de sínteses imprevistas de palavras, conceitos e imagens e, por seu turno, pode ser lido de tal modo que surgem sempre novas interpretações.

Contudo, para que possa haver uma leitura inovadora e criativa do *texto urbano*, é necessário que o intérprete o encare com uma visão livre, capaz de se deixar envolver nas suas sugestões sem ficar vinculado a exigências exclusivamente instrumentais (MELA, 1999, p. 154).

Nesse mesmo sentido, Rolnik, (1995) afirma que é possível traçar um paralelo entre a possibilidade de empilhar tijolos, que criam formas geométricas e o agrupamento de letras, que formam palavras para representar sons e ideias. Desta maneira, pode se considerar que construir cidades significa também uma forma de escrita. Na história, esses dois fenômenos - escrita e cidade - acontecem quase que simultaneamente, impulsionados pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo.

A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social: quando os cortiçados transformam o palacete em maloca estão, ao mesmo tempo, ocupando e conferindo um novo significado para um território; estão escrevendo um novo texto. É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases (ROLNIK, 1995, p. 18).

Para Certeau (2012), o escritor que formula uma frase pode ser comparado a um pedestre que decide seu percurso. O autor afirma que “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos” (1990, p. 164) e considera a função “enunciativa” como um “processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma *realização* espacial do lugar (assim como o ato da palavra é uma realização sonora da língua)” (CERTEAU, 2012, p. 164).

O espaço geométrico dos urbanistas e dos arquitetos parece valer como o “sentido próprio” construído pelos gramáticos e pelos linguistas visando dispor de um nível normal e normativo ao qual se podem referir os desvios e variações do “figurado”. De fato, este “próprio” (sem figura) permanece não localizável no uso corrente, verbal ou pedestre; é apenas a ficção produzida por um uso também particular, o uso metalinguístico da ciência que se singulariza justamente por essa distinção (p. 167).

Como se pode observar, a partir das afirmações dos autores citados, na escrita, juntamos letras para construir palavras que constroem frases e assim contam histórias, que, ao serem lidas poderão ser interpretadas de maneiras diferentes por cada pessoa, já que cada um complementa a história com suas vivências, que variam de um indivíduo para outro. Na construção de cidades ocorre o mesmo. Aquele indivíduo que ergue uma parede, o fez por alguma razão, porém com o passar do tempo outros poderão ressignificar esse espaço, criando novas formas, valores e sentidos.

4.2 Símbolos e identidade

A cidade, segundo Mela (1999), não é apenas uma forma específica de organização social no território, mas também um conjunto de símbolos, estratificados no curso da história. Esses símbolos exprimem-se tanto nas estruturas físicas (ruas, praças e monumentos), como nos modos de vida, cerimônias, rituais da vida urbana, ou ainda nas imagens e discursos que falam da cidade. Pesavento (1999) concorda com Mela (1999) que a cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento:

Ainda insistindo nos desafios que este nosso final de século tem trazido à baila, teríamos a questão da pluralidade de saberes, expressos em discursos e em produções de imagens, que cruzam e não se excluem, dando ao conhecimento uma dimensão transdisciplinar. Assim, a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros (PESAVENTO, 1999, p. 9).

A dimensão simbólica da cidade, conforme Mela (1999), está profundamente ligada à vida social e à experiência cotidiana dos habitantes por um elo, que constitui relações num duplo sentido. Por um lado, o simbolismo urbano representa um ponto de referência que estrutura e condiciona de muitos modos a atividade social, entrando em profundidade nos processos que definem a identidade dos indivíduos singulares e coletivos. Por outro, a própria atividade social e a interação entre indivíduos de identidades heterogêneas contribuem para reproduzir e, ao mesmo tempo, modificar continuamente os símbolos ligados à cidade.

Uma tentativa para definir categorias mais abstratas e gerais para enfrentar os problemas aqui discutidos é efectuada por Shields (1991) apud Mela (1999), que propõe o conceito de espacialização social (*social spatialization*) para designar o processo contínuo de elaboração simbólica do espaço. Esse conceito de *espacialização social* não pretende atribuir-se apenas às imagens propostas por operadores especializados, mas também às que emergem da comunicação e das práticas da vida cotidiana (MELA, 1999).

A identidade, de acordo com Mela (1999), é o resultado de um confronto contínuo do indivíduo que opera num sistema social, com os outros, que o leva a construir uma representação de si mesmo, da sua unidade pessoal, da distinção entre o seu e o dos outros, do papel desempenhado na sociedade e da posição ocupada nas hierarquias sociais. Como este processo se desenrola através da relação com os outros, existe uma interacção contínua entre a construção da sua própria identidade, conseguida pelo indivíduo na primeira pessoa, e o reconhecimento dela por parte dos outros. “A construção da identidade, porém, não se situa no vazio, mas num contexto social e espacial preciso, de que faz parte a cidade, com os símbolos que lhe estão ligados” (MELA, 1999, p. 145).

A pessoa como residente de uma determinada cidade adquire um certo número de características quase-psicológicas associadas a ela. Por exemplo, uma cidade pode ser ‘cosmopolita’ em contraste com outras ‘provincianas’, ‘rica’, ‘tradicional’, ‘calorosa’, ‘industriosa’, ‘limpa’, etc., enquanto outras são rejeitadas desdenhosamente como ‘pobres’, ‘monótonas’, ‘ruidosas’, ‘frias’, etc (Lalli, 1992 p. 293 apud MELA, 1999, p. 145).

Essas características da cidade são transferidas aos cidadãos, construindo assim uma identidade relativa à cidade. Os porto-alegrenses, para quem é do interior do Rio Grande do Sul, podem ser classificados como “guri/guria de apartamento”, enquanto para moradores de uma capital mais cosmopolita, como São Paulo, por exemplo, o porto-alegrense é aquele colono que fala “tu” ao invés de “você”.

Morar em um determinado bairro ou viver num tipo específico de casa equivale instantaneamente a receber um elemento de identificação, que pode desempenhar um papel essencial nos casos em que o espaço urbano se articula em partes fortemente desiguais. A identificação pode atuar tanto no sentido positivo para quem reside em bairros elegantes, como, ainda mais, no negativo, para quem vive em áreas da cidade consideradas bolsas de pobreza, insegurança e desvantagem social (MELA, 1999).

Geralmente, atribuímos aos outros ou assumimos uma identidade relativa à cidade de forma quase inconsciente e através de processos de racionalização, desde a infância, interiorizamos os caracteres simbólicos ligados ao contexto urbano.

Paralelamente, determina-se um processo de identificação afectiva com a cidade, o bairro ou com âmbitos ainda mais limitados. Ou seja, desenvolvem-se *sentimentos de pertença territorial* - sente-se parte de uma comunidade espacialmente definida, sente-se envolvido nos assuntos que o rodeiam, se é atingido positiva ou negativamente por juízos expressos a seu respeito (MELA, 1999, p. 146).

Esses sentimentos de pertença territorial na qual o autor se refere, consideram a cidade como uma espécie de sujeito coletivo que, por assim dizer, transfere alguns dos seus caracteres para sujeitos individuais, conferindo-lhes identidade. Porém, também é importante analisar a relação inversa, na qual os caracteres vão dos habitantes à cidade (MELA, 1999).

O cidadão não se limita a receber passivamente um patrimônio simbólico herdado da tradição, modelando nele a sua própria identidade, mas, ao invés disso, apropriam-se dele ativamente, podendo interpretá-lo, modificá-lo e em determinadas circunstâncias, recusá-lo totalmente ou em parte. De qualquer maneira, esta interação entre a ação dos habitantes e os símbolos urbanos não só contribui para construir a identidade dos indivíduos, mas favorece a definição de uma identidade da cidade, ou seja, faz com que esta seja encarada como uma entidade singular e “irrepetível”, dotada de uma atmosfera cultural que “contradistingue” inequivocamente (MELA, 1999).

A construção social do símbolo urbano, quando consegue produzir uma estratificação dos significados, rica e coerente, confere a uma cidade o carácter típico e peculiar que a torna inconfundível não só aos olhos de quem a habita e frequenta mas também do visitante mais apressado. Carácter esse que, de qualquer modo faz com que o encontro com a cidade se possa comparar, com uma significativa metáfora, ao encontro com uma pessoa (MELA, 1999, p. 149).

Conforme foi visto até aqui, as características que formam a identidade da cidade são transferidas para os cidadãos e vice-versa. Assim sendo, os moradores são peça fundamental para a formação da identidade das cidades, que podem e devem estar sempre se modificando. Muitas vezes, quando classificamos uma cidade como “amigável”, por exemplo, não queremos dizer exatamente que a cidade é amiga, mas que as pessoas nas quais tivemos contatos foram receptivas, formando então uma personalidade para essa cidade. Assim como, por exemplo, uma cidade limpa é assim pois seus cidadãos têm consciência da separação do lixo, ou uma cidade é considerada um pólo cultural pois seus habitantes têm o costume de ir

ao cinema, teatro, museu, shows, etc, uma cidade não será considerada rica culturalmente só porque possui muitos museus se ninguém frequentá-los.

4.3 Formas de comunicar

Ao estudar a cidade e seus espaços, pode-se percebê-la como um complexo sistema comunicativo onde se confrontam os suportes materiais que a constróem, sua imagem contaminada pela rotação de estereótipos de cidade e o processo interativo que se processa, através do uso cotidiano, e alicerça valores e comportamentos (FERRARA, 2008).

Rossi (1995, p. 13 apud Ferrara 2008, p. 41) assinala que a cidade é um dado concreto na sua forma construída, mas essa concretude nos permite entender como a arquitetura constrói a cidade, não só para funcionar, mas, sobretudo, para viver e comunicar.

O espaço social faz emergir a cidade como um grande laboratório de espacialidades comunicativas que permite entender que o esse espaço constitui outra maneira de entender o mundo, a cultura que o representa e o homem que se comunica pela maneira como, através da técnica, transforma e se apropria daquela espacialidade (FERRARA, 2008, p. 63).

A metrópole é o território definitivo da comunicação, e ela cresce cada vez mais em verticalidade e em exuberância expositiva e se transforma em uma vitrine avassaladora de formas e materiais, de imagens e de imaginários não vividos, porém consumidos (FERRARA, 2008). Ao passear pelo centro de uma metrópole, somos bombardeados por excesso de informações vindas de todos os lugares. Uma praça, por exemplo, pode tornar-se palco na qual o artista de rua é a atração e os cidadãos que por ali passam seus espectadores, os muros podem ser as telas, na qual os artistas transferem para elas suas mensagens, a rua pode transformar-se em uma feira de orgânicos ou praça de alimentação e assim sucessivamente.

Quando se fala em cidade enquanto fenômeno de comunicação, Ferrara (2008) aproxima-se de dois planos, nem sempre harmônicos, mas sempre coincidentes: de um lado está o plano construtivo como suporte da cidade que se transforma em meio a criar um ambiente comunicativo, do outro lado concretiza-se a imagem midiática da cidade que abriga o cotidiano, a sociabilidade, as trocas interativas que transformam a cidade na maior experiência comunicativa da humanidade.

No primeiro plano, o construtivo, a imagem está relacionada à paisagem da cidade e nesse caso a paisagem não é vista como cenário, mas sim como agente comunicativo. Uma cidade, por exemplo que possui diversos edifícios altos e com fachada espelhada, comunica sua grandiosidade, sua modernidade, enquanto uma cidade que possui ruas de paralelepípedo e apenas casas e prédios pequenos, comunica sua simplicidade. Nesse domínio, “o cartão postal ou os lugares da cidade mostrados pela televisão são recursos ágeis para selecionar quadros, planos, angulações, cores e cenas e disciplinar os modos de ver a cidade” (FERRARA, 2008, p. 47).

Já no plano midiático, de acordo com Ferrara (2008), a cidade não é marcada pelas imagens que a simbolizam, mas é ela própria, enquanto produtora de ações e comportamentos, que se caracteriza de forma prática e se revela como mediação na grande experiência coletiva que é dada ao homem descobrir e viver. A mediação supõe reação e ação atentas ao movimento contínuo que organiza e reorganiza a cidade como um sistema.

Desse modo, passa-se da comunicação que organiza a mensagem e estabelece relações entre um emissor e seus receptores para a compreensão da organização que estabelece vínculos comunicativos, não através do que é dito, mas do modo como é dito, ou seja, o espaço enquanto meio faz-se notar, mediativamente, através das espacialidades que o representam. No panorama da cultura, encontramos não o espaço como suporte, mas seus efeitos quando passa de meio à mediação; desse modo, o meio espaço é mensagem através das espacialidades que registram sua organização informativa e criam distintos ambientes culturais, em uma clara atualização de “O Meio é a Mensagem” (FERRARA, 2008, p. 74).

Além da comunicação que se dá através das mensagens que a cidade comunica, também devemos considerar a comunicação que cada indivíduo faz de si mesmo e também o que interpreta dos outros. O gesto e o corpo fazem do espaço público localizado um espetáculo onde se representa a auto-imagem: o figurino, a moda, o lazer, o sentar-se, o caminhar são índices típicos do espaço onde se representa essa publicidade do indivíduo totalmente diferente da vida privada (FERRARA, 2008). Segundo a autora, “esse espetáculo é expresso pela palavra oral que consolida a tradição do povo em um território e constrói sua fabulação pela narração repetida das lembranças” (FERRARA, 2008, p. 196).

Representação e diálogo, por sua vez, dão origem às estruturas semióticas daquele espaço: o logocentrismo e a expressividade do corpo e do gesto no espetáculo e na representação: o corpo em exposição relacionado à palavra que o expressa e, ambos capazes de sintetizar, em comunhão, uma retórica dominada pela metonímia que constitui a síntese da sua informação (FERRARA, 2008, p. 196).

A cidade apresenta uma abundância de espaços públicos nos quais os indivíduos, como visto anteriormente, são colocados em uma situação de igualdade. É natural que também haja comunicação direta em um espaço privado, porém, na maioria das vezes, nesses locais o território é apropriado por um dos indivíduos (em sua casa, escritório ou jardim) que jogará “em casa”, ao contrário dos outros (MELA, 1999).

Podemos observar então a importância do papel do espaço público para as relações comunicativas dentro da cidade. Dessa forma, o espaço público pode ser visto tanto como suporte de mensagens como, e ao mesmo tempo, ser a própria mensagem. E é também, no espaço público que enfatiza-se a presença concentrada de diferentes indivíduos que são colocados no mesmo patamar e se comunicam diretamente, a partir do contato cara a cara.

É comum dizer que a cultura se desloca numa única direção: da fonte, por um canal, até o receptor passivo, num determinado contexto histórico. No entanto, para Canevacci (1993), a comunicação em geral e a urbana em particular são sempre dialógicas. O observador é ativo sob um duplo aspecto: o objetivo e o subjetivo. O receptor não é unicamente um objeto, mas também um outro sujeito que se comunica e interage com uma fonte. A comunicação viaja nas duas direções. Afirma-se assim um princípio fundamental descentralizado e dialógico (CANEVACCI, 1993).

Na decodificação da mensagem, segundo Canevacci (1993), existe sempre um lado criativo, um critério subjetivo. Ela é interpretada segundo a formação particular do pesquisador, sua biografia intelectual e política, segundo seus gostos e emoções, ou segundo o acaso. Por isso, a tradução da mensagem urbana é sempre uma traição. Complementando o posicionamento do autor, Weber traz a metáfora de cidade traída que é útil à hipótese de que há uma cidade para cada olhar, para cada intenção. “Traída porquanto vulnerável a apropriações e representações dirigidas por interesses e projetos pessoais, políticos e midiáticos. Traída, pois sua fotografia será sempre devolvida em fragmentos” (WEBER, 2007, p. 273).

A comunicação é a viagem de uma diferença que contém o sentido da informação e a comunicação urbana exacerba essas diferenças, multiplicando-as e fazendo com que coexistam e entrem em conflito. A comunicação urbana é vista e interpretada de um ponto de vista antropológico, porque as formas ou os modelos culturais que constituem as diferenças se estendem aos modos de pensar, de sentir e de agir (CANEVACCI, 1993). A sociedade

pós-moderna então remultiplica a comunicação urbana de interesse antropológico-cultural, porque destrói a distinção entre cultura de elite e cultura de massa.

Conforme foi abordado neste capítulo, na comunicação da cidade temos o plano construtivo e o plano midiático. Daqui para frente concentra-se no segundo plano, na qual a própria cidade é produtora de ações e comportamentos, pois é com a ação e reação das pessoas na cidade que se constitui esse complexo sistema comunicativo, inclusive, muitas vezes a forma como uma mensagem é passada pode ser mais importante do que a própria mensagem. Percebemos aqui uma quebra entre a mensagem unilateral, que é transmitida de um emissor para um receptor (o caso das mídias tradicionais, TV, jornal na qual o público não interage, apenas recebe a informação) e a comunicação que é participativa, que é o caso das manifestações que serão em breve analisadas, na qual a mídia é justamente a cidade e há trocas e interações, sendo, nesses casos, uma comunicação bilateral.

5 PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO URBANA

Neste capítulo será feito um breve histórico sobre os movimentos artísticos, políticos e sociais que se destacaram tanto no Brasil quanto ao redor do mundo, buscando entender suas inspirações e motivações ao utilizar a cidade como meio de expressão.

As práticas de intervenção urbana são, por natureza, efêmeras, e nem sempre encontram-se documentadas. Hoje são extremamente difundidas pelas diversas metrópoles ao redor do mundo, mas claro, possuem um início. Segundo Home (1999) apud Mazetti (2006), as práticas de intervenção urbana se propõem a extrapolar a experimentação estética numa união entre arte e vida, e se colocam de forma crítica na sociedade, buscam inspiração para suas atividades em movimentos artísticos que remontam a uma tradição que tem seu início no Surrealismo e no Dadaísmo. Há um caminho que liga as experimentações formais na arte, os movimentos contraculturais da década de 60 até as práticas comunicacionais subversivas de coletivos, grupos de intervenção urbana e outras formas de ativismo midiático, mesmo que, neste percurso, estilhem-se os ideais de totalidade e as grandes utopias.

Cabe observar que, atualmente nas artes visuais, a linguagem da intervenção urbana precipita-se num espaço ampliado de reflexão para o pensamento contemporâneo. Importante para o livre crescimento das artes, a linguagem das intervenções instala-se como instrumento crítico e investigativo para elaboração de valores e identidades das sociedades. Aparece como uma alternativa aos circuitos oficiais, capaz de proporcionar o acesso direto e de promover um corpo-a-corpo da obra de arte com o público, independente de mercados consumidores ou de complexas e burocratizantes instituições culturais (BARJA, 2008, p. 216).

Num espaço participativo, pode acontecer uma arte mais acessível e menos ‘museável’, e está relacionada às questões diversas da cidadania e em harmonia com esse lugar social idealizado. A natureza desses lugares idealizados, independente de suas escolhas e segundo os privilégios das intervenções artísticas para eles pensadas, poderão contribuir para elevar o índice de fruição nas propostas, caso essas atendam ao sentido primeiro de integração do espaço escolhido com o meio cultural já determinado. Dessa forma, o lugar escolhido poderá estar localizado em um grande e movimentado centro urbano ou num deserto, pois o que importa é a adequação do espaço/socioidealizado e a natureza da intervenção (BARJA, 2008).

Em meados da década de 1960 ocorreram grandes mudanças comportamentais na sociedade, transformações que também influenciaram radicais alterações no corpo da arte. Segundo, Barja (2008), nesse período, a linguagem da intervenção urbana destacou-se nos circuitos das artes visuais. Algumas referências teóricas importantes para essa forma de expressão artística são o movimento situacionista e a fenomenologia, e, entre os movimentos estéticos, o dadaísmo, o minimalismo, a arte povera e a arte conceitual. No plano internacional, entre as diversas práticas artísticas que podem ser identificadas com intervenções, pode-se citar a *Fluxus*, *Happenign*, *Body Art*, *Culture Jamming*, etc. Já no contexto brasileiro, o Neoconcretismo, apoiado principalmente nas experiências sensoriais de Ligya Clark, Ligya Pape e Hélio Oiticica, desconstruiu modelos e reconstruiu uma outra semântica fundamentada em conceitos que deram origem a possibilidades de reforçar teses associativas da arte com a ciência. Oiticica apud Barja (2008) afirma que "O museu é a rua". Nessa afirmativa há o indício de um largo espaço de deslocamento do olhar voltado para um tipo de situação do objeto artístico libertado dos muros museológicos, que o afastam da possibilidade de uma assimilação direta do público. A linguagem da intervenção vai recolocar, diante do homem contemporâneo, a questão da democratização e do livre acesso à cultura do seu tempo.

5.1 A Internacional Situacionista

Como esclarecido anteriormente, será introduzido o Movimento Situacionista, uma das referências teóricas mais importantes para essa forma de expressão artística conhecida hoje como Intervenção Urbana.

A Internacional Situacionista (também conhecida como IS) foi um grupo formado por artistas, pensadores e ativistas que lutava contra o espetáculo, a cultura espetacular e a espetacularização em geral, ou seja, contra a não-participação, a alienação e a passividade da sociedade. A principal solução contra o espetáculo era a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no da cultura. O interesse dos situacionistas pelas questões urbanas foi uma consequência da importância dada por estes ao meio urbano como terreno da ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a

monotonia, ou ausência de paixão, da vida cotidiana moderna. A crítica urbana situacionista permanece assim, em sua essência, pertinente (JACQUES, 2003).

Antes de começar a discorrer sobre a Internacional Situacionista, é relevante trazer para este trabalho alguns conceitos elaborados pelos próprios situacionistas, que dentre outros, são considerados mais essenciais para o entendimento do movimento em geral:

situação construída: momento da vida, concreta e deliberadamente construído pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos.

situacionista: o que se refere à teoria ou à atividade prática de uma construção de situações. Indivíduo que se dedica a construir situações. Membro da Internacional Situacionista.[...]

[...] psicogeografia: estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos.[...]

[...] deriva: modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência.

urbanismo unitário: teoria do emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento (Internacional Situacionista IS nº 1, p. 65 junho de 1958 apud JACQUES, 2003).

O fundador da IS, Segundo Jacques, (2003) foi Guy-Ernest Debord: contrário às instituições, sem ser apenas um artista, um intelectual ou um ativista político, ele é quase inclassificável. Muito influenciado pelo movimento Dadá e também pelo Surrealismo, Debord encontrou, em 1951, no festival de cinema de Cannes, um grupo com influências e interesses parecidos, os letristas de Isidore Isou (que costumava dizer que da mesma forma que Baudelaire desfez a poesia, Verlaine o poema, Rimbaud o verso, ele, Isou reduziu tudo a letras, e daí a origem dos letristas).

Em seu primeiro filme de 1952, *Hurlements en faveur de Sade* (o filme era apenas uma sequência de telas brancas e negras), Debord pretendia declarar a morte do cinema ir além da passividade do espectador, obtendo êxito, pois depois de 20 minutos de projeção, o público indignado deixava a sala. Por causa desse filme, Debord entrou em conflito com Isou e deixou os “velhos letristas” para fundar nesse mesmo ano, com alguns amigos a Internacional Letrista (IL) (JACQUES, 2003).

Os “novos” letristas em torno de Debord já anunciavam algumas ideias, práticas e procedimentos que depois formaram a base de todo o pensamento urbano situacionista: a psicogeografia, a deriva, e principalmente a ideia-chave, inspiradora do próprio nome do futuro grupo, a construção de situações. A experiência psicogeográfica estava diretamente ligada à prática da deriva, vários textos letristas comentavam e propunham diferentes derivas, entre eles o Resumé 1954, assinado por Debord e Fillon:

As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica do andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. Todas as casas são belas. A arquitetura deve se tornar apaixonante. Nós não saberíamos considerar tipos de construções menores. O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis. É possível pensar que as reivindicações revolucionárias de uma época correspondem a idéia que essa época tem da felicidade. A valorização dos lazes não é uma brincadeira. Nós insistimos em que é preciso inventar novos jogos (Potlatch n° 14, novembro de 1954 apud JACQUES, 2003, p. 17).

De acordo com Jacques (2003), esse grupo de letristas estava sediado em Paris, porém passou a colaborar com alguns grupos de artistas europeus de tendências semelhantes, e assim a IS passou rapidamente a ter vários adeptos em vários países, como Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca e Argélia. Entre 1958 e 1969, 12 números de revista IS foram publicados. E se no início as questões tratavam basicamente da arte passando para uma preocupação mais centrada no urbanismo, estas se deslocaram “naturalmente” para as esferas propriamente políticas e, acima de tudo, revolucionárias, atingindo seu ápice na determinante e ativa participação situacionista nos eventos de Maio de 1968 em Paris.

Apesar da visibilidade conquistada nas diversas ações situacionistas que marcaram os acontecimentos de Maio de 68, a IS, depois de um enorme fortalecimento, entrou em crise. O seu súbito reconhecimento atraiu muitos novos membros de vários países, tornando a organização cada vez mais complexa e praticamente incontrolável. Assim, a IS se dissolveu em 1972, um fim que para o seu fundador, Debord, seria o verdadeiro começo:

O movimento das ocupações [Maio de 1968] foi o início da revolução situacionista, mas foi só o começo, como prática da revolução e como consciência situacionista da história. É só agora que toda uma geração, internacionalmente, começou a ser situacionista (DEBORD, 1972 apud JACQUES, 2003).

De acordo com Jacques (2003), foi possível notar uma sequência clara de mudança de escala de preocupação e de área de atuação do pensamento situacionista. Se no começo eles

estavam interessados em ir além dos padrões vigentes da arte moderna, passando a propor uma arte diretamente ligada à vida, uma arte integral, logo em seguida eles perceberam que esta arte total seria basicamente urbana e estaria em relação direta com a cidade e com a vida urbana em geral. Eles perceberam então que não seria possível propor uma forma da cidade pré-definida pois, segundo suas próprias ideias, esta forma dependia da vontade de cada um e de todos, e esta não poderia ser ditada por um planejador. Qualquer construção dependeria da participação ativa dos cidadãos, o que só seria possível por meio de uma verdadeira revolução da vida cotidiana (p. 19).

Os situacionistas chegaram a uma convicção exatamente contrária à dos arquitetos modernos. Enquanto os modernos acreditaram, num determinado momento, que a arquitetura e o urbanismo poderiam mudar a sociedade, os situacionistas estavam convictos de que a própria sociedade deveria mudar a arquitetura e o urbanismo (JACQUES, 2003, p. 19).

5.1.1 A teoria da deriva

A Teoria da deriva é da autoria de Guy Debord, foi criada em 1958 e publicada, em esboço, na Revista Internacional Situacionista, na qual, em resumo, uma pessoa ou grupo que se submete à deriva, parte de um determinado lugar e segue uma rota indefinida, deixando que o próprio meio urbano os leve ao acaso, pelo caminho que segue. A teoria considera que o meio urbano em que vivemos é motivador da deriva, transformando a cidade um espaço de liberdade.

De acordo com Debord (1958), o conceito de deriva está diretamente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico construtivo, o que torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio. O autor afirma ainda que quando uma ou mais pessoas que se dedicam à deriva, elas estão automaticamente abdicando os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar (DEBORD, 1958).

A análise ecológica do caráter absoluto ou relativo dos recortes do tecido urbano, do papel dos microclimas, das unidades elementares inteiramente diferente dos bairros oficiais, e sobretudo da ação dominante de centros de atração, deve ser utilizada e completada pelo método psicogeográfico. O terreno passional objetivo onde se move a deriva deve ser definido de

acordo com seu próprio determinismo e com suas relações com a morfologia social (DEBORD, 1958).

Debord (1958), sugere algumas especificações em relação à deriva, chegando a falar inclusive em duração média de uma deriva e também na extensão máxima a ser explorada. Afirma também que pode-se derivar sozinho, mas tudo indica que a distribuição mais proveitosa será a que consiste em vários grupinhos de duas ou três pessoas com idêntico nível de consciência, cujas observações serão confrontadas e levadas à conclusões objetivas. Acima de quatro ou cinco participantes, o cunho específico da deriva decai rapidamente e, se o grupo chegar a dez ou mais, a deriva se fraciona em várias derivas efetuadas simultaneamente.

Em suma, quem deriva terá todo o interesse em traçar um mapa do seu percurso. Esse mapa ilustrará anotações que servirão para compreender os motivos que o leva a seguir este ou aquele caminho: optando por dobrar à direita ou à esquerda e não seguindo em frente, parar em certa praça e não em outra, perceber porque razão a mente induz sensações agradáveis ou desagradáveis.

Essa teoria pode ser aplicada a qualquer cidade, e pode ser muito importante para a construção de um novo olhar para o ambiente urbano, na qual encontra-se muito norteados pelo mercado. Derivar por Porto Alegre ou outras cidades será uma grande experiência, pois irá certamente alterar a forma tradicional de viver e enxergar esse cenário. A prática da deriva nas grandes metrópoles pode se tornar um valioso instrumento de compreensão da vida real, legítima, e não o irreal, superficial que nos é oferecido através das peças publicitárias.

5.2 Manifestações Artísticas

Diversos outros artistas e grupos, tanto no Brasil quanto em outros países do mundo, aderiram a essa tendência em “desmusealizar” a obra de arte, tornando-a interativa com manifestações culturais de outra linguagem ou natureza, ocupando espaços públicos. Sabe-se que é de extrema importância englobar o máximo de manifestações possíveis para contextualização, porém, seria inviável abordar toda a diversidade neste trabalho, por isso apenas as mais relevantes e com foco no movimento Situacionista serão trabalhadas, isso pelo

Movimento ser reconhecido como um dos precursores e por possuir uma grande influência teórica sobre os demais.

O Grupo *Fluxus*² foi um movimento que marcou as artes nas décadas de 1960 e 1970, opondo-se aos valores burgueses, às galerias e ao individualismo. O nome (do latim flux, significa modificação, escoamento, catarse) era, em princípio, o título de uma revista, mas se estendeu posteriormente para designar as performances organizadas por George Maciunas, criador do grupo. Valorizando a criação coletiva, esses artistas integravam diferentes linguagens como música, cinema e dança, se manifestando principalmente através de performances, *happenings*, instalações, entre outros suportes inovadores para a época.

Os *happenings* (do verbo inglês *to happen*, acontecer) foram organizados em galerias de pintura de Nova Iorque pela primeira vez nos anos sessenta por Alan Kaprow. A definição do termo foi dada por Salvador Dalí: “realizar um happening é criar uma situação que não se pode repetir”. Com outras palavras, é um lugar determinado com a reunião de pessoas que fazem acontecer coisas através do gesto, da voz, de atitudes diversas - tudo baseado no impulso instintivo, irracional, inconsciente, com a utilização eventual de drogas do tipo LSD, desenvolvendo uma nova forma de percepção, novos modos de relação com o outrem e com as coisas. Dessa maneira, o happening é uma forma extrema de antiarte, da vontade de transgredir as convenções da cultura (CONI, 1985).

A *body art*³, ou arte do corpo, designa uma vertente da arte contemporânea que toma o corpo como meio de expressão e/ou matéria para a realização dos trabalhos, associando-se frequentemente a *happening* e performance. Não se trata de produzir novas representações sobre o corpo - encontradas no decorrer de toda a história da arte -, mas de tomar o corpo do artista como suporte para realizar intervenções, de modo geral, associadas à violência, à dor e ao esforço físico. O sangue, o suor, o esperma, a saliva e outros fluidos corpóreos mobilizados nos trabalhos interpelam a materialidade do corpo, que se apresenta como suporte para cenas e gestos que tomam por vezes a forma de rituais e sacrifícios.

A *Culture Jamming* é uma forma de ativismo com características que podem estar inseridas nos movimentos antiglobalização e anticonsumo iniciado nos anos 90. Sua atuação, no entanto, surge como uma forma de ataque à cultura midiaticizada. As manifestações

² Disponível em <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo5/fluxus.html>> Acesso em 15 out. de 2016.

³ Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3177/body-art>> Acesso em 15 out. de 2016.

jammers combatem principalmente o domínio dos espaços públicos por mensagens publicitárias que, com um marketing cada vez mais agressivo das grandes corporações, se tornam proporcionalmente mais invasivas e hegemônicas no cotidiano dos indivíduos. As ações são interferências estéticas e comunicacionais que vão atuar contra a intenção persuasiva das grandes marcas através dos ataques às suas próprias peças publicitárias (DINIZ, 2008).

PARTE II – APROPRIAÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO, EM PORTO ALEGRE

6 OBJETO DE ANÁLISE E METODOLOGIA

Este capítulo abrange referencial metodológico e a análise dos seguintes movimentos e suas práticas de intervenção urbana: *Shoot The Shit*, *Serenata Iluminada*, *Arruaça*, *Defesa Pública da Alegria*, feira *Me Gusta*, *Mosaico Intervenção Urbana*, *Xadalu*, *Largo Vivo*, *Massa Crítica* e ainda algumas ocupações e protestos que ocorreram na cidade.

6.1 Metodologia de análise

A metodologia utilizada para esse estudo abrange pesquisa histórico-descritiva sobre a cidade de Porto Alegre e os grupos analisados, observações pessoais sobre experiências vividas em alguns eventos que participei e entrevistas com os membros da *Shoot The Shit* e *Serenata Iluminada*.

Na intenção de atingir com mais precisão o objetivo da pesquisa, utilizei a entrevista semi-estruturada que, para Triviños (1987) apud Manzini⁴, tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152 apud MANZINI, p. 2).

Para fazer a análise, inicialmente realizou-se a classificação de dados como o histórico, projetos e objetivos de cada uma das práticas urbanas. Essas informações foram coletadas tanto na internet (redes sociais, blogs e sites), quanto nas observações pessoais sobre experiências vividas em alguns eventos. Além disso, serão realizadas entrevistas com os membros de duas organizações.

⁴ MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros. Disponível em <<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>> Acesso em 2 nov. de 2016.

Dentre os movimentos listados, dois foram selecionados para realizar a entrevista: a *Shoot The Shit*, que conta com os depoimentos de Luciano Harres Braga e Gabriel Gomes e também a *Serenata Iluminada*, com a colaboração de Renata Beck. A escolha dessas organizações específicas para realizar as entrevistas foi feita tendo como suporte a importância desses movimentos para a cidade de Porto Alegre, sua representatividade nas redes sociais, nas mídias tradicionais e também sua representatividade em relação aos outros movimentos.

Foram escolhidas organizações com propostas diferenciadas, com a finalidade de representar o máximo das práticas aqui estudadas, enquanto a *Shoot The Shit* representa os movimentos que se utilizam do mobiliário urbana para realizar suas intervenções, a *Serenata Iluminada* representa os movimentos que dão ênfase na ocupação definitiva ou temporária de áreas ou espaços urbanos para comunicar algo, assim como as festas de rua.

Em seguida, após a coleta de todas essas informações, levanta-se evidências em comum encontradas no trabalho de cada um deles, assim como suas particularidades no modo de atuar sobre as questões que discutem, classificando-as em cinco diferentes categorias, são elas: festa de rua, ato político, intervenção no mobiliário urbano, ocupação territorial e empresa.

6.2. Objeto de análise: movimentos da cidade

A escolha de Porto Alegre para ser o local de análise das práticas urbanas alternativas não foi difícil, primeiramente por ser a cidade onde nasci e vivi desde então (com exceção dos 6 meses que vivi em Alicante, na Espanha, e que me ajudaram a construir um olhar mais crítico sobre minha cidade), e também a partir da curiosidade de entender porque ela é considerada como uma cidade rica culturalmente, porém com diversas problemáticas e também da vontade de extrair um olhar mais otimista para a realidade de Porto Alegre.

Para selecionar as práticas, a característica básica em comum entre todas é que de alguma maneira se utilizam dos espaços públicos da cidade para comunicar alguma mensagem, seja ela relacionada ao campo artístico, político ou social. O objeto de análise foi constituído dos seguintes movimentos: *Shoot The Shit* (projetos de intervenção urbana

criativos para comunicar causas), *Serenata Iluminada*, (festa de rua) *Arruaça* (festa de rua), *Defesa Pública da Alegria* (organização política e festa de rua), feira *Me Gusta*, (feira de variedades) *Mosaico Intervenção Urbana* (intervenção artística no mobiliário urbano), *Xadalu* (intervenção artística no mobiliário urbano), *Largo Vivo* (organização política e festa de rua), *Massa Crítica* (celebração da bicicleta) e ainda algumas ocupações e protestos que ocorreram na cidade.

O recorte temporal a ser analisado é a partir do ano 2004 até o momento (2016), período em que a emergência dessas manifestações começam a ser percebidas na cidade. O porquê dessa onda de manifestações no decorrer dos últimos anos também será abordado.

6.3 Porto Alegre, o cenário

Encontramos na cidade um ambiente no qual experimentamos uma grande diversidade humana, quando circulamos em espaços coletivos, nos deparamos com diferenças étnicas e culturais, e em Porto Alegre não seria diferente: a população porto-alegrense, de acordo com OLIVEIRA (2012), descende de 25 etnias, e sua maior parte veio do interior do estado, onde convivem famílias de imigrantes de vários locais da Europa, principalmente italianos e alemães, os pioneiros portugueses e os povos nativos. Entre seus habitantes, entretanto, há descendentes de sírios, libaneses, judeus, japoneses, africanos, chineses, poloneses, russos, belgas, suecos, latino-americanos, entre outros, vindos em diferentes ondas migratórias.

Porto Alegre se formou a partir da chegada de casais açorianos no século XVIII e no século XIX contou com a vida desses tantos outros imigrantes. Sede da maior concentração urbana da região Sul e quinta mais populosa do Brasil, desenvolveu-se com rapidez e hoje abriga mais de 1,4 milhão de habitantes.⁵ A cidade enfrenta muitos desafios, entre eles a grande população ainda vivendo em condições de pobreza e sub-habitação, alto custo de vida,

⁵ “A Cidade”, Página Prefeitura de Porto Alegre. disponível em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=256> Acesso em 17 dez. de 2016

deficiências sérias no tratamento de esgotos, muita poluição e degradação de ecossistemas originais, índices de crime elevados e crescentes problemas de trânsito⁶.

Por outro lado, dispõe de mais de 80 prêmios e títulos que a distinguem como uma das melhores capitais brasileiras para morar, trabalhar, fazer negócios, estudar e se divertir. Foi destacada em 2010 também pela ONU como a “Metrópole nº 1 em qualidade de vida” do Brasil por três vezes; possui um dos 40 melhores modelos de gestão pública democrática pelo seu Orçamento Participativo e por tem melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre as metrópoles nacionais.⁷ Dados do IBGE a apontaram, em 2009, como a capital brasileira com a menor taxa de desemprego,^[25] a empresa de consultoria britânica Jones Lang LaSalle a incluiu em 2004 entre as 24 cidades com maior potencial para atrair investimentos no mundo⁸.

Caracterizar o cidadão que vive em Porto Alegre sem ser baseado no estereótipo do gaúcho é uma tarefa difícil, porém, na tentativa de encontrar uma identidade do porto-alegrense, alguns autores se arriscaram: Brissón define o perfil do morador como “um misto de timidez e leve ironia, que cumpre o papel de filtrar a acidez do espírito e a belicosidade do gosto pela polêmica”. O porto-alegrense seria “um pouco como os textos de Luis Fernando Veríssimo e a poesia de Mário Quintana, não por acaso as duas personalidades mais representativas e festejadas da cidade.” (BRISSÓN, 1993, p. 37 apud OLIVEIRA, 2012, p. 134); Brust, na reportagem intitulada “Do contra”, do Jornal Zero Hora, afirma: “O porto-alegrense - e, por extensão, o rio-grandense - tem um travo rançoso contra qualquer novidade”, seguido da indagação: “afinal, existe uma ‘cultura do contra’ em Porto Alegre, uma cultura que faz oposição sistemática mesmo que não tenha alternativa a oferecer?” (BRUST, ZH, 24/01/2009 apud OLIVEIRA, p. 135). Também na tentativa de definir uma identidade do porto-alegrense e do gaúcho em geral, Ramil (2004) percebe uma *estética do frio*, na qual vê o gaúcho distante do resto do Brasil, pois, além do Rio Grande do Sul fazer fronteira com a Argentina e o Uruguai, e por isso quase sermos considerados estrangeiros, o estado também se diferencia pelas baixas temperaturas que fazem aqui, diferente do que se

⁶ Sobre Porto Alegre, disponível em <<http://www.encontrariograndedosul.com.br/sobre-porto-alegre.htm>> Acesso em 18 de dez. de 2016.

⁷ Porto Alegre completa 238 anos nesta sexta com show e medalhas, disponível em <<http://web.archive.org/web/20100327115323/http://www.jornalvs.com.br/site/noticias/geral,canal-8,ed-60,ct-505,cd-250192.htm>> Acesso em 17 dez. de 2016.

⁸ Gerchmann, Léo. "Consultoria coloca Porto Alegre entre as 24 cidades do futuro no mundo". Folha online, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u87716.shtml>> Acesso em 18 dez. de 2016.

espera de um país tropical. Sendo assim, “o frio, fenômeno natural sempre presente na pauta da mídia nacional e, ao mesmo tempo, metáfora capaz de falar de nós de forma abrangente e definidora, simboliza o Rio Grande do Sul e é simbolizado por ele” (RAMIL, 2004, p. 14).

Vejo Porto Alegre e o Rio Grande do Sul como um lugar privilegiado por sua história social e política e sua situação geográfica única. Somos a confluência de três culturas, encontro de frialdade e tropicalidade. Qual é a base da nossa criação e da nossa identidade se não essa? Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história (RAMIL, 2004, p. 28).

Outro traço marcante, que pode ser percebido no gaúcho, segundo OLIVEIRA (2012) é seu comportamento polarizado, de posturas extremas. Somos reconhecidos e nos reconhecemos pelas atitudes e expressões de tipo “preto no branco”, “pau ou pedra”, sem muitas matizes e capacidade conciliatória. Por outro lado, porém, os resultados da pesquisa da DCS (2009), que se utilizou de técnicas projetivas para identificar as características da cidade através do perfil de uma pessoa, apontam para uma cidade com hábitos contemporâneos. É séria, confiável e conhece muitas coisas, “talvez por isso, tenha uma agenda tão intensa, cheia de atividades de tudo que é tipo - cultura, esportes, lazer, família, trabalho. Talvez, por isso, ainda ache pouco essa agenda toda” (DCS, 2009, p. 65 apud OLIVEIRA, 2012, p. 140).

Também, de acordo com a pesquisa, foi evidenciada a simplicidade tanto na maneira de vestir, embora mantendo a elegância, como de comportar-se, pois não gosta de ostentar, preferindo a funcionalidade. “Cidadã do mundo, o que lhe dá mais prazer são coisas frugais, como caminhar, passear pelas ruas e receber pessoas em casa, que lhe permitem exercitar o sorriso, a simpatia e os abraços acolhedores” (DCS, 2009, p. 67 apud OLIVEIRA, 2012 p. 140), assim seria a cidade retratada através de um porto-alegrense. Ainda, segundo a pesquisa da DCS (2009), grande parte da população declara a Redenção como “nossa embaixatriz”, dada a quase unanimidade (72%) como referência à cara da cidade, uma “mini-Porto Alegre com todas as suas gentes e ambientes”, seguida da usina do Gasômetro e do Parque Marinha do Brasil (DCS, 2009, p. 24 apud OLIVEIRA, 2012, p. 188).

Acredito que Porto Alegre reúne algumas características de metrópole por ser uma cidade grande, com muitos habitantes, por apresentar alguns problemas como trânsito extremo em horários de pico e grande número de assaltos, porém, ao mesmo tempo, a cidade possui alguns núcleos, ou “tribos” que frequentam os mesmos lugares, dando a impressão de que ao pertencer a um grupo, encontra-se sempre com as mesmas pessoas.

Nessa tentativa de combater a insegurança, aliada com a simplicidade de um povo que tem prazer com coisas singelas, como caminhar, passear pelas ruas e receber pessoas em casa, constatou-se que a cidade é receptiva e inclusive precisa desses movimentos para intervir, ressignificar e valorizar seus espaços públicos

7 AS PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO, OCUPAÇÃO E MANIFESTAÇÃO

Nos últimos anos, a cidade foi permeada por uma grande quantidade de práticas alternativas de intervenção no meio urbano. Foram observadas diferentes maneiras de repovoar o espaço, seja com imagens, frases, fotografias, instalações, comércio na rua ou com a simples presença das pessoas. A seguir, enumero algumas dessas práticas, trazendo um breve histórico, objetivos e formas como os grupos trabalham.

7.1 Shoot The Shit⁹

O coletivo porto-alegrense Shoot The Shit teve seu início em 2010 e acredita que a comunicação é uma das ferramentas mais poderosas para a transformação do mundo. Partindo deste propósito, desenvolvem soluções de comunicação com o objetivo de aproximar marcas e pessoas por meio do humor, do entretenimento e da inspiração. Ele busca materializar o ganha-ganha-ganha, catalisando novas culturas comportamentais que geram valor compartilhado. Para isso, se conecta de forma horizontal e colaborativa a outros projetos, a movimentos e empresas buscando juntos alavancar a mudança que a sociedade deseja e precisa. Ajudam outras iniciativas e empresas a criarem projetos de comunicação através de experiências interativas e intervenções urbanas. Veem a cidade como uma plataforma incrível para materializar ideias e trabalham em parceria justamente para dar mais força a projetos incríveis.

De acordo com Luciano Harres Braga (2016), um dos sócios da Shoot The Shit, a organização não tinha nenhuma base, nenhuma referência. Um grupo de amigos simplesmente começou a se reunir e pensar - o que podemos fazer de legal?, - o que temos na gaveta e podemos tirar?, já que na agência em que trabalhavam, às vezes, tinham muitas ideias e elas não eram aprovadas. Gabriel Gomes (2016), que é sócio também, complementa que a Shoot The Shit não nasceu para ser um coletivo de intervenção urbana, não nasceu para falar sobre causas sociais, não nasceu para nada, ela foi o nome que eles deram para o espaço que usavam para tirar ideias do papel, que é a tradução, de “jogar conversa fora”, “trocar

⁹ Shoot The Shit. Disponível em: <<http://www.shoottheshit.cc/>> Acesso em 22 set. 2016.

ideias”. Daí que nasceu, de uma motivação ingênua de querer fazer coisas, depois perceberam que essas coisas tinham uma proposta mais profunda.

Desde que começou até hoje, muita coisa mudou, Braga (2016) afirma que “hoje a Shoot The Shit é uma empresa, é disso que a gente vive. Antes a gente fazia no tempo livre, quando a gente podia, sem dever nada a ninguém, hoje a gente se preocupa com um impacto social, com deixar um legado para a cidade”. Gomes (2016) chama a atenção para a questão da responsabilidade que deve ser assumida, pois quando o grupo apresenta uma opinião, isso influencia a vida de muitas pessoas. Uma palestra ou uma reunião pode desencadear uma série de acontecimentos, uma série de viagens, uma série de novas pessoas que podemos conhecer, uma série de convites e assim por diante.

Braga (2016) concorda que esteja existindo uma nova reapropriação dos espaços públicos, e um dos motivos é que por muito tempo os indivíduos foram desapropriados, já que o ambiente urbano não era convidativo em grande parte dos espaços, chegando uma hora que as pessoas se irritam, outro motivo possível para Braga (2016), é o acesso hoje a outras realidades, um exemplo claríssimo é ir para uma cidade um pouquinho melhor da Europa e voltar vendo que há uma coisa errada aqui. Além disso, felizmente hoje temos também mais ferramentas para fazer as coisas, com o acesso ao Facebook e esse tipo de ferramenta, tudo ficou mais fácil.

Quando se fala na relação da cidade com a internet, Braga (2016) concorda que ao invés de colidir elas se somam, trazendo à tona a questão cíclica da vida que, a partir do momento que as pessoas ficam mais tempo online e conhecem as novas tecnologias, mudam seu comportamento, começam a sentir falta da rua e inicia um movimento de retomada, o que depois pode acontecer um movimento contrário de estar muito na rua e querer voltar para a internet. Então tudo é cíclico, uma coisa se apóia na outra. Antes não tinha como saber como estava o evento enquanto ele está acontecendo, hoje há a chance de saber em tempo real o que se passa, o que facilita muito.

Na hora de planejar as ações são levados alguns pontos em consideração, como o valor (ser barato), a replicabilidade (produzir esse efeito não só aqui nesse lugar, mas ter grandes chances de isso ser replicado em outros lugares que ajudem a ideia a ganhar escala), a criatividade (fazer algo que chame a atenção da pessoa, que tire ela da sua zona de conforto), tesão pela ideia, entre outros. Gomes (2016) afirma ainda que o sucesso de um projeto dessa natureza é conseguir fazer com que a pessoa perceba e saia do campo da

paisagem tradicional, porque hoje tudo é paisagem, na internet, por exemplo “rolamos o feed de notícias e passamos por diversos anúncios que são só paisagem, e na cidade também tudo é paisagem, a gente não repara nas coisas, por isso o sucesso de uma intervenção urbana, de uma calçada bonita, de um evento ou uma festa na rua é justamente fazer a pessoa olhar” (GOMES, 2016).

7.1.1 Projetos

A seguir enumero alguns projetos de impacto que o grupo realizou durante esses anos de atuação na cidade, ilustrando com imagens e, em alguns casos, apontando o resultado dessas ações.

a) **Que Ônibus Passa Aqui:** esse projeto, além de solucionar o problema provisoriamente, é um alerta às autoridades sobre esse grave problema. São adesivos com a pergunta “Que Ônibus Passa Aqui?” e um espaço em branco para as pessoas preencherem colaborativamente as linhas que passam naquele local. O grupo acredita que é mais fácil cada pessoa cuidar do ponto de ônibus mais próximo de sua casa do que a Prefeitura cuidar de todos os pontos da cidade. A responsabilidade de uma cidade melhor deve ser distribuída. Nesse caso, com as próprias pessoas adotando os pontos. O projeto já foi replicado em mais de 30 cidades, sendo duas de fora do Brasil – Lima e Cidade do México – e cerca de 6 mil adesivos foram impressos desde 2012. A ideia é continuar ajudando localidades que não possuem sinalização em seus pontos.

Resultado: Depois de muita confusão, testes e análises dos resultados, a EPTC oficializou o projeto e iniciou um processo de sinalização dos pontos de ônibus de Porto Alegre no formato e layout criado pela Shoot The Shit. Aos poucos as ruas da cidade ganham placas com as informações das linhas que passam no local.

Figura 2: adesivo “Que Ônibus Passa Aqui?” / Figura 3: novas placas de sinalização da EPTC



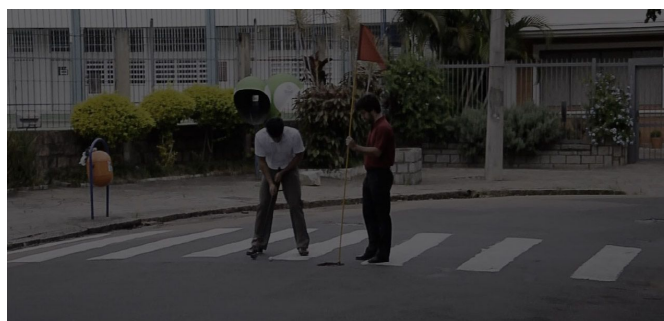
Fonte: <http://www.shoottheshit.cc/qopa> (2016)

Considero este projeto de grande relevância, pois acredito que a partir dele, muitas pessoas começaram a pensar na cidade de uma forma mais coletiva e pertencente a todos os cidadãos. Cabe a Prefeitura a tarefa de sinalizar suas ruas, porém, quando a mesma não faz de forma efetiva, cabe também aos cidadãos chamar a atenção de alguma maneira, mostrando como isso é importante para o funcionamento da cidade.

b) **Paraíso do Golfe:** para mostrar o péssimo estado das ruas de Porto Alegre, os integrantes do coletivo transformaram o asfalto esburacado em um grande campo de golfe. Vestidos como golfistas, carregando tacos de verdade, bolas e uma bandeira profissional, caminharam por ruas dos bairros mais nobres da cidade enquanto jogavam golfe. O vídeo que mostrava todo o protesto viralizou rapidamente, chegando a 80 mil visualizações em apenas uma semana.

Resultado: após muitas entrevistas nos maiores canais da TV brasileira e um grande apoio dos moradores da cidade ao projeto, a Prefeitura decidiu tapar todos os buracos que apareciam no vídeo.

Figura 4: golfe no asfalto na Rua Dona Laura



Fonte: <http://www.shoottheshit.cc/projetos/> (2016)

Foi a partir do vídeo Paraíso do Golfe que tive o primeiro contato com a Shoot The Shit. A forma divertida como o grupo levantou uma questão séria (dos buracos nas ruas) me chamou muito a atenção. A visibilidade da organização cresceu exponencialmente após esse vídeo, e inclusive os sócios palestraram na Semana Acadêmica da Fabico, na qual estive presente. Cabe também lembrar que as imagens foram gravadas num bairro nobre de Porto Alegre, e provavelmente as ruas de outros bairros periféricos da cidade se encontram em situação muito pior e também merecem atenção.

- c) **A Natureza Recarrega:** muitas vezes o contato com a natureza pode repôr as energias necessárias para a rotina das pessoas da cidade grande. Cercados de muros e prédios cinzentos, seguidamente precisamos ir para a praia, serra ou meio do mato para retomar essa interação tão importante para a nossa saúde. O Projeto que “adicionava” mais verde à cidade foi feito em parceria com a Zebu.

Figura 5: “A Natureza Recarrega”



Fonte: <http://www.shoottheshit.cc/projetos/> (2016)

- d) **Dorme Com Essa:** uma coleção de frases cujo objetivo é espalhar questionamentos pelos muros, postes e tapumes na cidade. São frases de pessoas famosas que tratam sobre diversos assuntos: empreendedorismo, coragem, atitude. Elas servem como estímulo para as pessoas num ambiente urbano que, muitas vezes, é estéril. Toda semana, durante o período da ação, um lambe novo ganhava as ruas.

Figura 6: “Dorme Com Essa”



Fonte: <http://www.shoottheshit.cc/projetos/> (2016)

- e) **Bom Fim para o Lixo Seco:** a ação "Bom Fim para o Lixo" teve como objetivo ajudar na sinalização do descarte do lixo seco no bairro. Por falta de informação, muitas pessoas acabam colocando seu lixo seco nos contêineres da coleta automatizada, que são exclusivos para lixo orgânico. Oito pontos como esse foram criados pelas ruas do bairro, mas nada impede que surjam novos daqui pra frente.

Figura 7: “Bom Fim para o Lixo Seco”



Fonte: <http://www.shoottheshit.cc/projetos/> (2016)

- f) **Se Essa Rua Fosse Minha:** sinalização jovem, criativa e lúdica das ruas sem identificação feita por crianças da 3ª série. Uma crítica bem humorada à falta de sinalização nas esquinas do bairro Cidade Baixa de Porto Alegre.

Figura 8: “Se Essa Rua Fosse Minha”



Fonte: <http://www.shoottheshit.cc/projetos/> (2016)

- g) **Salve uma vida. Apague seu cigarro:** no Dia Nacional do Combate ao Fumo, 100 postes de estacionamento viraram cigarros apagados para lembrar as pessoas do malefício do fumo.

Figura 9: “Salve uma vida. Apague seu cigarro”



Fonte: <http://www.shoottheshit.cc/projetos/> (2016)

- h) **Não Pise na Lava:** uma escada cinza e sem graça virou um jogo para crianças brincarem. Projeto idealizado e produzido durante a gravação do documentário “Sorrisos Urbanos”, dirigido por Gustavo Petry.

Figura 10: “Não Pise Na Lava”



Fonte: <http://www.shoottheshit.cc/projetos/> (2016)

Além desses projetos, outros foram realizados pela Shoot The Shit, como o *#poaprecisa*, *Lixeira Aqui*, *Cadeiraço*, *Tá com pressa?* e *Caça-Felicidade*. Sempre propondo soluções, despertando atenção e abrindo discussões em cima de temas importantes para a sociedade. O grupo cria projetos pensando em diferentes formas de engajamento, digitais ou analógicas. A participação das pessoas é fundamental no processo de transformação, o que gera o senso de comunidade.

7.2 Serenata Iluminada¹⁰

A Serenata Iluminada surgiu em 2012 de uma causa cadastrada por Renata Beck na plataforma Portoalegre.cc e contou com a organização também de Pedro Loss (que gerencia a página do Facebook da Serenata hoje e organiza com sua esposa o Piquenique Noturno no Parcão), Daniela Furlan (hoje mora em Salvador mas é considerada autora do projeto tanto quanto Renata), Aline Bueno (Vila Flores), Mariano Beck (Caminhos Livres), Gustavo Bozzetti, Heloisa Medeiros, Pauta Assessoria (Vera e Bianca Carneiro que ajudaram na divulgação do evento na mídia). A Serenata acredita na ocupação dos espaços públicos da cidade em prol de mais segurança, do direito à cidade, para que todos possam compartilhar os parques, as ruas, com os amigos, vizinhos, familiares, enfim, com todas as pessoas, também à noite. A proposta de uma Serenata Iluminada é que os participantes levem velas, lanternas, instrumentos musicais e manifestações culturais para fazer um encontro que misture alegria, expressão e reflexão sobre o bom uso dos espaços públicos de Porto Alegre.

De acordo com Renata Beck (2016), a ideia surgiu de maneira muito espontânea e sem pretensões numa reunião do Porto Alegre cc. Ela teve a ideia e expôs para o grupo, mas a ideia virou um projeto e foi colocada em prática por muitas pessoas que ofereceram ajuda.

A Serenata Iluminada não se denomina como um coletivo. Talvez tenha sido um coletivo durante a organização das primeiras edições, mas sem a intenção de sê-lo formalmente. Hoje o evento é organizado de maneira totalmente orgânica e horizontal por qualquer pessoa, grupo ou coletivo, sem qualquer autorização dos autores e organizadores das

¹⁰ Página do Facebook da Serenata: Disponível em: <<https://www.facebook.com/SerenataIluminada/?fref=ts>> Acesso em 22 set. 2015.

primeiras edições. A partir da Serenata, percebeu-se a formação de alguns coletivos que certamente estavam ocorrendo antes disso, mas talvez a Serenata tenha sido um catalizador e, por mais que muitos já se tenham se dissolvido, certamente suas ideias seguem contaminando muita gente (BECK, 2016).

Beck (2016) acredita que a ocupação das ruas, calçadas, parques e praças pelas pessoas não somente durante o dia, mas também à noite deveria ser uma prática natural e cotidiana. Entretanto, na sua opinião, Porto Alegre anda no sentido contrário dessa ideia, fazendo com que os espaços públicos sejam vistos como abandonados e perigosos. A Serenata Iluminada foi uma oportunidade dos seus adeptos “experienciarem” uma nova maneira de ocupar os espaços públicos.

O evento, por sua repercussão na mídia e nas redes sociais, chamou a atenção das pessoas e do poder público para algo que não estava sendo pensado antes de maneira tão clara. No entanto, percebe-se que deu tão certo pois traduziu uma vontade que já estava latente nas pessoas, caso contrário não seriam tantos adeptos, nem a Serenata teria sido replicada tantas vezes. Certamente esse pessoal está repensando suas ideias com relação à maneira com a qual se se apropriam da cidade onde vivem.

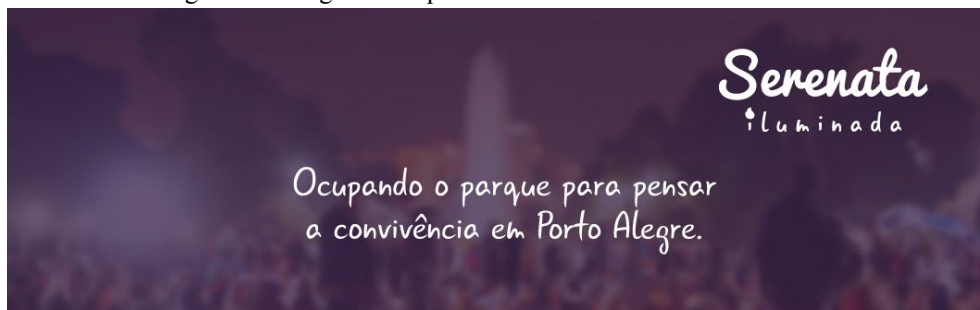
Em contraponto com a autora Jane Jacobs (1992), que afirma que a rua (movimentada, frequentada) fornece única segurança possível contra violência criminal (roubo, estupro, agressão), Beck (2016) constata que a rua movimentada e frequentada não necessariamente seja a única opção possível de segurança, mas a mais eficiente. No entanto, para que a rua se torne convidativa para sua ocupação, o poder público precisa suprir a cidade de alguns elementos básicos, tais como: mobiliário urbano, iluminação pública não somente para os carros como para os pedestres, calçadas sinalizadas e regulares. Enfim, são muitas as medidas possíveis para o melhor aproveitamento dos espaços públicos em prol dos cidadãos que contribuem financeiramente para sua manutenção.

Os eventos do Facebook da Serenata Iluminada são criados sempre com alguns avisos:

- Se você é artista, tem uma banda, grupo de dança, teatro ou algum talento que possa deixar a Redenção ainda mais iluminada, compareça! Vem!
- O evento é aberto, colaborativo e auto-organizado!
- Qualquer pessoa e grupo pode manifestar livremente sua arte!

- Informações básicas para uma boa confraternização em uma Serenata Iluminada para todos:
- Cuide do seu lixo, descarte os resíduos no local correto e leve seus recicláveis para casa;
- Respeite as diferenças, saiba conviver com a diversidade de ideias;
- Compartilhe! Seja alegria, respeito, seja seu amor pela cidade;
- Cada atração se posicionará onde achar melhor. Quem levar instrumentos pode se juntar a outros músicos ou fazer sua própria música;
- Vai tocar? Respeite a vizinhança. Um sonzinho acústico agrada a todos e não incomoda quem não quiser participar;
- Fogo e árvores não combinam. Tenha cuidado com o material que você vai levar para iluminar o parque, não faça fogo, é proibido!
- A Redenção é de tod@s. Faça a sua parte, COLABORE no cuidado para que ninguém cause danos aos canteiros, plantas, árvores, sinalização, iluminação e outros equipamentos! #SerenataIluminada.

Figura 11: imagem de capa do Facebook da Serenata Iluminada



Fonte: <https://www.facebook.com/SerenataIluminada>

Figura 12: Serenata Iluminada na Redenção



Fonte: Luciano Lanes¹¹

¹¹ Disponível em <http://s2.glbimg.com/ctF7UXRdYilxbPkt8ijenIcOPuE=/620x465/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/06/09/serenata.jpg> Acesso em 25 set. de 2016.

Dentre os movimentos aqui citados, vejo a Serenata Iluminada como um grande exemplo de encontro da diversidade, pois a Redenção (onde geralmente ocorrem as Serenatas), é um ponto central da cidade, sendo de alguma forma mais democrático e não dominado por uma tribo específica. Os eventos começam ao entardecer, com a presença de muitas famílias, crianças, animais de estimação e conforme vai anoitecendo o público vai se modificando, sendo predominado por jovens durante a madrugada. Esse espaço é muito entusiasmante para atividades de expressão e percepção de si e também do outro, da pluralidade e da abundância da mistura. De alguma forma é possível sentir-se livre e seguro, mesmo num parque à noite em uma metrópole considerada perigosa.

7.3 Mosaico Intervenção Urbana¹²

Estão espalhadas por Porto Alegre centenas de versões exóticas da tradicional Mona Lisa de Leonardo da Vinci. Existe a versão branca, negra, verde, azul, morena, loira e ruiva preenchendo paredes e muros da região central da cidade com um pouco de cor e arte. Montados com pequenos fragmentos de azulejos, cerâmica, vidro e espelho, os mosaicos no tamanho de uma folha A3 ainda abordam de religião a música — ao exemplo da Virgem Lisa na Avenida Osvaldo Aranha e da Mona Bowie na Salgado Filho. As versões de gatinha, esqueleto, feminista e cangaceira também podem ser encontradas.

A autora das versões porto-alegrenses da Mona Lisa é a artista plástica Silvia Marcon, porto-alegrense, já transitou pelas Artes Plásticas e Arquitetura (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS). Especializou-se na técnica de "smalti" em Milão e mosaico em mármore em Verona, o que proporciona no seu trabalho a mistura desses materiais com o mosaico cerâmico. Participa e organiza murais coletivos no Brasil e exterior, ministra cursos regularmente e promove projetos que visam capacitar os jovens em comunidades de baixa renda de Porto Alegre. Tornou-se conhecida pelas intervenções em espaços públicos da cidade (street mosaic, street art), é fundadora do Movimento Mosaic Urbà #MUrbBrasil

¹² WEBER, Jessica Rebeca. (2016). Dezenas de mosaicos de Mona Lisa coloreem as ruas de Porto Alegre. *Zero Hora*, Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/pelas-ruas/noticia/2016/10/dezenas-de-mosaicos-de-mona-lisa-colorem-as-ruas-de-porto-alegre-7682430.html>> Acesso em 19 out. de 2016.

#MURbArgentina.

A Gioconda ainda dá à artista infinitas possibilidades na hora de criar: muda cor de pele, cabelo roupa, ou a deixa nua, mesmo. É permitido ainda colocar piercing, tatuagem e black power. Só não dá para mexer no sorriso, que tem nada menos do que cinco séculos de experiência em seduzir e intrigar. “Além de serem figuras femininas, o que é interessante nesse momento de empoderamento, as Mona Lisas representam justamente a diversidade”, afirma Silvia Marcon em entrevista à Zero Hora (2016).

Figura 13: Monalisas na esquina da Rua José do Patrocínio / Figura 14: Monalisas na Av. Independência



Fonte: Jéssica Rebeca Weber/Agência RBS¹³

Ao meu ver, as Monalisas da Silvia são uma forma literal de “desmusealizar” a obra de arte, trazendo uma pintura tão tradicional para os espaços urbanos de Porto Alegre e outras cidades, sem distância entre o público e a obra, sem o vidro na volta, ou seguranças para protegê-las e sem o valor do ingresso para entrar no museu. Elas se misturam com a cidade, com a sujeira, com a pixação na sua volta, nelas se pode tocar, fotografar, enfim, viver a arte.

7.4 Xadalu

Uma imagem muito comum para quem anda pelas ruas da capital: adesivos de um indiozinho, geralmente em preto e branco, com olhos grandes e uma pena centralizada na

¹³ Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/fotos/veja-algumas-das-mona-lisas-espalhadas-pela-cidade-49296.html>> Acesso em 19 out. de 2016.

cabeça forrada de cabelos negros. O índio se chama Xadalu e foi criado por Dione Martins. Ele se define como um artista contemporâneo de colagem ou *sticker art*.

Há cerca de 500 anos atrás ocorreu um verdadeiro genocídio de uma população. Seu território foi invadido, mulheres estupradas, crianças e velhos mortos e muitos escravizados, tendo assim a total extinção de um povo. As atitudes de colonizadores gananciosos teve um impacto fulminante na cultura indígena que com o passar do tempo foi totalmente desfigurada, sem forças para se resgatar. Encontram-se hoje perdidas pelas ruas do centro da cidade, com o pedido de socorro às margens da sociedade, reflexo de um passado triste e sofrido. A criação do personagem Xadalu surgiu como uma forma de protesto contra a destruição da cultura indígena, abordando assuntos sobre a preservação da natureza, se manifestando através de adesivos e cartazes na arte de rua, passando sua mensagem num ato de conscientização. (Descrição encontrada no perfil público do Facebook do Xadalu. Disponível em <<https://www.facebook.com/xadalu brasil/about/>> Acesso em 15 out. de 2016).

Em entrevista ao G1 (2015), Dione conta que Xadalu nasceu em 2004 como uma forma de chamar atenção para o desaparecimento da cultura indígena. Nos primeiros anos, a figura do indiozinho foi um enigma para os porto-alegrenses e até deu origem a mitos urbanos. Alguns bizarros, como o que associava o desenho a traficantes internacionais de drogas. “As pessoas ficaram curiosas. Criou-se um grande mistério e muitas histórias sobre o indiozinho”, diz o criador de Xadalu, que acabou adotando o pseudônimo (G1, 2015).

O artista diz que a prioridade do seu trabalho sempre foi transmitir uma mensagem. “O Xadalu virou um ícone da cidade, mas poucos sabiam a real causa dele, do apelo social e ambiental. É um resgate da cultura indígena, uma espécie de repovoamento. Para despertar o índio que existe dentro de cada um”, explica Dione (G1, 2015).

Ao longo desses 11 anos, o trabalho de Dione acabou ganhando espaço e também o reconhecimento do circuito de arte tradicional. Ele já tem no currículo diversas participações em festivais, três exposições individuais e obras no acervo no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs) e Memorial do Rio Grande do Sul. Para o artista, sair das ruas para os museus foi uma transição natural. “A arte com causa, com explicação, ela se torna viral. Os museus do Rio Grande do Sul me acolheram de braços abertos, gostaram do personagem e da causa”, acredita (G1, 2015).

Em julho de 2016 inaugurou sua mais nova exposição em Porto Alegre. “Elementos Urbanos” apresenta os novos trabalhos do artista que parte de uma imersão pelo espaço das grandes cidades para conceber suas criações. Além da exposição, Dione também está

envolvido no projeto colaborativo Kurupi, desenvolvido em parceria com a fabricante de óculos artesanais Preza e com a aldeia Tekoa Pindó Poty. Por meio da venda de kits – compostos por uma caixa de madeira, um óculos exclusivo, uma arte numerada de Xadalu e um Jaguaretê (tradicional artesanato dos guarani), eles vão arrecadar verbas que serão revertidas aos índios. “A rua é um museu a céu aberto. As pessoas podem ocupar esse espaço e passar as suas mensagens” (CORREIO DO POVO, 2016).

Figura 15: stencil grande do Xadalu em um muro / Figura 16: stencil colada atrás de placa de trânsito.



Fonte: Tadeu Vilani/Agencia RBS¹⁴

Também em 2016, o artista criou uma nova série de cartazes que demarcam as “Áreas Indígenas” em Porto Alegre. Desde janeiro deste ano, diversos cartazes já foram espalhados pela capital. Xadalu colou alguns em tapumes — um dos únicos lugares onde a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Smam) autoriza este tipo de intervenção —, e distribuiu vários outros para artistas locais — incluindo o lendário Toniolo, conhecido por realizar intervenções urbanas na Capital. Mas o trabalho deve ultrapassar fronteiras em breve. Durante esse ano, o artista viajará por seis países na companhia de um índio guarani para "demarcar" outros locais (ZERO HORA, 2016).

De acordo com uma reportagem da Zero Hora (2016), os cartazes de Xadalu já ultrapassam o número real de áreas indígenas em Porto Alegre. Entre terrenos, comunidades e terras indígenas (pertencentes à União), são 10 no total, concentradas, principalmente, nas zonas Leste e Extremo Sul, à margem da área urbana. Há índios das etnias caingangue,

¹⁴ Disponível em

<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/05/saiba-quem-e-o-responsavel-pelos-adesivos-de-indios-colados-nas-ruas-de-porto-alegre-4505936.htm>> Acesso em 14 out. de 2016.

guarani e charrua.

Técnico responsável pela formulação de políticas públicas para povos indígenas da Secretaria adjunta de Povos Indígenas e Direitos Específicos, vinculada à Secretaria Municipal de Direitos Humanos, Luiz Fagundes acredita que, apesar de haver demarcações oficiais, a provocação do artista é válida para mostrar que o espaço urbano também é um espaço indígena. Segundo Fagundes (2016), “os índios não são obrigados a viver no mato, como muitas pessoas entendem. A intervenção é interessante porque contribui para uma reflexão sobre a diversidade cultural que forma o nosso país.” (ZERO HORA, 2016).

Figura 17: cartaz “Área Indígena” colado nos tapumes da Andradas



Fonte: Bruna Vargas/Agencia RBS¹⁵

¹⁵ Disponível em

<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2016/04/o-que-sao-os-cartazes-de-area-indigena-na-regiao-central-de-porto-alegre-5789280.html>> Acessado em 14 out. de 2016.

Figura 18: Atenção: Área Indígena no muro da Mauá



Fonte: perfil público do Xadalu no Facebook

Como foi visto até o momento, o indiozinho Xadalu existe desde 2004, e pode ser considerado uma das mais tradicionais formas de intervenção urbana da cidade. No caminho inverso das Monalisas que saem dos museus para invadir as ruas, ele sai das ruas para habitar os museus. A mensagem que seu criador deseja passar acaba sendo muito mais relevante do que a forma como o índio é desenhado, seu traçado ou técnicas artísticas.

7.5 Me Gusta: Arte, moda, música e variedades¹⁶

A “Me Gusta” surgiu em novembro de 2014 apenas como uma ideia para comemorar os 5 anos da Revista J'adore, que sempre teve como foco misturar todos os estilos de arte. A ideia foi misturar novamente tudo que gostavam e criar essa feira/festança de rua. Devido ao sucesso da 1ª edição, resolveram fazer a 2ª e a partir da 3ª, a feira tornou-se fixa, acontecendo sempre no 2º domingo de cada mês (caso não chova no dia). Resumindo, a feira é basicamente uma tarde até o anoitecer, uma festa na rua, uma feira, um bazar, um festival de gente de todos os estilos. A Me Gusta mistura e combina arte, moda, acessórios, música e variedades. Uma composição de idéias e pessoas que criam.

A feira de variedades além de ser um ponto de encontro de áreas da música, das artes e da moda, também tenta chamar atenção para a revitalização dos espaços públicos, visto que a partir da 5ª edição tornou-se itinerante. Já foram realizadas edições na Rua da República, Escadaria da Borges de Medeiros, Praça Garibaldi, Praça General Daltro Filho, Praça Itália,

¹⁶ Disponível em <<https://www.facebook.com/events/334343510264103/>> Acesso em 14 out. de 2016.

Largo da Epatur, Travessa do Carmo e Acervo Independente. As edições contam com a participação de diversas marcas independentes que comercializarão itens como roupas, acessórios, discos e livros. A programação da “Me Gusta” ainda inclui apresentações musicais e intervenções artísticas ao longo da noite.

Atualmente, a feira ao ar livre já faz parte da agenda cultural de Porto Alegre e tem a missão de ocupar espaços públicos, integrar as pessoas com a cidade e valorizar a economia criativa. São cerca de 100 expositores e, entre as opções, estão marcas novas e independentes, artesanatos, brechós, sebos e vinis. Oficinas, práticas de yoga e de *slackline* estão entre as novidades do encontro que já passou de 20 edições.

Figura 19: 22ª edição da Feira Me Gusta / Figura 20: atração da Me Gusta à noite na Praça Garibaldi



Fonte: Anselmo Cunha¹⁷

A feira Me Gusta é um evento que tem tomado grandes proporções na cidade atualmente. Por acontecer na rua e ser gratuita, a adesão por meio da população é alta. Acredito que dentre as práticas citadas aqui, é a que menos possui um apelo político, sendo mais focada no comércio. De modo algum estou desmerecendo seu potencial, pois reconheço que a feira por acontecer em diferentes locais, valoriza esses espaços, instiga um sentimento de comunidade e impulsiona marcas independentes de pequenos comerciantes.

¹⁷ Disponível em

<<https://www.facebook.com/jadooooorrr/photos/a.1313266885363722.1073741875.158030737554015/1313267988696945/?type=3&theater>> Acesso em 14 nov. de 2016.

7.6 Arruaça¹⁸

Com pouco mais de dois anos de atividades, Arruaça é um dos principais coletivos que produzem festas de rua em Porto Alegre. Influenciados por alguns coletivos paulistanos que revolucionaram São Paulo por redemocratizar a cultura de pista e ocupar o espaço público, em especial o VOODOOHOP, o grupo tem se dedicado a desenvolver a cultura DJ e seus valores contraculturais em Porto Alegre, lutando contra posicionamentos conservadores. “Nosso objetivo sempre foi o de levar a festa para lugares não frequentados por falta de incentivos da administração pública, desmistificar as festas ‘mais do mesmo’ que aconteciam na época, explorar novos signos para a festa como ato político”, conta a DJ Kika Lopes, integrante do coletivo. Kika começou sua atuação no ativismo na organização do evento Largo Vivo. Da movimentação do Largo Vivo surgiram muitos dos coletivos que produzem festas e eventos nas ruas.

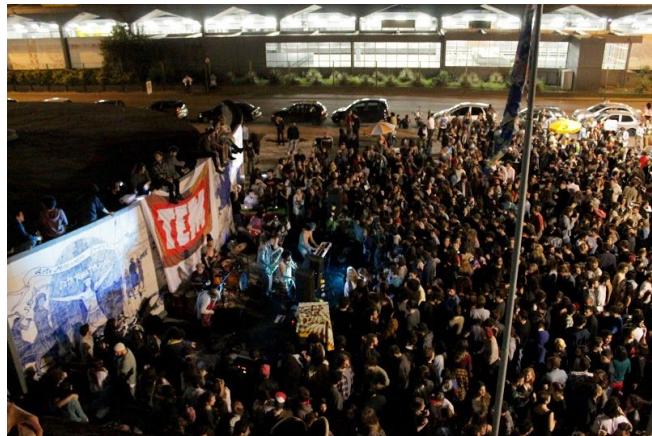
Desde a primeira Arruaça até hoje, muita coisa mudou. Quando o coletivo começou, já estava bem forte essa ideia de fazer festas na rua, de ocupar o espaço público pra se divertir, mas ainda era um terreno em experimentação. Pelo menos, a cada duas semanas, vai haver uma festa na rua, e isso desloca um pouco as discussões propostas pelo coletivo. Se por um lado é muito bom, por outro traz preocupações. Gabriel Bernardo (GB), um dos integrantes do grupo, levanta as seguintes questões: “Como fazer para que a rua não reproduza os mesmos problemas que encontramos na maioria dos *clubs*? Como fazer com que a mesmice que criticamos não tome conta das festas de rua? E, principalmente, como fazer com que a rua seja um terreno mais seguro para as pessoas se divertirem, em que os machismos, homofobias, racismos, que são perpetuados nos *clubs* ou outros locais de entretenimento não sejam reproduzidos nas festas de rua?”. Gabriel vê Porto Alegre como uma cidade que pode sustentar esse tipo de cena, pois já se pode observar o surgimento de outros coletivos, e isso é muito importante. A ideia é ser, um pouco, um gérmen.

Há também o dado micropolítico da festa – a politização do desejo e do corpo – e é por isso que o feminismo e as questões de gênero são tão importantes para os coletivos. “É uma forma de a gente se posicionar politicamente como mulheres e isso se estende a todos os

¹⁸ FELIPE, Leo. Festa também é política nas ruas. Extra Classe. Disponível em <<http://www.extraclasse.org.br/exclusivoweb/2016/09/festa-tambem-e-politica-nas-ruas/>> Acessado em 18 out. de 2016 e LERNER, Flávio. Dançar é um ato político. LOFT 55 Disponível em <<http://loft55.com.br/dancar-e-um-ato-politico-parte-iii-arruaca/>> Acessado em 18 out. de 2016.

meios que a gente habita e convive”, diz Nalu Rossi, DJ da Arruaça, “então foi uma consequência lógica que acontecesse esse movimento dentro do coletivo, afinal, estamos construindo juntos novas maneiras de se pensar o feminismo dentro da nossa sociedade”. Seja nas reuniões onde as mulheres tiveram que conquistar o direito à fala ou na própria equipe de DJs, em que a presença feminina é um dado notável, a Arruaça faz do feminismo um de seus pilares.

Figura 21: festa Arruaça em frente ao Mercado Público



Fonte: Sofia Cortese¹⁹

Semelhante à Serenata Iluminada, a Arruaça é festa na rua, é a valorização do espaço público e luta por segurança. O público da festa, por mais que seja diversificado, já é mais jovem, especificamente o jovem estudante insatisfeito com as festas tradicionais e caras que ocorrem na cidade. Se algumas das práticas rompem com os muros dos museus para trazer a arte às ruas, a Arruaça rompe as paredes das baladas para trazer a festa à rua, uma festa democrática que conta com Djs e bandas (a música é o grande gerador desses eventos e o que predomina é a música eletrônica).

¹⁹ Disponível em <<https://cobertura poeticasp.wordpress.com/2015/11/13/nota-publica-sobre-os-acontecimentos-no-evento-arrua-a-tem-de-novo-2/>> Acessado em 14 nov. de 2016

7.7 Largo Vivo²⁰

Em 2011, começava a se falar em Copa do Mundo e suas consequências: prometia-se uma melhora considerável do transporte público, além da revitalização do centro histórico, abandonado pelo poder público. Nesse cenário, Valter Nagelstein (PMDB), vereador que assumia a Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC), propôs que o Largo Glênio Peres, praça histórica em frente ao também histórico Mercado Público, virasse um estacionamento. A ideia era “qualificar o público” que frequenta o Mercado. Tradicionalmente, o Largo Glênio Peres é habitado por uma multiplicidade, desde grandes feiras populares, como a Feira da Economia Solidária e a Feira do Peixe, até as singularidades que habitam a cidade para ganhar e exercer sua vida: pregadores evangélicos, artistas de rua, índios guarani e kaingang que vendem seu artesanato e tocam sua música, rodas de capoeira, músicos de rua, mágicos e um longo etcétera. Alguns anos antes, também concentrava inúmeros camelôs que, em 2009, foram removidos e realocados no “Camelódromo”, mudando as dinâmicas fluídas onde estes se inseriam e impondo-lhes um novo regime de controle. Logo em seguida a Prefeitura proibiu manifestações artísticas sem autorização prévia e as tradicionais feiras, preparando o caminho para trazer o “público qualificado” que só iria ao centro se fosse de carro.

Em resposta, ativistas passaram a organizar, inspirados em São Paulo, a “farofada da gente desqualificada”, que logo em seguida se tornou o “Largo Vivo”. Com o objetivo de criticar as políticas voltadas ao automóvel em Porto Alegre, em detrimento de espaços públicos para outros meios de locomoção, os manifestantes, usando uma identificação na sua roupa escrita “público menos qualificado”, entravam no Mercado Público para fazer compras e, posteriormente, confraternizar com um piquenique no local. A atividade foi considerada positiva por seus participantes. A partir daí, decidiram protagonizar o mesmo protesto todas as terças-feiras. Porém, saindo do caráter político que teve a farofada em direção a um viés

²⁰ SASSO, Guilherme Dal e BERNARDO, Gabriel. Junho antes de junho: o ciclo de lutas de 2013 em Porto Alegre, onde tudo começou, *Rede Universidade Nômade*, 2016 Disponível em <<http://uninomade.net/tenda/junho-antes-de-junho-o-ciclo-de-lutas-de-2013-em-porto-alegre-onde-tudo-comeco-u/>> Acesso em 18 out. de 2016 e CARVALHO, André. Pedindo uma Porto Alegre para as pessoas, surge o Largo Vivo, *Sul 21*, 2011. Disponível em <<http://www.sul21.com.br/jornal/pedindo-uma-porto-alegre-para-as-pessoas-manifestantes-criam-o-%E2%80%99Clargo-vivo%E2%80%99D/>> Acesso em 18 out. de 2016.

mais artístico e cultural, defendendo a apropriação dos espaços públicos.

Com a ideia de ocupar o Largo, jovens passam a trazer cangas, comidas, instrumentos musicais, malabares etc. É certo que o largo sempre esteve “ocupado”, mas o Largo Vivo torna-se a primeira forma de ocupação sistemática que busca chamar a atenção para o projeto elitista da Prefeitura e organizar uma oposição também sistemática. O primeiro ano inteiro de Largos Vivos resume-se a ponto de encontro de algumas dezenas, que se encontram ali, mas o apoio de artistas de circo e de bandas locais de renome no cenário independente ajudaram a atrair mais gente.

No verão de 2012, a Prefeitura e a PM, com apoio midiático, concentram as suas ações para reprimir os pontos de encontro da juventude, como na Cidade Baixa, por exemplo, onde se bebia na rua a cerveja mais barata, motivo pelo qual reunia jovens da periferia, universitários, punks, hippies e demais “tribos”. Uma parcela mais ou menos organizada da juventude, que puxava o Largo Vivo, explora outros modos de reagir, como a “Chinelagem na Padre Chagas”, intervenção que consistia em tomar um trago com isopor e chinelo na rua de um dos bairros mais ricos da cidade.

Nessa onda de acontecimentos, o Largo Vivo ganhou força, ele crescia em quantidade e qualidade: se antes era puxado pelo meio mais universitário-militante, passou a contar com uma diversidade cada vez maior de públicos. Como o evento era autoconvocado via Facebook, outros grupos passam a fazê-lo: temos então edições do Largo Verde, puxado por grupos de reggae, edições temáticas do Marco Civil da Internet, com a presença do ônibus hacker e música eletrônica, edições temáticas da Marcha da Maconha e pela legalização, etc. O Largo Vivo é tomado hoje como referência não só por ter criado um novo ponto de encontro e organização da juventude, mas por ter sido considerado a primeira “batalha ganha” nessa tensão com a Prefeitura, barrando o projeto do estacionamento. Da movimentação do Largo Vivo surgiram muitos dos coletivos que produzem festas e eventos nas ruas até hoje.

Figura 22: Largo Glênio Peres em dia de Largo Vivo



Fonte: página do Largo Vivo no Facebook²¹

O Largo Vivo, como se pode ver, foi um importante marco que incentivou a emergência de outros coletivos na cidade. Assim como o Largo Glênio Peres, diversos locais de Porto Alegre foram revitalizados com base em interesses elitistas, sem o consentimento da população em geral. Ocupar esses locais é então uma forma de demonstrar a importância desses espaços para os moradores da cidade e de apontar que esses lugares não foram abandonados pelas pessoas, mas sim pela prefeitura. A fase em que o movimento se consolidou foi muito complicada, por isso os eventos também serviam como uma válvula de escape, um lugar para se expressar, beber, celebrar e conhecer outros indivíduos, criando uma espécie de rede de pessoas preocupadas com as mesmas causas.

7.8 Defesa Pública da Alegria²²

O Defesa Pública da Alegria foi um desses grupos criados a partir das movimentações do Largo Vivo. No entanto, desde o primeiro ato buscou denunciar a política municipal no

²¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/largovivo/?fref=ts>> Acesso em 14 nov. de 2016

²² CAMARGO, Gilson, Espaços públicos, porém não. Extra Classe. Disponível em <<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/2012/11/espacos-publicos-porem-nao/>> Acesso em 26 out. de 2016. e OLIVEIRA, Samir, MÜLLER, Iuri, FURQUIM Ramiro. Defesa Pública da Alegria volta à Praça Montevideu e relembra queda do mascote da Copa. Disponível em <<http://www.sul21.com.br/jornal/defesa-publica-da-alegria-volta-a-praca-montevideu-e-relembra-queda-do-mascote-da-copa/>> Acesso em 26 out. de 2016.

que diz respeito às remoções na Zona Sul de Porto Alegre, a entrega de áreas públicas da cidade à iniciativa privada e ao cercamento de lugares como o auditório Araújo Viana, no Parque da Redenção.

É uma organização política autônoma e autogestionada, surgida a partir de um ato político-cultural realizado em outubro de 2012. O protesto tinha o objetivo de denunciar políticas do governo municipal de privatização dos espaços públicos da cidade, e teve um desfecho inesperado. Quando a Brigada Militar reprimiu manifestantes que se aproximaram do mascote da Copa do Mundo, o tatu-bola inflável, resultando em perseguições pelas ruas do Centro e vários feridos. Pensado inicialmente como uma ação pontual, o ato originou o coletivo de atuação política permanente, a partir da constatação de que essas disputas também seriam constantes.

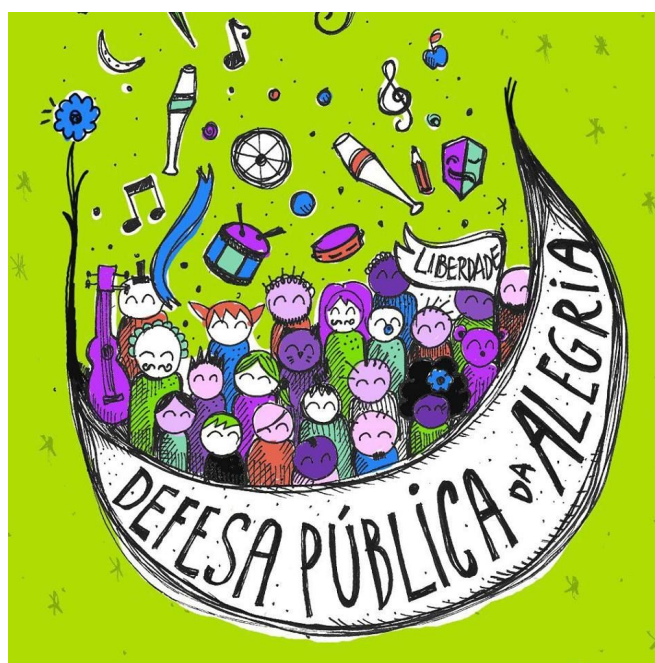
A organização disputa a cidade como um espaço de convívio igualitário, no qual combate a gentrificação²³, além de defender com determinação e alegria a construção de uma cidade diversa e voltada aos interesses da sua população. Nesse contexto, o movimento se opõe à especulação imobiliária e ao controle dos espaços públicos pelo capital privado. Ele reivindica investimentos públicos igualitários nos diferentes territórios urbanos que desnaturalizem as distâncias políticas e econômicas entre centro e periferia. Exige o livre direito à manifestação e rechaça o cerceamento das liberdades no ambiente urbano. Defendendo a alegria como uma trincheira, um princípio, um destino, o coletivo se soma aos diversos movimentos populares na construção de uma sociedade mais solidária.

O Defesa Pública da Alegria era um ato e acabou se transformando em um movimento que teve diversas variações, entre elas: *Defesa Pública da Redenção* (o movimento desprezava a cerca do Araújo - que facilmente poderia se transformar em uma cerca ao redor de toda a Redenção); *Defesa Pública do Progresso* (ato contra a duplicação da Avenida Beira-Rio que a transformaria em auto-estrada, separando ainda mais o Guaíba da

²³ A palavra gentrificação (do inglês gentrification) pode ser entendida como o processo de mudança imobiliária, nos perfis residenciais e padrões culturais, seja de um bairro, região ou cidade. Esse processo envolve necessariamente a troca de um grupo por outro com maior poder aquisitivo em um determinado espaço e que passa a ser visto como mais qualificado que o outro. O termo é derivado de um neologismo criado pela socióloga britânica Ruth Glass em 1963, em um artigo onde ela falava sobre as mudanças urbanas em Londres (Inglaterra). Ela se referia ao “aburguesamento” do centro da cidade, usando o termo irônico “gentry”, que pode ser traduzido como “bem-nascido”, como consequência da ocupação de bairros operários pela classe média e alta londrina. MARTINS, Andreia, 2014. Disponível em <<http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/gentrificacao-o-que-e-e-de-que-maneira-altera-os-espacos-urbanos.htm>> Acesso em 21 out. de 2016.

cidade e eliminando muitas árvores); *Defesa Pública das Árvores* (contra o corte de 115 grandes árvores na região do Gasômetro); *Defesa Pública do Porto Alegre, Escracho por um Cais Mauá público*, (ambos lutam por um Cais do Porto revitalizado com inclusão e não um espaço de lazer e negócios para apenas a elite da cidade, contra a construção de shoppings, para a especulação imobiliária e para estacionamento de mais de 4 mil carros e a favor de um Cais que preserve o acesso público); *Defesa Pública da Sarai* (defesa à resistência dos moradores da Ocupação Sarai em contraposição aos interesses de construtores e empresários, luta contra uma lógica de cidade que exclui, que acaba com os espaços públicos.). O evento mais recente, foi o *Largo Vivo das Escolas Independentes Ocupadas*, que ocorreu em junho de 2016, resultado de uma parceria do Defesa Pública da Alegria com o Largo Vivo. Os manifestantes lutavam pela participação direta e coletiva nas decisões sobre a educação em Porto Alegre, e foi uma resposta ao cortes nas verbas da educação e da cultura, à violência da polícia de choque e também à criminalização dos estudantes e dos movimentos sociais.

Figura 23: imagem de perfil do Facebook da Defesa Pública da Alegria



Fonte: <https://www.facebook.com/defesadaalegria/?fref=ts>

A organização, além de ocupar os espaços públicos, atua fortemente nas redes sociais, se apropriando também do espaço expandido proporcionado pelas tecnologias, difundindo informações que na maioria das vezes não chegam às mídias tradicionais. Eles trazem pautas

em relação à política do país, mas principalmente focando no governo gaúcho e na cidade de Porto Alegre, trazendo informações sobre as demandas atuais, ocupações estudantis, protestos contra a PEC 241/55 e ainda compartilhando eventos culturais.

7.9 Massa Crítica²⁴

A Massa Crítica é uma celebração da bicicleta como meio de transporte que ocorre em mais de 300 cidades ao redor do mundo. Ela acontece quando ciclistas, skatistas, patinadores e outras pessoas com veículos movidos à propulsão humana ocupam seu espaço democraticamente nas ruas, tornando mais visível estes modais de transporte urbano.

A Massa Crítica é organizada de forma horizontal, não tem representantes, porta-vozes, nem líderes. Ela não tem uma voz. Ela tem tantas vozes quanto participantes. Cada um é livre para levar a manifestação ou a reivindicação que quiser. Em Porto Alegre ela ocorre toda última sexta-feira do mês, com encontro às 18h45min no Largo Zumbi e saída às 19h30min, sendo que os participantes podem trazer sugestões de trajeto.

Os principais objetivos são divulgar a bicicleta como um meio de transporte, criar condições favoráveis para o uso deste veículo e tornar mais ecológicos e sustentáveis os sistemas de transporte de pessoas, principalmente no meio urbano.

Figura 24: banner da Massa Crítica



Fonte: <https://massacriticapoa.wordpress.com/>

Arrisco-me em associar a Massa Crítica a uma “deriva coletiva sobre rodas”, afinal, segundo os próprios situacionistas, “a deriva é uma técnica do andar sem rumo” e na pedalada, além ocupar a rua com transportes movidos à propulsão humana, a única questão já

²⁴ Disponível em <<https://www.facebook.com/massacriticapoa/?fref=ts>> Acesso em 22 out. de 2016.

definida é o ponto de partida, para que todos os participantes possam se encontrar, entretanto, o grupo pode escolher o caminho de acordo com suas interações na cidade, sendo a rota construída coletivamente durante o próprio percurso.

7.10 Ocupações

Ocupar²⁵ é uma forma de ato político, um modo de protestar. Ou seja, é uma maneira que os cidadãos têm de se fazer ouvidos pelo governo. A ocupação é uma espécie de chamado para que a comunidade discuta os assuntos que estão sendo deliberados sem consentimento social. Por isso, durante as ocupações, normalmente tem aulas e palestra de discussão sócio-política. A ocupação aponta para uma denúncia. No caso das casas abandonadas, o que se quer é que terrenos como esses sejam destinados para fins sociais e de moradia. Já a ocupação das escolas nasce porque os estudantes estão se manifestando contra a Medida Provisória do governo que muda todo o sistema de educação e, também, contra a PEC 241/55 em debate no Senado com propostas de redução de gastos públicos e congelamento de investimentos para saúde e educação, entre outros, por até 20 anos.

7.10.1 Ocupação Pandorga²⁶

A Pandorga é localizada na Vila Cabo Rocha (Rua Professor Freitas e Castro, 191 – Bairro Azenha), gerida por um coletivo autônomo comprometido com a promoção de arte, cultura e educação. A ocupação desenvolve permanentemente propostas enquanto oficinas, encontros, debates, palestras e discussões e, atualmente, oferece em torno de cem atividades mensais, sendo organizadas e divulgadas semanalmente através de distintos meios de comunicação.

²⁵ Disponível em

<<http://br.blastingnews.com/sociedade-opinioao/2016/10/entenda-as-ocupacoes-das-escolas-001201351.html>> Acesso em 12 nov. de 2016.

²⁶ FOGLIATO, Debora. Ocupação Pandorga reivindica uso social de área da Prefeitura abandonada há seis anos. Sul 21. Disponível em

<<http://www.sul21.com.br/jornal/ocupacao-pandorga-reivindica-uso-social-de-area-da-prefeitura-abandonada-h-a-seis-anos/>> Acesso em 26 out. de 2016.

A Pandorga é destinada ao público em geral, no entanto, apresenta um olhar cuidadoso à comunidade da Vila Cabo Rocha devida à relação de vizinhança estabelecida. O movimento da Ocupação realiza-se com presenças, participações e contribuições de apoiadores, mediadores e grupos/coletivos independentes.

Abrangendo dois prédios históricos, inventariados pelo município, a área pertence à Coordenação de Transportes Administrativos (CTA) e foi cedida à Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc). Os ocupantes, porém, afirmam que o terreno está abandonado há seis anos. A Ocupação foi feita por famílias e coletivos culturais da cidade a partir de observação e pesquisa a respeito da área, embora haja poucas informações públicas sobre o local. A ideia não é obter a posse do terreno, visto que a ocupação é feita exatamente na lógica de ser contrária à privatização da cidade. “Queremos ter a certeza de que a Prefeitura destine essa área para fins sociais e de moradia. Só vamos sair daqui com essa garantia”, explicou Marina Fernandes, que morava na Ocupação Violeta e agora se mudou para a Pandorga.

7.10.2 Kuna Libertária²⁷

Resistiu até fevereiro de 2016 e se definia como um espaço aberto para criação de oficinas, buscando fortalecer vínculos humanos sem mediação do capital. Durante um ano e meio de existência, esteve a base de circo, dança, yoga, teatro, produção literária independente, capoeira, musicalização, violão, audiovisual, costura, etc. Tudo isso por colaboração espontânea, sem nenhuma daquelas taxas ou monetarização obrigatória que nos fazem acreditar que para viver, comunicar e aprender se precisa de capital. Kuna foi uma prova do contrário, uma experiência de vida coletiva sem hierarquia e sem dinheiro.

²⁷ Disponível em <<https://www.facebook.com/kuna.libertaria/?fref=ts>> Acesso em 18 out. de 2016.

7.10.3 Ocupações contra a PEC 241/55²⁸

A Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, na qual estudo, foi ocupada pelas suas acadêmicas e acadêmicos por deliberação de Assembleia convocada pelo Centro Acadêmico de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia e pelo Diretório Acadêmico da Comunicação, realizada no dia de 31 de Outubro de 2016. Para discutir como a esse movimento vai impactar no futuro da faculdade e também na educação do país, a ocupação conta com uma agenda semanal que inclui rodas de conversa, palestras, exposições de filmes, shows, intervenções, entre outras atividades relacionadas ao tema.

Figura 25: prédio da FABICO ocupado



Fonte: <https://www.facebook.com/ocupafabico2016/?fref=ts>

Contextualizando, recentemente, uma onda de ocupações de escolas e universidades começou a se espalhar pelo Brasil. Esse movimento começou no Paraná, onde já são mais de mil escolas ocupadas. O objetivo é simples: fazer com que a voz da sociedade tenha algum valor nas decisões políticas. Trazer a comunidade para dentro das discussões da MP da educação e da PEC 241. Promover debates, pela base, sobre esses assuntos, é dar voz para quem quer participar democraticamente das decisões que afetam a sociedade.

Essa mobilização nacional contra as políticas do governo Temer que congelam investimentos em educação, saúde e outras áreas do serviço público por até vinte anos, e que alteram a estrutura do ensino médio no país, chegou com força à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Agora, além das

²⁸ WEISSHEIMER, Marco. Ocupações contra políticas do governo Temer se espalham pela UFRGS. Disponível em <<http://www.sul21.com.br/jornal/ocupacoes-contra-politicas-do-governo-temer-se-espalham-pela-ufrgs/>> Acesso em 12 nov. de 2016.

várias unidades do Instituto Federal que já estavam ocupadas por estudantes no estado, alunos da UFRGS começaram a ocupar as dependências de suas unidades em protesto contra a PEC 241 (rebatizada de PEC 55 no Senado), a Medida Provisória que determina uma reforma do ensino médio e projetos como o Escola Sem Partido.

A primeira ocupação ocorreu no dia 26 de outubro de 2016, quando estudantes de Letras ocuparam o prédio do Instituto no Campus do Vale. Hoje, boa parte dos cursos da UFRGS estão ocupados, como, Biologia Marinha, Bacharelado Interdisciplinar, Educação no Campo, Pedagogia, Filosofia, Ciências Sociais, História, Arquitetura, Design, Psicologia, Fonoaudiologia, Serviço Social, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Biblioteconomia, Museologia, Arquivologia, Políticas Públicas, Direito, entre outros.

A Associação Juízes para a Democracia divulgou no dia 31 de outubro uma nota oficial em apoio às ocupações. Segue alguns trechos que destaco da nota:

[...] 3. Tem-se visto, no início do presente século, uma série de manifestações por todo o mundo que demonstram a indignação das pessoas perante as promessas não cumpridas do sistema político: a revolução da liberdade e dignidade da Tunísia, a revolução egípcia, as insurreições árabes, os Indignados de Espanha e o Occupy Wall Street nos Estados Unidos são exemplos desse quadro. [...]

[...] 5. É a partir desse contexto que se deve voltar os olhos às atuais ocupações. Na sociedade em rede, a dinâmica das mobilizações sociais e dos meios de controle do Estado pela sociedade ganharam uma nova conformação e, conseqüentemente, o Direito deve acompanhar tais transformações a partir de releituras dos institutos jurídicos.

6. O direito à liberdade de expressão, estampado no art. 5º, IV da Constituição da República, permite que a liberdade de manifestar o pensamento, por meio da comunicação, ocorra entre interlocutores presentes ou ausentes. Na sociedade em rede, não é mais possível entender que vigore uma forma apartada de comunicação entre presentes de um lado e entre ausentes do outro, quando surgem, a todo momento, formas não usuais de manifestação, como é o caso das ocupações, que afetam um número considerável de pessoas, ganhando repercussão e gerando discussões sobre o evento.

7. Assim, partindo dessa constatação, é preciso considerar que as ocupações, na forma que sucedem em escolas e universidades, consistem em exercício de liberdade de expressão que permite, aos coletivos, grupos e movimentos sociais, a atenção do Estado e da sociedade para as suas demandas. Representam, em outros termos, legítimo direito tutelado pela Constituição da República. [...]

[...] 9. Não se pode esquecer, ainda, que os estudantes das escolas e universidades trazem a esperança de um novo tempo com a intervenção da sociedade nas questões públicas, na medida em que buscam estabelecer um diálogo duradouro com o Estado. A democracia de alta intensidade, projetada em Constituição que promete a construção de sociedade livre, justa e solidária (art. 3º, I), impõe a permanente participação social na gestão pública, não se limitando, pois, às formalidades eleitorais.

10. Por tudo isso, a Associação Juízes para a Democracia (AJD), no exercício da liberdade de associação também consagrado constitucionalmente (art. 5º, XVII), vem a público afirmar que as ocupações nas escolas e universidades,

como forma de protesto, representam legítima expressão do direito à livre manifestação, clamando para que o Estado promova o diálogo efetivo com estudantes. (Associação Juizes para a Democracia, São Paulo, 31 de outubro de 2016.) Disponível em <<http://www.sul21.com.br/jornal/ocupacoes-contra-politicas-do-governo-temer-se-es-palham-pela-ufrgs/>> Acesso em 12 nov. de 2016.

Estudantes preveem mais um ano "de luta" mas ainda é difícil definir o que pode ser o estopim das mobilizações. A Ubes (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) realizará no início de 2017 um encontro nacional de grêmios escolares, de onde sairá um "calendário de lutas".²⁹

7.11 Manifestações

Os protestos desencadeados em junho de 2013³⁰ reacenderam a vontade de muitos porto-alegrenses e brasileiros, em geral, de sair às ruas para reivindicar seus direitos, também levou às ruas quem nunca havia se manifestado. Inicialmente, em janeiro desse mesmo ano, as manifestações organizadas aqui em Porto Alegre pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público lutavam contra o aumento da passagem dos ônibus, entretanto, à medida que os acontecimentos se desenrolavam nas instâncias responsáveis pela efetivação do reajuste, a causa ia adquirindo respaldo social e as manifestações acabaram englobando cada vez mais gente, com propósitos muito diferenciados, descaracterizando seus objetivos iniciais. Os grandes protestos em junho também deixaram claro que o Bloco de Luta já não possuía hegemonia sobre a multidão, tanto em termos de direcionamento físico do trajeto das marchas, quanto em termos de delimitação política das reivindicações. Aliás, ninguém possuía esses domínios. Foi neste período que a pulverização de causas e a ausência de uma organização minimamente tradicional se radicalizaram ao extremo.

Em 2016 foi a vez das manifestações tanto favoráveis quanto contrárias ao *impeachment* da presidenta afastada Dilma Rousseff ganharem destaque. Os dois eventos geralmente ocorriam ao mesmo tempo. Já a partir do dia 1º de setembro, quando Michel

²⁹ SALDAÑA, Paulo. Ocupações de Escolas continuam em 2017, dizem lideranças estudantis. Folha de São Paulo, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cenarios-2017/2016/12/1842137-ocupacoes-de-escolas-devem-continuar-em-2017-dizem-liderancas-estudantis.shtml>> Acessado em 18 dez. de 2016.

³⁰ OLIVEIRA, Samir. Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou. Sul 21. Disponível em <<http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>> Acessado em 24 out. de 2016.

Temer assumiu definitivamente a Presidência da República até 2018, as ruas novamente foram preenchidas com o povo em diversos atos “Contra o Golpe”, “Fora Temer” e em defesa da democracia.

Independente da posição política defendida pelos manifestantes, em todos os casos, se torna fundamental a utilização dos espaços públicos da cidade, que nesses casos rompem com seu uso tradicional e cotidiano e servindo então para propagar mensagens. As manifestações podem ocorrer em um local central e convergir para outras localidades e vice e versa, podendo também situar-se em um local fixo.

Figura 26: protesto pró-impeachment no Parcão / Figura 27: protesto contra o impeachment na Redenção



Fonte: Omar Freitas e Bruno Alencastro³¹

O roteiro a ser seguido pela manifestação (passar pela EPTC, Zero Hora e afins) ou o próprio lugar onde ela acontece já comunica algo. A exemplo disso, temos as manifestações em relação ao *impeachment* da presidenta afastada Dilma Rousseff. O grupo que defendia o afastamento definitivo de Dilma encontrava-se no Parque Moinhos de Vento, parque situado nas redondezas dos bairros nobres da cidade, ou seja, a maioria dos protestantes eram claramente pertencentes à classe burguesa da cidade. Já os manifestantes pró-Dilma, que protestaram contra o que chamavam de golpe, concentraram-se no Parque Farroupilha, ponto mais central e diversificado da cidade.

7.12 Derivas em Porto Alegre

³¹ Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/07/fotos-as-manifestacoes-pro-e-contra-o-impeachment-em-po-rt-alegre-7039148.html>> Acesso em 14 nov. de 2016.

Como visto anteriormente, a construção de situações inspirou o nome do grupo que utilizava o meio urbano como terreno da ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a monotonia da vida cotidiana na década de 50. De acordo com os próprios situacionistas, a definição de “situação construída” é o momento da vida concreta e deliberadamente construída pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos.

Essa crítica urbana situacionista permanece inerente. Os movimentos recorrentes na cidade de Porto Alegre analisados neste trabalho fundamentam-se basicamente na construção de situações que têm como objetivo chamar a atenção para determinadas tensões da cidade. Festas na rua, manifestações, feira de variedades, ocupações ou pedaladas noturnas são todas situações construídas na qual a participação ativa dos cidadãos é essencial para que novas experiências sejam geradas e contribuam para um olhar mais crítico sobre a cidade.

A teoria da deriva também pode ser aplicada em diversas práticas aqui estudadas. Segundo Debord (1958), a teoria considera que o meio urbano em que vivemos é motivador da deriva, transformando a cidade em um espaço de liberdade e que, em resumo, uma pessoa ou grupo que se submete à deriva parte de um determinado lugar e segue uma rota indefinida, deixando que o próprio meio urbano os leve ao acaso, pelo caminho que segue.

É possível traçar paralelos entre a teoria da deriva e os movimentos estudados, pois mesmo que não tenham sido diretamente influenciados por ela, possuem um mesmo ideal. Intervenções como as do Xadalu, Mosaico Intervenção Urbana e Shoot the Shit potencializam a deriva, pois quando se anda sem rumo pela cidade, os indivíduos são impactados por essas manifestações e criam novas perspectivas, ou até novas rotas a partir dessas mensagens passadas pelos artistas. A Massa Crítica, como já visto anteriormente, pode ser associada a uma “deriva coletiva sobre rodas”, afinal, segundo os próprios situacionistas, “a deriva é uma técnica do andar sem rumo” e na pedalada, além ocupar a rua com transportes movidos à propulsão humana, a única questão já definida é o ponto de partida para que todos os participantes possam se encontrar, entretanto, o grupo pode escolher o caminho de acordo com suas interações na cidade, sendo a rota construída coletivamente durante o próprio percurso. Já nos eventos como a Serenata Iluminada, Arruaça e Largo Vivo, os indivíduos presentes entregam-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar, já que são manifestações que abrangem um contingente muito grande de pessoas e performances, abrindo possibilidades para várias experiências.

8 ANÁLISE

Com base nessa coleta de informações feitas até o momento, tive a oportunidade de compreender melhor como surgiram, qual propósito e como se organizam as práticas de intervenção urbana atuantes na cidade de Porto Alegre. Foi possível também aproximar essas práticas com as teorias acerca do espaço urbano que foram revisadas até o momento, identificando uma inspiração desses movimentos atuais nos movimentos precursores, por mais que de forma indireta.

Com o propósito de mostrar como essas ações colaboram para a discussão da importância dos espaços públicos comuns e de compreender como elas se integram à cidade, reconheço etapas em comum praticadas pelos movimentos para realizarem suas ações. A seguir, com base nas características principais de cada grupo, foi possível separá-los em categorias distintas, mesmo que alguns pertençam a mais de uma categoria ao mesmo tempo. Finalmente, aponto as semelhanças e diferenças entre os coletivos estudados de acordo com minhas percepções.

8.1 Etapas e categorias

Constatou-se que nas ações propostas pelas organizações até aqui estudadas podem ser percebidas etapas comuns, que acontecem no processo de realização das ações. As etapas identificadas são as seguintes: refletir sobre determinada situação/tensão da cidade; evidenciar a tensão por meio de uma ação construída publicamente; e, finalmente, gerar novas experiências sensíveis e despertar consciência de um número maior de indivíduos ou até mesmo de órgãos públicos sobre aquela tensão. A seguir, faço um quadro para exemplificar a recorrência das etapas percebidas:

Quadro 1 - Etapas em comum para a realização das ações

SITUAÇÃO/TENSÃO	AÇÃO	RESULTADOS	ORGANIZAÇÃO
Ruas esburacadas	Gravar um vídeo jogando golfe nos buracos da rua	Milhares de acessos ao vídeo: Prefeitura tapa os buracos	Shoot The Shit
Revitalização do Cais Mauá direcionada para a elite	Ocupar o Cais Mauá. Evento: Escracho por um Cais Mauá público	Mais pessoas refletindo sobre a questão, análise de novas propostas	Defesa Pública da Alegria
Aumento das passagens de ônibus	Manifestações na rua contra o aumento	Prefeitura abaixa os preços (mesmo que por pouco tempo)	Bloco de Lutas pelo Transporte Público
Falta de segurança nos parques da cidade, principalmente à noite	Festa noturna dentro dos parques	Mais segurança para as pessoas, mais iluminação por parte da Prefeitura	Serenata Iluminada
Má sinalização nas paradas de ônibus	Adesivos editáveis em que as pessoas possam adicionar as linhas de ônibus que passam na parada	Grande repercussão, EPTC coloca novas placas informando as linhas de ônibus	Shoot The Shit

Fonte: elaborado pela autora (2016)

É importante ressaltar que, mesmo que as intervenções não possuam sempre um resultado concreto, como a remoção dos buracos da rua por parte da Prefeitura, sempre será importante fazer algo que chame a atenção da pessoa, que tire ela da sua zona de conforto, do seu caminho tradicional, que veja que tem algo diferente acontecendo e reflita sobre aquilo.

Concordando com esse posicionamento, Braga (2016) relata na entrevista:

Acho que essa forma de impactar é começar uma conversa com as pessoas pra elas saberem certas coisas que muitas não sabem e dependendo da relevância, do momento, de variáveis que às vezes a gente não controla, essa conversa pode crescer e mudanças reais podem acontecer. [...]. Às vezes é uma mudança meio subjetiva, ou uma mudança de percepção, algumas pessoas começaram a perceber que sentar na rua é importante, mas nada foi feito, nenhum “buzz” novo foi gerado mas às vezes é a placa do ônibus que colocam, uma mudança realmente real (BRAGA, Luciano em entrevista

concedida à Gabriela Heberle. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice A desta monografia.)

A partir dos diferentes tipos de manifestações que se apropriam do espaço público para comunicar em Porto Alegre, foi possível fazer uma divisão com base nas suas características principais. Inicialmente pensei em categorizar cada coletivo em uma única categoria, porém algumas atividades podem se encaixar em mais de uma característica, podendo então se repetir.

Quadro 2 - Categorias

CATEGORIA	DEFINIÇÃO	COLETIVO/AÇÃO
Festa de Rua	São eventos com o objetivo de dar vida ao espaço público, tornar a arte e a cultura acessíveis para diversos públicos, fomentar o comércio de pequenos produtores, incentivar a troca entre as pessoas e buscar por mais segurança.	Arruaça, Serenata Iluminada, feira Me Gusta, Festa Cerne, Largo Vivo, feiras de gastronomia.
Ato político	Manifestações de cunho político que buscam, a partir dos espaços públicos, dar voz para quem quer participar democraticamente das decisões que afetam a sociedade.	Defesa Pública da Alegria, Largo Vivo, Ocupação Pandorga, Ocupações contra a PEC 241/55, Kuna Libertária, Massa Crítica
Intervenção no mobiliário urbano	São intervenções que utilizam os muros, escadas, calçadas, placas de sinalização da cidade para comunicar.	Shoot The Shit, Xadalu, Mosaico Intervenção Urbana
Ocupação territorial e predial	Ênfase na ocupação definitiva ou temporária de áreas ou espaços urbanos públicos ou privados, degradados, abandonados, ou que operavam alguma medida de exclusão social.	Defesa Pública da Alegria, Largo Vivo, Ocupação Pandorga, Kuna Libertária, Ocupações contra a PEC 241/55 Serenata Iluminada
Empresa	Realiza projetos também para atender clientes, possuindo uma renda mensal e arcando com certos custos fixos como o pagamento dos salários de funcionários.	Shoot The Shit

Fonte: elaborado pela autora (2016)

8.2 Percepções sobre a apropriação da cidade

De acordo com o que foi visto até aqui, sobre os coletivos, identificou-se que são diversos os fatores que fazem emergir a vontade de criar novas formas para ressignificar o espaço urbano em Porto Alegre, como por exemplo, a monotonia da cidade, a desapropriação, o fato desses espaços atualmente serem trocados pelos equipamentos tecnológicos, o abandono desses espaços pelo governo, tendo como consequência as privatizações, a falta de segurança, ou até mesmo a falta de festas que sejam mais democráticas e gratuitas. Todos eles, de alguma forma, se tocam e conversam, pois entre si compartilharam algumas experiências semelhantes e também complementares. A partir dessas observações foi possível apontar algumas características em comum abordadas por eles:

8.2.1 Segurança

Muitas atividades só são possíveis graças ao uso do automóvel ou de meios de transporte público, tornando assim as ruas e praças cada vez mais como passagens que interligam alguns lugares à outros e menos como espaços em que é possível encontrar os outros. Além disso, a difusão de uma sensação de insegurança assombra muitos cidadãos em relação à espaços demasiado abertos e pouco controlados.

Jane Jacobs (1992) apud Caiafa (2007) observa que a melhor medida de segurança nas ruas de uma cidade são as próprias pessoas. Uma rua habitada não precisa de polícia. De fato, a violência é muito mais provável nas regiões despovoadas, onde as pessoas preferem permanecer entre conhecidos em ambientes familiares, onde o espaço público está abandonado. Essa afirmação pode ser comprovada, pois muitos dos coletivos aqui analisados buscam justamente combater essa sensação de insegurança, ocupando esses locais e fazendo com que as próprias pessoas tragam segurança umas às outras e tornando novamente o espaço público em um espaço de convívio e socialização e não apenas de circulação.

8.2.2 Interações

Um dos pontos que pude observar durante os eventos foram as trocas possíveis entre os indivíduos e entre cidade e indivíduo. Nota-se uma grande diferença entre os meios de comunicação tradicional e a cidade como mídia, sendo que no primeiro caso, a comunicação ocorre de forma bidirecional, na qual as mídias são voltadas apenas para a informação, não possibilitando a interação. Já no segundo, o sujeito interage com o espaço público, com os indivíduos no seu entorno e também com os equipamentos tecnológicos, hibridizando-os em um só.

Para os situacionistas, a principal solução contra o espetáculo era a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no da cultura. Aproximo-me deles aqui, pois nesses eventos em Porto Alegre foi possível comprovar que é essencial a participação dos indivíduos e que na rua é possível ser espetáculo, espectador e ator, além disso, cada indivíduo, equipado com seu smartphone, pode também ser a própria mídia, que divulga imagens instantaneamente, fazendo com que outros indivíduos que nem estão presentes no momento possam também interagir.

Essas interações ocorrem em várias etapas, não somente quando a ação está acontecendo, mas também podendo ser antes, por exemplo, sugerindo rotas (no caso da Massa Crítica) ou bandas (Arruaça, Serenata Iluminada) e também depois que o evento ocorre, postando vídeos de bandas, fotos, publicando em um blog ou em um jornal e até mesmo ao comentar com outras pessoas.

Também ocorrem interações com as pessoas na volta, por exemplo em um evento que participei “Carnaval de Rua - É primavera”, o bloco fazia seu cortejo pelas ruas da cidade enquanto as pessoas em suas casas observavam e dançavam junto de suas sacadas. Também nos protestos de 2013, contra o aumento das passagens de ônibus, ao notar que os moradores saíam para olhar o que acontecia pela janela, os manifestantes começaram a gritar em coro: “quem apoia pisca a luz!”, os moradores, em concordância, apagavam e acendiam as luzes fazendo com que os prédios também falassem.

8.2.3 Horizontalidade

Alguns dos coletivos como a Serenata Iluminada, Ocupação Pandorga, Largo Vivo, Defesa Pública da Alegria e Massa Crítica afirmam trabalhar de forma horizontal, sem representantes, porta-vozes, nem líderes, não possuindo uma única voz, mas sim tantas vozes quanto participantes. Eles se definem como autogestionados, autônomos ou auto-organizados. Essa horizontalidade pode ser percebida tanto na organização dos eventos, que são abertos e qualquer um pode convidar quem quiser, quanto no momento em que ocorrem, onde cada um pode trazer ou vender sua comida, tirar suas fotos, fazer uma roda de violão ou mesmo tocar com sua banda, não há o dono do estabelecimento, cachê, venda de ingressos e nem portões.

8.2.4 Efemeridade

Na maioria dos casos, as práticas ocorrem de forma efêmera. As festas na rua, como Arruaça, Largo Vivo e outras em geral, podem ser vistas também como os *happenings*, na qual reúnem pessoas que fazem acontecer coisas através do gesto, da voz e de atitudes diversas. Esses eventos duram geralmente uma tarde ou uma noite, porém, graças às redes sociais é possível eternizar e continuar discussões que ali iniciaram. Uma performance por exemplo, pode demorar apenas 1 minuto, mas ela pode ser gravada, postada e compartilhada, fazendo com que alcance um número muito maior de pessoas. Em outros casos, que ocorre a intervenção artística no próprio mobiliário urbano, como os adesivos do Xadalu ou os mosaicos da Mona Lisa, a duração das ações é mais longa, pois há a matéria física, que depois de um longo tempo em exposição, graças às intempéries acaba também por se degradar.

Pelo fato das ações serem efêmeras, este trabalho serve também como registro histórico desses movimentos que ocorreram em Porto Alegre nesses últimos tempos, que já aconteceram nas gerações passadas e se repetirão muito provavelmente nas futuras.

8.2.5 Resignificação

Em todos os casos, sem exceção, a resignificação do espaço público é a temática principal que motiva os coletivos a incentivar os cidadãos a buscarem um olhar mais crítico sobre a sua cidade. Um estacionamento pode virar pista de dança, as ruas, que na maioria das vezes são predominadas pelos carros podem, em determinados momentos, serem exclusivas dos ciclistas, ou manifestantes a pé. Um tapume que antes bloqueava sua visão pode, com o simples fato da colocação um cartaz, trazer questionamentos sobre a vida cotidiana a partir de uma mensagem ali presente. É como se janelas fossem abertas nesses locais, onde o transeunte muitas vezes pode interagir com a informação (riscando sobre o papel, por exemplo), ou simplesmente refletir sobre o assunto em pauta.

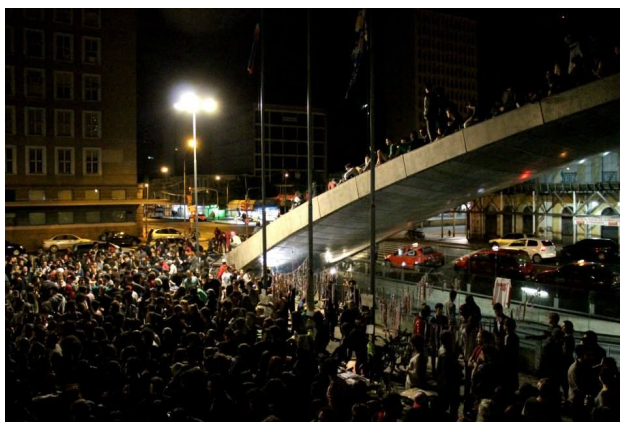
Figura 29: arco sobre a entrada da estação Mercado do Trensurb



Fonte: Marcos Hoffman³²

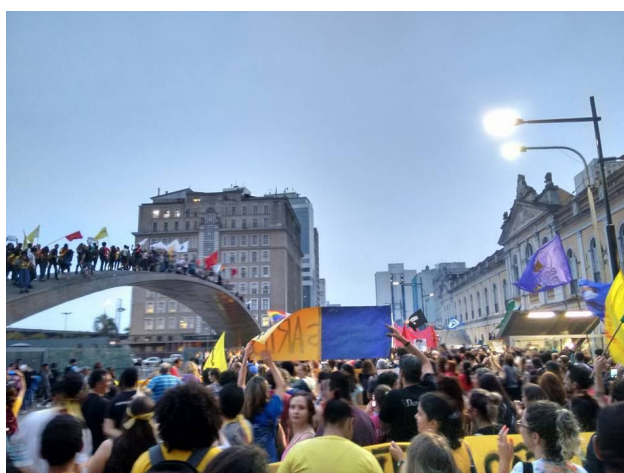
³² Disponível em
<<http://wp.clicrbs.com.br/viajandodecarro/2010/03/11/um-pouco-de-porto-alegre/?topo=52,1,1,,171,e171>>
Acesso em 16 out. de 2016.

Figura 30: arco tomado pela multidão na festa Arruaça em 2015



Fonte: Sofia Cortese³³

Figura 31: arco tomado pela multidão no Grande ato contra a PEC 241



Fonte: Elenara Vitoria Cariboni Iabel³⁴

Ao comparar as três imagens, todas no mesmo local, sendo que a primeira foi tirada em um dia de rotina normal em Porto Alegre, a segunda em uma noite da Festa Arruaça e a terceira em uma manhã de protesto, podemos perceber claramente a ressignificação desse espaço localizado na região central da cidade. O arco³⁵ faz parte do projeto de revitalização da Praça Revolução Farroupilha, na qual foi planejado pelo arquiteto Roberto Antoniazzi com a proposta de fazer uma cobertura para os acessos, promovendo a proteção para os dias

³³ Disponível em

<https://www.facebook.com/pg/trabalhosespaciaismanuais/photos/?tab=album&album_id=1836559179903881> Acesso em 16 out. de 2016.

³⁴ Disponível em <<https://www.facebook.com/elenaravitoria.cariboniiabel>> Acesso em 16 out. de 2016.

³⁵ Disponível em <http://www.trensurb.gov.br/paginas/paginas_noticias_detalhes.php?codigo_sitemap=1687> Acessado em 25 out. de 2016.

de chuva e marcando bem essa entradas ao metrô, buscando também harmonizar estruturas diferenciadas, fazendo com que dialogue o moderno e o antigo. O arco teve diferentes apropriações em cada caso. Na Festa Arruaça, por exemplo, a qual pude presenciar, inclusive subindo no arco, ele serviu como um local privilegiado (uma espécie de camarote) para assistir ao show da banda Trabalhos Espaciais Manuais que ocorria no momento; já no protesto contra a PEC 241, o ato de subir no monumento pode estar relacionado à uma busca por visibilidade: o fato dos manifestantes estarem no alto chama a atenção para aquilo que desejam, que nesse caso era mostrar sua indignação. Semelhante a esse caso, em Brasília, em junho de 2013, foi possível ver a parte superior do Congresso Nacional, símbolo maior da política no país, ocupado por manifestantes:

Figura 32: Congresso Nacional tomado por manifestantes em Brasília, 2013



Fonte: Portal EBC³⁶

De cima do edifício, manifestantes pediam para que os demais integrantes da marcha também subissem à marquise. Um cordão da Polícia Militar se posicionou na rampa do Congresso, isolando o acesso à área do Senado – os manifestantes estavam concentrados na área da Câmara.

³⁶Disponível em
<<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2013-06-17/manifestantes-protestam-no-congresso-nacional>>
Acessado de 20 out. de 2016.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, por meio da pesquisa histórico-descritiva, foi possível observar diversas fases da constituição da cidade, desde o início das civilizações até os dias atuais, passando pela cidade antiga e seus templos, a cidade grega e sua ágora como ponto de encontro e debate, a cidade medieval e suas catedrais, as consequências da revolução industrial até a cidade contemporânea, dominada pelo capitalismo.

Foi possível também aperfeiçoar o entendimento de conceitos acerca da cidade e dos espaços públicos, identificando-os como complexos sistemas comunicativos, onde predomina uma comunicação participativa, havendo trocas e interações, divergindo das mídias tradicionais (TV, jornal), na qual o público não interage, apenas recebe a informação (emissor>receptor). Aqui, muitas vezes, mais importante do que o conteúdo de uma mensagem, é o modo como essa mensagem é passada. Alguns autores, para exemplificar a possibilidade de comunicação e ressignificação do traçado urbano, fazem uma analogia entre cidade e textos, na qual ambos podem ser escritos, lidos, interpretados e reinventados.

Percebeu-se o surgimento de diversas manifestações políticas, artísticas e sociais que, com suas intervenções, trazem novos sentidos a esses espaços. Em meados da década de 1960 ocorreram grandes mudanças comportamentais na sociedade, transformações que também influenciaram radicais alterações no corpo da arte. Nesse contexto, vê-se a arte libertada dos muros museológicos. A linguagem da intervenção vai recolocar, diante do homem contemporâneo, a questão da democratização e do livre acesso à arte e cultura. Diversos artistas e grupos, tanto no Brasil, quanto em outros países do mundo aderiram a essa tendência em “desmusealizar” a obra de arte, tornando-a interativa com manifestações culturais de outra linguagem ou natureza, ocupando espaços públicos. Para entender melhor esses movimentos, buscou-se neste trabalho abordar algumas manifestações artísticas ao redor do mundo e também focar no movimento Situacionista, por ser reconhecido como um dos precursores e por possuir uma grande influência teórica sobre os demais movimentos.

No que diz respeito aos objetivos propostos neste estudo, acredito que os conceitos acerca do território urbano foram aprofundados, assim como a cidade foi identificada como um lugar de comunicação social. Também contextualizei historicamente as intervenções sobre o espaço público e houve a possibilidade de encontrar, através das pesquisas, diferentes

tipos de manifestação atuantes em Porto Alegre, que variam entre empresas que buscam deixar um legado positivo para a cidade, artistas, ocupações, passeatas, feiras de gastronomia, até festas de rua, mas todas com um propósito em comum: apropriação do espaço público para comunicar a mensagem pretendida.

Retomando a vontade inicial do trabalho de entender essa nova “onda” em Porto Alegre e suas interferências para criação de novos pontos de vista sobre a cidade, realizei entrevista com membros envolvidos em algumas práticas. As informações evidenciadas por eles nas entrevistas expostas aqui foram extremamente relevantes para compreender sua maneira de agir sobre o território e modos de questionar aspectos da vida urbana. Nas ações propostas por cada um deles, podem ser percebidas etapas comuns, que são essencialmente: refletir sobre determinada situação/tensão da cidade; evidenciar a tensão por meio de uma ação construída publicamente; e, finalmente, gerar novas experiências sensíveis e despertar consciência de um número maior de indivíduos ou até mesmo de órgãos públicos sobre aquela tensão.

A potência das ações se completa com a possibilidade da circulação dessas novas experiências. Com a ajuda da internet e suas tecnologias, o espaço público se expande e certas ações pontuais podem alcançar um número infinitamente maior do que no momento em que ocorreram. E quando alcançam visibilidade, os trabalhos se tornam muito mais representativos, podendo adquirir vida própria e serem multiplicados em outros meios e contextos distintos da ação inicial.

Em Porto Alegre, assim como em outras cidades, é provável que muitas intervenções urbanas se percam rapidamente em seus fluxos. Mas acredito que esse fato não impede de maneira alguma sua efetividade, pois, em muitos casos, o propósito das ações é justamente serem efêmeras. De acordo com o que foi exposto, este trabalho também se propõe a ser um registro histórico, pois muitas manifestações não alcançam a cobertura da mídia tradicional, sustentando-se apenas em páginas do Facebook ou blogs que podem a qualquer momento deixarem de existir.

Pude perceber que há na capital gaúcha uma rede de pessoas interessadas em ressignificar o espaço público e que essas pessoas, muitas vezes, trabalham em parceria, se ajudando ou apenas experienciando a sensação de fazer parte de um movimento, ou seja, as manifestações se conversam, mesmo que de forma indireta, tanto com outras manifestações locais, quanto as que ocorrem em outras cidades pelo Brasil e mundo afora. Além disso,

também devem conversar com movimentos de diferentes gerações, mesmo que sem tomar conhecimento, pois propõe ideias semelhantes.

Por fim, entende-se que as práticas aqui analisadas são acontecimentos que partem da informalidade para transformar as realidades e relações existentes, buscando comunicar através da própria cidade as problemáticas e vantagens que ela pode trazer.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah (1958). **A condição humana**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2007. Disponível em <<http://www.libertarianismo.org/livros/haach.pdf>> Acesso em 12 out. de 2016.

BARJA, Wagner. **Intervenção/terinvenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano**. In: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI), v.1 n.1, p.213-218, jul./dez. 2008. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/viewFile/816/2359>>

BECK, Renata. **Entrevista II**. [out 2016]. Entrevista concedida à Gabriela Heberle. Porto Alegre, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B desta monografia.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2007. 181p.

CANEVACCI, Massimo (1942) **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo, SP: Studio Nobel, 1993, 238p.

CERTEAU, Michel de (1990). **A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer**. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 316p.

COLI, Jorge (1985). **O que é arte**. Editora Brasiliense, São Paulo, SP. 6 Ed. 132p

DEBORD, Guy-Ernest. Teoria da Deriva. In: JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003b, p. 87-91. [Publicado originalmente em Internationale Situationniste, no 2, 1958.]

DINIZ, Juana Ribeiro. **Culture Jamming - Ativismo e contra-hegemonia**. Caligrama. Revista de Estudos e pesquisas em Linguagem e Mídia, 2008. v. 4, n. 1 São Paulo, SP

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Comunicação Espaço Cultural**. 1 ed. São Paulo, SP: Annablume, 2008. 214p.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio, **CIDADE: meio, mídia e mediação**. *MATRIZES, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da comunicação da Universidade de São Paulo*, São Paulo, Ano 1, n.2 p.39-53, jan./jun. 2008

FERRARA, Lucrécia D'Alessio, **Circular / comunicar / contactar - o espaço público como índice de transformação da cidade**, *Significação, Revista brasileira de semiótica*, São Paulo, v.20 p.189-203, novembro. 2003

FIGUEIREDO, Leila. **Território: cidade**. *Arte e Tecnologia, Coleção estudos da cultura. Série intersecções*, Recife, v. 4, p. 39-53, 2010.

GOMES, Gabriel, BRAGA, Luciano. **Entrevista I**. [out 2016]. Entrevista concedida à Gabriela Heberle. Porto Alegre, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice A desta monografia.

Gomes, Paulo C.C. **A Condição Urbana: Ensaio de Geopolítica da Cidade**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2002, 304p.

Internacional Situacionista (IS). Questões preliminares à construção de uma situação. In. JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003c, p. 62-64. [Publicado originalmente em Internationale Situationniste, no 1, 1958.]

JACQUES, Paola Berenstein. Apresentação. In. JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 13-30.

_____. Definições. In. JACQUES, P. B. (Org.) **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003b, p. 65-66. [Publicado originalmente em Internationale Situationniste, no 1, 1958.]

JACKS, Nilda, MORIGI, Valdir, OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Porto Alegre imaginada**. 1 ed. Porto Alegre, RS: Observatório Gráfico, 2012. 278p.

LEFEBVRE, Henri (1970). **Da cidade à sociedade urbana**. In: LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1999. p. 247-276. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/0B0GZ8j6b0NQXY2E0MTVjMmQtZTFhNy00MDNkLTgxZTUtYjc2YmY1OGM1OGVj/view?layout=list&ddrp=1&sort=name&num=50#>> Acesso em 18 set. de 2016.

MAZETTI, Henrique Moreira. **Intervenção urbana: representação e subjetivação na cidade**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006

Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf>>
Acesso em 12 out. de 2016.

MELA, Alfredo (1996). **A sociologia das cidades**. 1 ed. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1999. 253p.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Os cidadãos**. In: (Coord) JACKS, Nilda, MORIGI, Valdir, OLIVEIRA, Lizete Dias de. *Porto Alegre imaginada*. Porto Alegre, RS: Observatório Gráfico, 2012, p. 129-207.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (1999). **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2002. 393 p.

PECCINI, Daisy. **Arte do Século XX / XXI - Visitando o MAC na web**. Disponível em <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo5/fluxus.html>> Acesso em 12 out. de 2016.

RAMIL, Vitor. **A estética do frio**. Pelotas, RS: Satolep Livros, 2004. 56p. Disponível em <http://www.vitorramil.com.br/textos/Vitor_Ramil_-_A_Estetica_do_Frio.pdf> Acesso em 08 out. de 2016.

ROLNIK, Raquel (1988). **O que é cidade**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1995. 88 p.

WEBER, Maria Helena. **A cidade traída: recortes da mídia, do governo e da academia**. In: (Orgs) Ana Silvia Lopes, Davi Médola, Denize Correa Araujo e Fernanda Bruno. *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007 p. 247-276.

WILHEIM, Jorge (1928). **Cidades: O substantivo e o adjetivo**. 3 ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2008. 245p.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTA I: SHOOT THE SHIT

Entrevista realizada com Luciano Harres Braga e Gabriel Gomes, membros da Shoot The Shit

Como surgiu a ideia de criar a Shoot The Shit? Onde buscaram inspiração?

Luciano: Não teve na real uma inspiração, porque surgiu de uma conversa nossa de um evento, que uns amigos nossos estavam realizando o projeto “saco mágico”, que era um projeto de internet, nada parecido com a Shoot The Shit, mas nos inspiraram a ponto de querer fazer algo, querer tirar a bunda da cadeira e fazer algo que não fosse só propaganda, pois a gente trabalhava em agência. Então a inspiração veio daí mas isso não quer dizer que a gente sabia onde estava indo. A gente não tinha nenhuma base, nenhuma referência, que queríamos ser igual ou parecido, simplesmente começamos a nos reunir e pensar - o que podemos fazer de legal?, - o que temos na gaveta e podemos tirar?, já que na agência às vezes temos muitas ideias e elas não são aprovadas. E foi isso que nos deixou bem pilhados, porque no dia anterior, no dia que a gente estava nesse evento, a gente falou que tinha muita ideia nova na gaveta, então a Shoot The Shit nasceu dessa motivação de pegar essas ideias e colocar em prática.

Gabriel: A Shoot The Shit não nasceu para ser um coletivo de intervenção urbana, não nasceu para falar sobre causas sociais, não nasceu para nada, ela foi o nome que a gente deu para o espaço que a gente usava para tirar ideias do papel, que é a tradução, de “jogar conversa fora”, “trocar ideias”. Eentão nasceu daí, de uma motivação mega ingênua de querer fazer coisas e aí depois a gente viu que essas coisas tinham uma proposta mais profunda.

O que a Shoot The Shit propõe em 2016? Houve uma mudança de objetivos do grupo desde 2010?

Luciano: Quase totalmente eu diria, hoje a Shoot The Shit é uma empresa, é disso que a gente vive. Antes a gente fazia no tempo livre, quando a gente podia, sem dever nada a ninguém e hoje a gente se preocupa com um impacto social, com deixar um legado para a cidade. Somos uma empresa, temos funcionários, empregados e temos que pagar todo mundo, então talvez não tenha mudado o porquê, mas mudou o como.

Gabriel: E sem contar que a gente começa a assumir uma responsabilidade, então a gente está aqui agora falando sobre a nossa história, a gente começa a entender que uma reunião numa terça-feira ao meio dia pode desencadear uma série de acontecimentos, uma série de viagens, uma série de novas pessoas novas que podemos conhecer, uma série de convites, de empresas querendo que a gente faça alguns trabalhos. Então hoje a gente tem uma responsabilidade, a gente fala coisas e apresenta a nossa opinião e isso influencia a vida de muitas pessoas, então a gente tem que de certa forma cuidar o que fala, então aquela ingenuidade, aquele amadorismo, aquele desleixo que a gente tinha quando era um projeto paralelo hoje não é tão visto, a gente tem que se preocupar com quase tudo. Óbvio que a gente quer ter ambientes leves de trabalho, isso não significa burocratizar, mas tu começa a entender que o teu impacto realmente reverbera, então talvez a maior mudança seja essa, perceber que hoje a Shoot The Shit é uma marca que representa um estilo de comunicação, às vezes tu vê uma ação e diz - ah, essa ação tem cara de Shoot The Shit. Então a gente entende

que talvez a maior transformação tenha sido esse amadurecimento mesmo de percepção sobre o que a gente está de fato fazendo e o porquê que a gente está fazendo, no início era só pra ser feliz.

Luciano: A gente fazia ações porque a gente queria fazer ações, porque a gente tinha tempo, hoje não, hoje a gente tem compromissos, agenda, o que não te dá também tanto essa liberdade, até porque tu tem clientes, tem que pagar os funcionários, então não é tudo “a bangu” e desleixado que nem no início, quando a gente não devia nada pra ninguém.

Vocês possuem quantos clientes? E possuem parcerias com outros coletivos?

Gabriel: A gente tem dois clientes fixos, alguns que a gente não pode considerar clientes, que são empresas que já nos contrataram para fazer projetos, então são coisas mais pontuais. Não necessariamente a gente tem parceiros que trabalhamos juntos o tempo inteiro, mas a gente subjetivamente sente que faz parte de uma rede que se apóia, isso é fato, a gente apóia vários coletivos, tanto emocionalmente, financeiramente, em termos de conhecimento, troca muito, faz pontes, faz conexões, apresenta. E tem esses contratos, essas parcerias mais formais também. Mas acho que com relação a essa parceria de coletivos, é mais essa sensação de fazer parte de um movimento.

Luciano: É, e de se ajudar quando pode, assim como agora a gente está numa campanha de crowdfunding e um parceiro pode ter ajudado na comunicação, assim: - ah, eu vou postar na minha página porque a gente está junto nessa. Tem coisas mais pontuais, por exemplo a gente ajuda o Cais Mauá de Todos, fazendo a identidade visual, o Minha Porto Alegre, a gente também está sempre trocando figurinha, isso agora, assim, a gente tem esse conhecimento e vai ajudar vocês com esse conhecimento que vocês talvez não tenham, essa mão de obra. Mas também, dentro da rede tem vários pontos e tipos de interação assim dos mais variados tipos.

Quantos vocês são atualmente e como se distribuem no funcionamento interno do coletivo?

Gabriel: Somos seis, são dois diretores de arte, um redator, um diretor de criação que é o Luciano, um atendimento e planejamento que é o Arthur, e um comercial, novos negócios que sou eu (Gabriel) e a gente se distribui dessa forma. É óbvio que são seis pessoas então acaba tendo uma intersecção de trabalhos muito grande e acontece também de a gente tentar experimentar uma governança que é mais rotativa. Tem projetos que o Marcos toca, tem projetos que o Luciano toca, tem projetos que eu toco, tem projetos que em breve o Cássio e a Dai vão tocar, projetos que o Arthur toca, então a gente entende que dependendo do momento faz mais sentido ter uma outra pessoa na frente, uma outra pessoa sendo mais responsável, então acaba que a gente percebe que hoje os cargos representam as habilidades que cada um tem, e o que a gente quer na verdade é desenvolver a habilidade de todo mundo, a gente fala assim pra galera que tá na direção de arte e redação: - a gente não quer que vocês façam isso pra sempre, a gente quer que vocês hoje usem essa habilidade, mas desenvolvam outras, como dar palestras, gerir um projeto, dar entrevista, prospectar, fazer finanças, seilá, qualquer coisa

Luciano: É isso, são os 6, esses são os cargos, mas não são prisões, a gente trabalha muito com a multidisciplinaridade.

Como vocês lidam com os custos, despesas e rendas das ações?

Gabriel: A Shoot The Shit já quase terminou muitas vezes por causa de grana. Hoje a empresa é financeiramente sustentável, ela não dá muito lucro, só que ela se sustenta, todo mundo tem um salário, a gente paga um aluguel, a gente tem custo de google, de Facebook, e tudo isso está dentro de um valor total por mês que a gente tem grana pra pagar então ela se sustenta. Mas durante 80% da vida da Shoot The Shit, a gente operava numa lógica de projeto paralelo que não tinha caixa, o que entrasse era uma boa e a gente dividia, podia ser 1, 3 ou 3 mil reais, depende de o que a gente fazia, então sempre foi um perrengue saber se no ano seguinte ou mês seguinte a gente conseguia trabalhar na Shoot The Shit porque a gente não tinha grana, inclusive a Shoot The Shit nasceu e viveu boa parte (4 anos praticamente) como projeto paralelo, a gente tirava a grana do próprio bolso e botava pra ver a coisa acontecer. Aí começaram a vir os primeiros projetos, palestras, tudo mais, aí tinha um caixinha. Hoje nós temos clientes, os projetos a gente tenta vender no custo real das coisas, não tenta ficar fazendo tanta parceria pra só fazer a coisa acontecer e tá ok, então tem esse custo fixo, salário de todo mundo, uma entrada certa por mês dos clientes fixos e uma entrada variável que é de projetos pontuais que a gente fecha.

Conforme foi encontrado no site de vocês, “Idealizamos projetos criativos para comunicar causas de organizações, mobilizar pessoas para ação e deixar um legado positivo para a cidade”. De que forma vocês acreditam que as ações da Shoot The Shit podem transformar o espaço público da cidade?

Luciano: Eu acho que, uma palavra que a gente usa bastante, que a gente gosta que é microrrevolução, que é acreditar que uma ação pequena pode ter um resultado escalável, muito maior do que se está propondo ali naquele momento, então a gente fez o *Cadeiraço* no ano passado que foi quando a gente levou as cadeiras pra rua, então era uma rua de uma cidade inteira com várias pessoas, cada uma com sua cadeira, mas quando tu vê em São Paulo estavam replicando a ação, estava saindo na Zero Hora, tinha alguém filmando, tinha alguém tirando foto, e quando vê muito mais pessoas que foram no evento são impactadas né, e começam a fazer parte dessa conversa né, acho que microrrevolução é começar uma conversa e toda vez que tu começa uma conversa ela pode ganhar uma proporção bizarra né, como foi a dos ônibus que a gente começou uma conversa sobre sinalização na parada e quando vê a gente ganhou um prêmio do The Guardian em Londres, então é isso, a gente jamais imaginou que ia ganhar, ou o vídeo dos buracos, que quando vê está em tudo que é lugar. Então eu acho que essa forma de impactar é começar uma conversa com as pessoas pra elas saberem certas coisas que muitas não sabem e dependendo da relevância, do momento, de variáveis que às vezes a gente não controla, essa conversa pode crescer e mudanças reais podem acontecer, como aconteceu no caso do golfe que taparam os buracos, por exemplo. Às vezes é uma mudança meio subjetiva, ou uma mudança de percepção, algumas pessoas começaram a perceber que sentar na rua é importante, mas nada foi feito, nenhum “buzz” novo foi gerado mas às vezes é a placa do ônibus que colocam, uma mudança realmente real.

Gabriel: Somando ao que o Braga falou, tem muito uma questão também de senso de pertencimento, microrrevolução, dependendo do estilo dela, ela te faz pensar de uma forma diferente e muito do que a gente percebeu como potência nos projetos, por mais simples que eles fossem (nos primeiros projetos a gente não gastou quase nada), esse “tirar da zona de conforto”, essa surpresa, esse ineditismo, esse inusitado faz com que tu olhe para o lugar onde tu estás de uma forma diferente, fale: “- ah que coisa aleatória”, chega em casa conta a história, posta no twitter, ou tire uma foto e poste no instagram, no Facebook. Na época não

existia a hashtag, mas agora tem uma hashtag que vão ter outras pessoas conversando sobre aquilo depois, E quando tu mexe na cidade, tu entende que a cidade é tua também e aí isso muda a tua relação com ela. Então tudo que a gente fez na Shoot The Shit de alguma forma foi para entregar esse poder para as pessoas, assim olha: “faz também”. A gente não esconde nenhum projeto, a maioria deles tem um PDF para baixar no nosso site. E aí é isso, acho que essa proposta de entregar poder para as pessoas ela não é tão intuitiva para a maioria das empresas. A gente já fez uma caixa que enviava para as pessoas e elas recebiam intervenções urbanas, pô, se elas iam fazer ou não aí era com elas, mas tava ali sabe, vai pra rua, faz, mexe na frente do teu prédio, onde tu se sente mais confortável e a gente acredita que isso mude a percepção das pessoas.

Me parece estar se construindo uma forte mobilização de ressignificação dos espaços na cidade. Vocês poderiam apontar possíveis causas para esse fato? Vocês concordam com isso? Quais são as percepções de vocês em relação a essa “nova onda” que se vê em Porto Alegre?

Luciano: Eu acho que sim, concordo que esteja existindo essa nova reapropriação, acho que um dos motivos é que por muito tempo a gente foi desapropriado, vamos supor assim, o ambiente urbano não era convidativo em grande parte dos espaços e acho que chega uma hora que as pessoas se irritam, de uma forma sentem falta, ou talvez através de começarem a ter mais informação, mais acesso ao conhecimento, começam a mudar sua mentalidade perceber que realmente “aqui essa praça está abandonada”, eu não sei o que motivou isso exatamente, mas eu acho que é muito por tu ter mais acesso hoje a outras realidades e ao ver outras realidades, um exemplo claríssimo é tu ir para uma cidade um pouquinho melhor da Europa e tu volta aqui na hora e vê que tem uma coisa que está muito errada aqui. Então hoje como todo mundo tem mais acesso para saber como é que são essas cidades e como funcionam, acesso à estudo de pessoas que escreveram sobre isso, sobre políticas públicas, tu chega aqui, anda uma quadra e vê, isso não funciona, isso não está certo, e se a pessoa tem vontade ela começa a fazer algo e felizmente hoje tu também tem mais ferramentas para fazer as coisas. Antes tu queria fazer um evento público e seilá como se fazia antes do Facebook. Eu fazia festa no IBGE com uns amigos meus e a gente tinha que sair nos estacionamentos da cidade baixa colocando flyer nos vidros, porque não existia outra forma de atingir as pessoas, e quanto mais flyers tu colocava, mais pessoas iam na festa. A mesma lógica do Facebook, quanto mais tu convida, mas gente vem. Então acho que com essas ferramentas tudo ficou mais fácil. O acesso, às ferramentas e a precariedade das cidades catalisaram a parada, se fosse bom não precisaria mudar.

Gabriel: E eu colocaria mais uma coisa, que na real é decorrente do acesso, da informação, que esse acesso à informação na real está desencadeando um outro momento no nível de consciência das pessoas, tipo elas não estão só tendo essa informação, elas estão pensando de uma forma diferente, óbvio que não é todo mundo ainda, está longe de ser, mas tu percebe hoje que as pessoas se questionam sobre muito mais coisas que se questionavam a cinco anos atrás. Como: “não estou feliz com meu trabalho”, “meu prefeito é um lixo”, “vou votar nulo”, “a economia do meu país e isso ou aquilo”, “meu deus, como as pessoas seguem tratando os negros assim”, “meu deus, o que estou fazendo da minha vida”, “qual é meu propósito”, direito da mulher, dos homossexuais, dos negros, do pobre, do índio. Tu começa a entender que a vida é muito maior do que o teu apartamento e teu carro. E somando com isso que o Braga falou das ferramentas, de estar cada vez mais fácil de fazer, agora é só um compilado

de coisas no mesmo universo. Se a gente quiser ir para rua agora e fazer uma intervenção a gente consegue, a gente tem ideias, podemos ir na internet, baixar referências, computador, impressora e pronto, acabou.

Então vocês não consideram que isso é um fato isolado em Porto Alegre?

Luciano: Não, em várias cidades, espalhadas pelo mundo.

E vocês tem algum contato com pessoas de outras cidades, de movimentações que estão acontecendo? Exemplos?

Gabriel: Sim, pô em São Paulo, o pessoal do *Largo da Batata*, *Bike Anjo*, *Imagina na Copa*, o *Poste de Parede*, o *Mapa Daqui*, no Rio de Janeiro o *Meu Rio*, *Zebu*, *Matéria Brasil*, toda galera das ocupas dos colégios, ocupa faculdade, ocupa tudo.

A internet e suas possibilidades faz com que alguns autores sustentem um declínio das cidades e dos espaços públicos, já que agora o envolvimento e entretenimento podem ser substituídos por um contato que não é necessariamente físico ou visual, mas sim virtual. Outros autores, porém, acreditam numa versão otimista de que a comunicação direta e a comunicação por via informática não estão destinadas a colidir, mas antes a reforçar-se reciprocamente. De acordo com a experiência de vocês, como vocês enxergam essa relação entre cidade e internet?

Luciano: Eu concordo que ao invés de colidir, elas se somam, eu acho que existe a questão cíclica da vida que é tipo assim, a partir do momento que todo mundo fica muito tempo online e conhece as novas tecnologias, muda seu comportamento e quando vê começa a sentir falta da parada, sentir falta da rua e começa a haver um movimento de retomada e depois pode rolar um movimento de estar muito na rua e querer voltar para a internet. Então tudo eu acho que é cíclico, mas acho que uma coisa se apóia na outra. Hoje tu confirma num evento no Facebook, porque é de graça e tu não sabe se vai, mas daí uma pessoa posta uma foto durante o evento e tu pensa “ah, sepa eu vou”. Antes tu não teria como saber como está o evento enquanto ele está acontecendo e hoje tu tem chance de saber “bah tem muita gente, então eu vou”, “ah tem um amigo que postou que está lá então eu vou” e acho que facilita muito.

Gabriel: Por outro lado, eu acho que a gente começa a ver que toda essa evolução, ou essa involução traz oportunidade, tipo hoje se a gente quiser operar da praia, a gente consegue, hoje se tu quiser ter um estúdio de design em Inhotim tu consegue, hoje se tu quiser tu pode se afastar, se tu não quiser, tu não precisa, as pessoas (óbvio que a gente está falando aqui de uma classe média bem sucedida, que tem dinheiro para comprar uma passagem de avião), mas as opções parecem ficar mais viáveis e aí se tu quiser viver esse universo urbano caótico e cinza, tu pode. Se tu quiser viver num universo rural verde e calmo tu pode, talvez mudem algumas questões na tua vida mas essa opção existe e eu acho que o legal é as pessoas terem opção, elas não estarem presas ao que se estabelece como o certo.

De acordo com Ferrara (2008), a cidade pode ser vista num plano midiático, na qual é produtora de ações e comportamentos, que se caracteriza de forma prática e se revela como mediação na grande experiência coletiva. Desse modo, passa-se da comunicação

emissor-receptor para a compreensão da organização que estabelece vínculos comunicativos, não através do que é dito, mas do modo como é dito. Com base nessa afirmação, quais são os pontos relevantes na hora de planejar uma ação?

Luciano: Tem alguns critério que a gente gosta de contemplar, como por exemplo: ser barato (isso desde a época em que era um projeto paralelo), outro é a replicabilidade, que é tu ter esse efeito não só aqui nesse lugar, mas ter grandes chances de isso ser replicado em outros lugares que ajudem a ideia a ganhar escala. Então tu faz um adesivo de parada de ônibus que pode ser feito em qualquer parada de ônibus do mundo praticamente, então isso “ganha pontos”, então acho que são coisas que dão pontos mais para a ideia. Obviamente a criatividade é importante, fazer algo que chame a atenção da pessoa, que tire ela da sua zona de conforto, que tire ela do seu caminho tradicional, que veja que tem algo diferente acontecendo.

Gabriel: Tesão pela ideia. Por mais que algumas ideias teriam vários pontos, replicabilidade “check”, impacto “check”, tem que dar tesão de fazer, fazer o olho brilhar, isso é muito intangível mas a gente conta muito também. O paraíso do golfe por exemplo nasceu assim, não teve “checks” nenhum, a gente só chegou com o taco de golfe e pensou “e se a gente jogasse golfe nas ruas?” deu tesão na hora, não teve planejamento, metodologia, estrutura nem processos, foi só “e se a gente fizesse tal coisa”. Mas eu concordo com o lance do Meio é a mensagem, porque o sucesso de um projeto dessa natureza, é conseguir fazer com que a pessoa perceba e saia do campo da paisagem tradicional, porque hoje tudo é paisagem, na internet, rolamos o feed de notícias e passamos por diversos anúncios, que são só paisagem, e na cidade também tudo é meio paisagem, a gente não repara nas coisas e acho que o sucesso de uma intervenção urbana, de um evento ou uma festa na rua, uma calçada bonita é fazer a pessoa olhar, pelo menos e tem um pouco dessa coisa de “ah eu não acredito que os caras escreveram te amo no tapume do prédio da Goldsztein, que afude”, então tem essa coisa do choque e talvez um dos critérios seja exatamente esse, o quanto isso vai despertar a atenção das pessoas, que é a grande moeda hoje em dia, a atenção. Tem gente que faz isso comercializando produtos e tem gente que faz isso tentando fazer ela pensar sobre os vizinhos, sobre mobilidade urbana, sobre buraco na rua e assim por diante. Mas pra nós, a palavra replicabilidade é muito importante, porque de novo, poder para as pessoas. O que adianta a Shoot the Shit gastar 10 mil reais, fazer uma puta intervenção urbana aqui e a gente acredita que tem que dar poder para as pessoas só que qual a chance de uma ideia de 10 mil ser replicada? E qual a chance de uma ideia de 100 pila ser replicada? Maior, então a gente justamente tenta fazer barato para validar a ideia de replicabilidade da coisa.

A Internacional Situacionista (1954) foi um grupo que lutava contra a não-participação, a alienação e a passividade da sociedade. Tinham como interesse mostrar a importância do meio urbano como terreno da ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra monotonia, ou ausência de paixão da vida cotidiana moderna. Vocês já ouviram falar nesse grupo? Acreditam que é possível estabelecer uma relação entre o grupo e o trabalho de vocês?

Luciano: Associao cem por cento, acho que volta o papo dos ciclos das coisas, anos 60 era o movimento hippie, eles viviam num momento de muito padrão “palha” e teve todo o movimento do paz e amor contra isso. Depois talvez tenha um outro movimento do paz e amor que acabou e hoje tem esse novo movimento de retomada do espaço público e é isso, as pessoas perceberem que as pessoas são monótonas, que não existe mais amor, então

começam a surgir coisas em vários lugares diferentes, ao mesmo tempo, com ideias parecidas mas que não se conhecem ainda e não combinaram nada, então por isso que eu também me vejo muito nisso aí. A gente está numa época em que muita coisa aconteceu com essa vibe e talvez daqui a pouco já diminua e comece um novo movimento e é ok, as coisas acabam assim. E acho que nesse momento perto das eleições, a gente está vivendo um momento de fechamento, vamos supor, porque a gente viveu uma abertura ali nos anos 2010 de políticas públicas, de sociedade, de coletivos surgindo e agora tu vê nas eleições que a maioria dos políticos são de direita né

Gabriel: Eu vejo que os ciclos estão ficando muito mais rápidos. A coisa começa e termina muito rápido, tanto uma empresa, quanto um movimento, uma iniciativa, um coletivo, uma tendência, todo ano sai um report das 100 tendências de 2017, 2019, etc. Dessas 100 tendências 5 vão ser de fato tendências mesmo. E eu lembro que em 2011 a gente até foi referenciado num *report* do Trend Watch numa tendência chamada “*I Love my city*” e a Shoot The Shit com o “Que ônibus passa aqui?” foi o exemplo da tendência e foi muito afudê, só que junto dela tinham outras coisas, outros movimentos no México, Estados Unidos, em Londres, aí tu percebe que de novo a inteligência coletiva de fato emerge ao mesmo tempo e os ciclos estão ficando mais rápidos.

APÊNDICE B - ENTREVISTA II: SERENATA ILUMINADA

Entrevista realizada com Renata Beck, idealizadora da Serenata Iluminada.

Como surgiu a ideia de criar a Serenata Iluminada? Onde buscaram inspiração?

A ideia surgiu de maneira muito espontânea e sem pretensões numa reunião do Porto Alegre cc. Eu tive a ideia e expus para o grupo, mas a ideia virou um projeto e foi colocada em prática por MUITAS pessoas que ofereceram ajuda! A Daniela Furlan, que eu nem sequer a conhecia até então e, por um acaso e muita sorte, estava do meu lado na reunião. Ela abraçou comigo a causa e também é autora do projeto.

Vocês possuem parcerias com outros coletivos?

Nós nunca nos denominamos um coletivo. Talvez tenhamos sido um coletivo durante a organização das primeiras Serenatas, mas sem a intenção de sê-lo formalmente. Mas hoje o evento é organizado de maneira totalmente orgânica e horizontal por qualquer pessoa, grupo ou coletivo, sem qualquer autorização dos autores e organizadores das primeiras edições. O que eu acho maravilhoso!

A partir da Serenata eu percebi a formação de alguns coletivos. Certamente antes disso eles estavam ocorrendo, mas talvez a Serenata tenha sido um catalizador não somente pra mim, mas pra quem se envolveu na sua organização. Alguns desses coletivos eu participei, mas muitos já se dissolveram, mas certamente suas ideias seguem contaminando muita gente.

Quantos vocês são atualmente e como se distribuem no funcionamento interno do coletivo?

Conforme respondi antes, não somos um coletivo, mas na época diversas pessoas se propuseram a ajudar de maneira voluntária. Vou citar alguns nomes muito importantes para a primeira edição, mas é possível que eu deixe alguém de fora.

- Pedro Loss (gerencia a página do Facebook da Serenata hoje e organiza com sua esposa o Piquenique noturno no Parcão)
- Daniela Furlan (hoje mora em Salvador). Eu considero a Dani autora do projeto tanto quanto eu.
- Aline Bueno (Vila Flores)
- Mariano Beck (Caminhos Livres)
- Gustavo Bozzetti
- Heloisa Medeiros
- Pauta Assessoria (Vera e Bianca Carneiro) ajudaram muitíssimo na divulgação do evento na mídia

Como vocês lidam com os custos dos eventos?

Não temos custos.

Segundo a descrição encontrada no Facebook, “ a ocupação dos espaços públicos da cidade, em prol de mais segurança, do direito a cidade, para que todos possam compartilhar os parques, as ruas, com os amigos, vizinhos, familiares, enfim, com todas

as pessoas, também a noite”. De que forma vocês acreditam que a Serenata Iluminada pode transformar a realidade da cidade à noite?

Eu acredito que a ocupação das ruas, calçadas, parques e praças pelas pessoas não somente durante o dia como também a noite deveria ser uma prática natural e cotidiana. Mas, na minha opinião, Porto Alegre anda no sentido contrário dessa ideia, fazendo com que os espaços públicos sejam vistos como abandonados e perigosos.

Eu acho que a Serenata Iluminada foi uma oportunidade dos seus adeptos “experimentarem” uma nova maneira de ocupar os espaços públicos.

A Serenata, por sua repercussão na mídia e nas redes sociais, chamou a atenção das pessoas e do poder público para algo que não estava sendo pensado antes de maneira tão clara. No entanto o evento deu tão certo, no meu ver, pois traduziu uma vontade que já estava latente nas pessoas, caso contrário, não seriam tantos adeptos, nem a Serenata teria sido replicada tantas vezes. Certamente esse pessoal está repensando suas ideias com relação a maneira com a qual se se apropriam da cidade onde vivem.

A internet e suas possibilidades faz com que alguns autores sustentem um declínio das cidades e dos espaços públicos, já que agora o envolvimento e entretenimento podem ser substituídos por um contato que não é necessariamente físico ou visual, mas sim virtual. Outros autores, porém, acreditam numa versão otimista de que a comunicação direta e a comunicação por via informática não estão destinadas a colidir, mas antes a reforçar-se reciprocamente. **De acordo com a experiência de vocês, como vocês enxergam essa relação entre cidade e internet?**

Eu concordo muito mais com a segunda ideia do que com a primeira. A caça aos Pokemons está aí pra provar essa relação.

A partir dos trabalhos de Jane Jacobs (1992), nos Estados Unidos, pode-se afirmar que a rua (movimentada, frequentada) fornece única segurança possível contra violência criminal (roubo, estupro, agressão). **Vocês acreditam que essa teoria se aplica a Porto Alegre, a movimentação na rua melhora a segurança? Por quê?**

Não acredito que a rua movimentada e frequentada seja a única opção possível de segurança, mas a mais eficiente. No entanto para que a rua se torne convidativa para sua ocupação, o poder público precisa suprir a cidade de alguns elementos básicos tais como: mobiliário urbano, iluminação pública não somente para os carros como para os pedestres, calçadas sinalizadas e regulares. Enfim, são muitas as medidas possíveis para o melhor aproveitamento dos espaços públicos em prol dos cidadãos que contribuem financeiramente para sua manutenção.